



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.com](http://lelivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# **Confissões do Homem Erótico**

**Udson Souza**

## **CONFISSÕES DO HOMEM ERÓTICO**

é um romance atual, ambientado na frenética cidade de São Paulo, com suas multidões de anônimos e invisíveis, personagens desvairados, ébrios, ocultos, indecifráveis.

Narrativa urbana, antenada com uma geração fragmentada, difusa, que muitos denominam, por isso mesmo, “sem cara” definida.

Desafiando tabus, preconceitos e falsos moralismos, *Confissões do Homem Erótico* é um mergulho no universo do erotismo contemporâneo em suas mais variadas facetas. O livro é dividido em três partes: *Maioridade, Versatilidade e Interatividade*



## **UDSON SOUZA**

Mineiro de nascimento, formação acadêmica em filosofia, escritor, poeta, romancista, autor de Demônios do Sertão:

Uma História de Salvação e Morte – Fábula do Sertão Antigo Cracolândia S/A – Crônica do Tráfico de Drogas no Crime Organizado, Cracolândia Inferno Central, participação in Antologia de Poesia Brasileira Contemporânea Vol. II e II.

Hobbies: música, cinema antigo, jardinagem

Mora no Brás, centro velho da cidade de São Paulo, Brasil

### **Redes Sociais**

<https://twitter.com/UudsonSouza7>

<https://www.facebook.com/people/Uudson-Souza/100000120722782>

Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização.

*O Mal-Estar na Civilização*, **Sigmund Freud**

### **Introdução**

Eu me desligara da agência havia dois anos e morava em um simpático e confortável apartamento em Moema, bairro nobre de São Paulo. O edifício era discreto, insuspeito, apropriado às minhas necessidades pessoais e, por que não dizer, ocupacionais, quando necessário. Esclareço.

Pois, seria leviano da minha parte, comigo mesmo (e em especial com as leitoras), não admitir, desde o início, sem escrúpulos ou rodeios, o que realmente sou: um amante do prazer e do sexo. Essa é a verdade elementar.

Diferentemente do que possa parecer à primeira vista, não me incomoda nem um pouco o rótulo *amante de mulheres*, *Don Juan* ou outro do tipo. Até me dá certo orgulho e, intimamente, aguça minha vaidade.

Aprendi, ainda jovem, nos meus dezesseis anos, que nome se dá e se recebe: você é o José, eu sou o João, e é só – cada qual que interprete como queira ou achar melhor.

Na verdade, me conhecem por Manfredo, ou Fredo, que é meu nome de *guerra*. Já meu nome de família e de registro não importa (a não ser para questões legais e financeiras, é claro). Mas o que de fato interessa nesta narrativa é pura e simplesmente a vida de Manfredo até hoje, data em que completo trinta anos. Explico.

Este relato, no que diz respeito à forma, é a tentativa de reunião ordenada de outros relatos menores. Seu ponto de partida e referência são os registros e anotações feitos ao longo dos últimos doze anos de existência e aprendizado. Na falta de uma denominação, de um nome apropriado para o que se segue, trata-se aqui, sobretudo, de um testemunho.

Na realidade, desde o instante em que me envolvi definitivamente na arte do prazer e do erotismo, passei a registrar, um a um, de forma resumida, meus compromissos e encontros em agendas de capa dura, que destinava somente para esse fim.

E aí, outro dia, por acaso, quando colocava em ordem – o que raramente acontecia – a pequena biblioteca da sala, encontrei uma caixa repleta das agendas. Contei vinte e uma: a mais antiga datava de 1991; a última, de março de 2002.

Hoje, como a maioria das pessoas em seus negócios e atividades, utilizo agenda eletrônica, e assim cedo ou tarde acabo apagando os agendamentos e anotações – conseqüentemente, perco os registros.

Resolvi, portanto, fazer uso das vinte e uma agendas e contar, antes que seja tarde ou falhe a memória, porém nem sempre de forma linear, a história desses anos de aprendizado na arte da sedução e do desejo; pois minha vida privada se confunde intimamente com a minha *profissão*, com as aventuras e os envolvimento eróticos acumulados ao longo do tempo. *Casanova*, *Don Juan*, amante de mulheres, ou mesmo *gigolô*... não importa mais o nome. Nome se dá e se recebe. O que importa são os fatos – os fatos considerados em si mesmos, sem reservas ou falsos moralismos.

Um lembrete. Não serei aqui condescendente, quer se trate de emoções ou sentimentos, quer seja com pessoas ou situações, inclusive as que me foram desfavoráveis ou danosas.

São Paulo, primavera de 2003.

# Maioridade

## 1

*Onde Fredo conta sua história: a morte prematura dos pais, a ida para a antiga casa da avó, em Pinheiros, sua iniciação amorosa com a tia Helô*

Em 1991, mais precisamente em outubro, eu completara dezoito anos. Enfim, a maioridade. Para um homem, isso tem uma importância fundamental. Significa poder fazer e deixar de fazer, dizer não, não necessitar de permissão para frequentar e desfrutar o que é reservado somente aos

maiores e proibido aos que estão a um degrau abaixo. Em suma, pela lei, o homem se faz aos dezoito – e ele acaba acreditando nisso.

Não foi diferente comigo.

Na época morávamos em Pinheiros: eu, minha única irmã Daize, minha avó Carlota, tia Heleonora e Zazá, a empregada da família. A casa era um sobrado antigo, acinzentado, por isso mesmo de aparência sombria – herança do meu avô materno. Dois anos antes, meus pais haviam morrido em um trágico acidente de carro na Anhanguera. Foi um episódio terrível, traumático, cheio de dor e sofrimento, sobre o qual me abstenho de tecer comentários. Basta dizer que minha avó, ótima pessoa, assumiu nossa guarda e, auxiliada pela tia Helô, passou a cuidar com raro zelo dos dois pobres órfãos.

Desse modo, vivendo num ambiente marcado pela presença feminina, certamente essa condição influenciou de forma decisiva minha maneira de ver, sentir e interpretar as mulheres.

Tia Heleonora foi uma dessas mulheres. Nunca se casou. Perto dos seus quarenta anos, ela era uma presença quase obsessiva em minhas sessões *solitárias*. Eu a desejava ardentemente, desde o início da adolescência: os cabelos castanho-ondulados, a pele branca e impecável, a boca pequena, bem desenhada, e a expressão sonhadora davam-lhe uma graça fora de moda, mas que me excitava profundamente.

Portanto, assim que eu e minha irmã nos estabelecemos no sobrado, Heleonora se encarregou dos nossos estudos regulares com extrema solicitude. Tomava as lições do dia, lia atentamente nossos cadernos escolares e, sendo mestre em matemática, nos ajudava a solucionar os problemas de álgebra e geometria.

As aulas particulares eram dadas individualmente. Quando chegava a minha vez, eu me perfumava com as loções e colônias exóticas de minha avó, só para arrancar algum elogio da tia Helô. Depois, sentado bem próximo a ela, apesar de certa timidez e reserva, não me sentia inibido de, acidentalmente e meio sem jeito, deixar minha perna roçar delicadamente a dela.

No início Heleonora recuava pudica, reservada; mas, pouco a pouco, talvez excitada com o roçar das pernas e coxas, ela se deixava ficar, remexendo-se inquieta na cadeira, provavelmente transtornada pelas ondas de calor advindas daquele sutil mexe-mexe.

Com o tempo, minha ousadia foi crescendo (acredito que também a dela), e numa tarde de calor sufocante, sem que Helô tivesse tempo de reagir, apliquei-lhe um escandaloso beijo na boca – beijo de língua. Para minha surpresa, Heleonora correspondeu loucamente à pressão dos meus lábios nos dela, colando seu corpo ao meu.



Assim, só nos demos conta do barulho na sala quando a luminária da mesa se espatifou no chão. Tomados pelo susto, olhamos em volta e nos surpreendemos atacadados um ao outro, como animais famintos, entre livros e folhas de papel.

Na noite daquele mesmo dia, com o coração saltando no peito, deslizei sorrateiramente pelo corredor escuro do andar superior do sobrado e alcancei o quarto. Esperei alguns instantes, no silêncio das sombras, a respiração descompassada. Por fim, empunhei a maçaneta da porta e lentamente girei o mecanismo. A porta se abriu e se fechou às minhas costas, com um leve rangido. Tateando na escuridão, pude vislumbrar o vulto na cama e sentir o cheiro suave de almíscar que exalava do leito. Heleonora reclinou-se em minha direção e tomou-me a mão trêmula – a dela era morna e suave ligeiramente. Ela me puxou contra seu corpo branco e macio – estava nua.

Aquela foi a primeira noite de um homem. Na verdade, Heleonora foi a primeira mulher que me possuiu na cama, no calor do sexo. Não posso negar que por quase dois anos me transformei naquela espécie de amante furtivo, noite após noite me esgueirando pelos corredores escuros e silenciosos, entre sussurros e sinais de advertência, vivendo intensamente a paixão proibida com a tia, uma mulher mais velha e experiente.

Ninguém nunca soube de fato o que havia entre nós. Minha avó era condescendente com nosso clima de sedução, achava natural e inofensivo; minha irmã era uma completa tola nos seus treze anos; a empregada parecia não se importar, era uma peça impassível da casa.

Heleonora, por sua vez, logo nos primeiros encontros, me ensinou a discrição e o recato – coisas que as mulheres têm em alta consideração, principalmente na condição da minha tia; na realidade, uma falsa puritana. Aprendi com ela o amor convencional – isso devo a ela.

Heleonora era uma romântica e me tomou como seu pequeno príncipe numa vida carregada de carências afetivas. Fui seu pequeno salvador das horas de solidão; seu amor era morno e calmo, e ela acreditava estar me fazendo um bem ao me iniciar amorosa e sexualmente: uma paixão segura e reprimida – por assim dizer. Não era culpa sua. Pelo que compreendi, nunca, em toda a sua vida, havia se apaixonado de fato, e parecia não se incomodar com isso.

Portanto, nossos encontros eram metódicos, regulares e cumpriam sempre o mesmo ritual. Heleonora jamais me deixou tomar maiores liberdades além das que ela mesma estabelecia; quando eu ousava um pouco mais, ela me continha. Heleonora era suave, perfumada, mas jamais uma mulher ardente.

*Comentário. Ela me “amou em segredo” e, no final, não me deteve quando deixei aquela casa dois anos mais tarde.*

*O encontro com Lorrane ou do amor platônico*

Mas, antes de isso acontecer, houve outro fato importante. Chamava-se Lorrane. Ah, esse nome! Ainda hoje sinto um estremecimento, certa comoção quando repito mentalmente *Lor-ra-ne*. Não sei explicar. Foi a primeira e única experiência de amor, diria, *platônico* em que me envolvi.

Durante meu caso secreto com Heleonora, eu não deixara de me interessar pelas mulheres em geral. Tinha dezesseis anos, e aquela relação quase incestuosa, vivida no romance com a tia sob o mesmo teto, me provocava uma onda de desejos incontroláveis.

Sem dúvida, foi a partir daí que passei a cultivar o olhar de sedutor. Ouvi, mais de uma vez, dos lábios de diferentes mulheres, algum comentário sobre o meu olhar, no tocante à maneira como as encarava e as solicitava para o amor. Apesar da idade, acredito que isso já acontecia. Olhava as mulheres com intenso desejo, e esse fato não passava despercebido.

Lorrane morava no edifício em frente à nossa residência. Nessa época, Pinheiros passava por novo *boom* imobiliário e antigas residências eram transformadas, da noite para o dia, em condomínios de classe média. Nos anos em que morei no sobrado, pude testemunhar o processo acelerado de transformação da região. Isso no início da década de noventa.

Portanto, Lorrane era a adorada vizinha.

Meu quarto, no pavimento superior da casa, permitia uma visão privilegiada do apartamento, mais precisamente do aposento onde ela dormia. Por várias vezes nossos olhares se cruzaram casualmente, assim de viés. Depois, como por cúmplice acordo, passamos a nos ver em horários certos.

Debruçada na janela, cabelos ao vento, negros, longos e corridos – eu a observava do sobrado, projetando o corpo para frente, na tentativa de poder fixar-lhe o olhar, apesar da distância. Ela se mostrava interessada, curiosa, porém reticente.

Assim, não contendo o ardor da excitação que me inflamava, algum tempo depois comprei um binóculo e passei desse modo a viver intensamente o *voyeurismo*. Se no início Lorrane criara algum obstáculo, fechando a cortina ao se vestir ou despir, pouco depois foi-se descontraindo e já afastava parcialmente o cortinado, deixando o caminho livre para o meu olhar indiscreto.

Ah, querida Lorrane! Por quantas vezes o desejo consumiu horas do olhar apaixonado. Ainda hoje retenho a visão do corpo da ninfeta – Lorrane não teria mais que treze anos: a cor pálida da pele, as curvas

delicadas em vias de transformação, os seios despontando durinhos, róseos e firmes, saltitantes à medida que os movimentos da ninfa se agitavam pelo quarto. Sinto não ter podido sentir-lhe o cheiro, beber-lhe o aroma, tocar delicadamente a extensão do frágil corpo, que de longe me parecia macio, perfeito nos seus contornos e detalhes mais íntimos.

Esse estado de coisas perdurou por um tempo; talvez quatro ou cinco meses. Nunca chegamos a nos falar. Quando acontecia casualmente um encontro, desviávamos o olhar e ficava por isso mesmo. Nossa paixão *platônica* não nos permitia qualquer aproximação para além do olhar do *voyeur* face ao exibicionismo enrustido, inocente de Lorrane.

Assim como surgiu, se foi. Por motivo ignorado, que inconscientemente jamais procurei saber, Lorrane mudou-se com os pais. Permaneci ainda por algum tempo observando o apartamento vazio através das lentes, mas não havia nada. Apenas o rastro de Lorrane e certa depressão produzida pela sua ausência.

### 3

#### *Fato amoroso: o ciúme*

Neste meio tempo, Heleonora, com o seu incrível *faro*, desconfiou do movimento às suas costas e passou a me observar com mais atenção. Depois, de forma até mesmo policialesca. A mudança nos meus hábitos era tímida, porém, na época, eu não sabia muito bem dissimular as próprias emoções.

Só mais tarde foi que aprendi a arte da dissimulação. A experiência com Lorrane e a exacerbada demonstração de ciúme por parte de Heleonora contribuíram ainda mais para minha reserva no que dizia respeito às mulheres.

Ao contrário do que possam imaginar, sou até certo ponto contido, retraído no trato com as mulheres em geral. Possuo a desenvoltura necessária para entrar e sair de ambientes, sejam eles sofisticados, comuns ou ordinários. Sei quando me faço notar e, principalmente, quando não devo fazê-lo.

Desse modo, apesar da inexperiência, consegui me desvencilhar do ciúme de Helô, simplesmente negando toda e qualquer intenção ou ação. Heleonora não tinha nada de concreto ou palpável, além de suposições; e eu me mostrei profundamente ressentido, quase irritado, com suas suspeitas e desconfianças, que acabavam em enervantes cenas de ciúme.

—

A experiência do ciúme é uma coisa interessante, podendo às vezes ser terrível. Sem dúvida é um sentimento suspeito e incerto. Em sua forma exacerbada, o ciúme gera angústia, mágoa, sofrimento; torna aflitos e infelizes os amantes, levando-os à ruína. Conheci – em alguns casos como testemunha ocular – homens e mulheres dos mais variados tipos que

sucumbiram e literalmente arruinaram suas vidas. Nesse sentido, o ciúme é a causa principal dos crimes de paixão – quase sempre violentos e com generosa dose de perversidade.

*Comentário. Certo filósofo maldito, discursando sobre o fato amoroso, disse, se bem me recordo, que entre o amor e o ódio há o dedo implacável do ciúme. Assim também eu o entendo e, no correr das minhas atividades, procurei sempre guardar segura distância desse impiedoso inimigo. Foi o que fiz até hoje – e com certo êxito. As exceções existem, mas a regra prevalece.*

Lembro-me com clareza do que aconteceu ao Douglas logo nos meus primeiros meses como *escort*. Por um breve período, Doug chegou a ser um modelo ao mesmo tempo em que uma incógnita para mim. Ele possuía características que eu admirava – habilidade, desenvoltura e um irresistível charme “decadente”.

As mulheres, principalmente as mais refinadas, após o primeiro encontro, invariavelmente o requisitavam outras vezes. A orientação da agência era para mantê-las realizadas, felizes e ‘fiéis’, porém sob controle. A gerência não perdoava desvio de conduta. Éramos monitorados a distância no que dizia respeito a encontros particulares com clientes. Para a agência, claro, era prejuízo. Argumentavam a respeito de segurança e sigilo, requisitos fundamentais para o sucesso do negócio. Não se admitiam carreira solo ou individualismo extremado. O sucesso estava no grupo.

Por outro lado, é preciso que se diga, mulheres desesperadamente apaixonadas são instáveis, perigosas, impulsivas. Podem a qualquer momento *explodir* (de fúria, cólera) e arrasar, aniquilar o objeto do seu desejo. Não raro isso acontece.

E foi assim com Doug, meses depois. Ele já havia sido advertido algumas vezes, mas de nada adiantou. Coisa do destino, me parece.

#### 4

##### *Ciúme: o caso Doug-Isadora*

Douglas conhecera Isadora antes de ingressar no ramo. Foram amantes inseparáveis por um tempo. Certa vez ele me confidenciou que chegara a se apaixonar por ela. Foi um tremendo erro.

*Comentário. Na profissão, como regra, se apaixonar é um luxo perigoso, um sinal de fraqueza, um verdadeiro desastre para o negócio.*

Portanto, Isadora era advogada, bem-sucedida, mulher de trinta e oito anos, casada com um dono de restaurante do Bixiga, um neto de italiano franzino e bem-humorado – bom sujeito. Conheci o italianinho acompanhando Doug para comer pizza e tomar vinho tinto da melhor qualidade. Doug gostava de conversar amenidades com nosso anfitrião após passar a tarde com a mulher do pobre coitado em um hotel próximo ao Largo

São Francisco. Sentia verdadeira satisfação em pagar a conta com o mesmo dinheiro que recebia da amante.

Nessa fase, Isadora estava no auge da paixão, porém se sentia frustrada devido às infrutíferas tentativas para tornar Douglas seu amante exclusivo. Isadora sofria de um mal que não tinha remédio: apaixonara-se por um garoto de programa.

Assim ela se submetia, como derradeiro recurso, a requisitar os serviços da agência, pagando por ele, seu objeto de desejo, por uma ou duas horas de amor, mesmo que na condição de amante profissional. A situação era de fato embaraçosa e humilhante: traída pelo desejo, desprezada e ofendida no seu íntimo, Isadora entrou em desespero quando, num ato sem precedentes, Douglas se recusou terminantemente a atendê-la.

Uma tarde, ao me preparar para o plantão, após a folga da segunda-feira, avisaram-me de que Doug simplesmente sumira. Também não sabia dele e não me surpreendi com o fato. Naquela noite, movido por um impulso inconsciente, rumei para o Bixiga. Não encontrei o fugitivo como esperava, mas, na mesa mais ao fundo do restaurante, vislumbrei o italiano conversando nervosamente com a mulher. Ela me vira e, aproveitando uma breve ausência do marido, dirigiu-se para onde eu estava. Apertou o papel na minha mão e saiu sem me olhar. Pouco depois, saí também. Do outro lado da rua, os faróis piscaram. A porta do Citroën sedan se abriu e entrei.

Não conhecia Isadora – a não ser de vista – e não diria que naquele momento foi um prazer. Estava fora de controle, os olhos injetados, a fala tensa. Pedi-me desculpas uma dúzia de vezes e repetiu a pergunta outras tantas – estava convencida de que eu mentia.

No Café São Paulo, ela desabou. Senti pena. Após um longo silêncio, argumentei que tentaria encontrá-lo: faria o possível. Ela achou engraçado chamá-lo de Doug. Sorriu timidamente e apertou-me a mão, agradecida. Por um momento senti todo o desejo da mulher ardendo na superfície da pele, nas pontas dos dedos longos e esmaltados que eu retinha nas mãos. O contato me excitou e tomei-a nos braços. A resistência foi mínima e cerca de meia hora depois estávamos no hotel próximo ao Largo São Francisco.

Lá estava eu, com a amante de Doug. Acredito que naquele momento fui o próprio Douglas. Não importa. Amei-a com furor e impetuosidade. Ela, por sua vez, sussurrava desvairadamente o nome do outro, sem parar, e isso, ao contrário do que imaginava, me causou uma excitação ainda maior.

Pedia assim, entre dentes, com a voz entrecortada pelo desejo, que a penetrasse com força, sem dar trégua, que espancasse sua bunda avantajada, sem dó nem piedade, até deixar vergões na pele branca e macia. E eu o fazia, desvairado, ensandecido, louco de tesão. Amei-a com fúria, por

mim e também por Douglas, proporcionando a Isadora uma noite de sexo e de intenso prazer. Quando tudo terminou, estávamos extasiados, suarentos e completos. Reiterei que faria todo o possível para obter informações sobre o paradeiro de Doug – e partimos.

Nunca mais vi Isadora nem a sombra de Doug. Três dias depois os jornais estampavam a foto da tragédia. Isadora disparara à queima roupa dois tiros certos, fulminando para sempre seu objeto de desejo. Logo em seguida, saltara do oitavo andar daquele mesmo hotel próximo ao Largo São Francisco.

Não sei por que, mas uma estranha solidariedade me fez cliente habitual da cantina do Bixiga. Tornei-me um *quase* amigo do italiano franzino. A aparência bem-humorada e brincalhona de antes dera lugar a um aspecto sombrio e amargo após o infortúnio. Não sorria mais, apenas esboçava um riso minguado junto aos clientes da pizzaria. Os cabelos raleados e esbranquiçados moldavam agora a fisionomia de um ancião prematuro.

Ele sabia *quem* e o *que* eu era, porém jamais fez perguntas ou qualquer comentário sobre o passado. Sempre o respeitei por isso.

## 5

### *Vida escolar, o colégio S. M. de Andrade*

Antecipei propositalmente o caso Douglas, pois falávamos do ciúme. O romance com Helô me colocara em contato direto com o sentimento. Lentamente, de forma sutil, presenciei a transformação se operando. E assim, com o passar do tempo, tornou-se visível a condição da mulher ciumenta encarnada na figura de Heleonora. Suportei como pude o crescente da paixão e do ciúme, mas começara a me aborrecer com as queixas e a vigia constante.

Acredito que as alterações gradativas provocadas por esse estado de coisas me fizeram, de modo inconsciente, tomar as atitudes que passo a descrever a seguir. Muito mais pelo próprio ciúme de Helô do que por qualquer outra coisa, na sequência dos fatos acabei me envolvendo em uma situação singular e excitante.

Como havia dito, passei a cultivar o olhar de sedutor, observando as mulheres com intenso desejo e curiosidade, principalmente na forma como as encarava e as solicitava, veladamente, para o prazer e o sexo. Via de regra, a transformação se operava de forma espontânea, quase sempre em lugares públicos onde eu transitava e que frequentava com regularidade.

O colégio S. M. de Andrade era um deles; afinal era o lugar onde me via obrigado a ir todos os dias.

Sempre fui um aluno regular, mediano, não me destacando em nenhuma matéria em particular no período escolar. Conseguia me concentrar com relativa facilidade nos estudos na mesma razão em que me dispersava observando as pernas e coxas das meninas do segundo e do terceiro anos

na hora do intervalo. O interesse pela geografia e história devia-se a um fascínio por mapas, ilustrações e fotos antigas. As enciclopédias Larrouse e Britânica tinham lugar de destaque nas estantes da sala. Parte do meu tempo era gasto folheando as tais enciclopédias.

Por outro lado, minha relação com os mestres sempre foi tranquila e satisfatória, exceto por uma certa professora Judite – parecia antipatizar comigo. Era perceptível que minha presença na classe a incomodava, deixando-a desconfortável. Com o tempo descobri a causa: o olhar. Sem que me desse conta do fato, dirigia involuntariamente o olhar, solicitante e cheio de desejo, no exato momento em que ela adentrava na sala... e aí a metamorfose acontecia.

*Comentário. Hoje tenho plena consciência do fenômeno e posso, não sem algum esforço, dominar o impulso inevitável do olhar. Anos de aprendizado e observação não foram suficientes para que eu alcançasse o autocontrole sobre a ação do olhar e do desejar. São duas coisas que me acontecem quase simultaneamente.*

Desse modo, provavelmente ali na classe, diante de Judite, que eu encarava muito mais como objeto de desejo do que como qualquer outra coisa, meu olhar se tornava enfático e revelador, acertando em cheio o íntimo da mulher, desnudando-a para mim, diante de todos, porém em segredo. Nunca a interpelava, apenas observava seus movimentos e posturas, medindo-a, avaliando-a, semana após semana, discreta e incansavelmente.

Devo confessar que essa condição – da reserva e do sigilo – constitui um traço importante da minha personalidade e que contribuiu, em grande medida, para me tornar o que me tornei.

Aprendi, portanto, que as mulheres em geral são sensíveis aos movimentos do ir e vir da sedução, da paixão. Prezam a discrição e o recato frente à sociedade que as oprime em nome da velha ordem decadente. Entender essa dinâmica é requisito fundamental para um bem-sucedido sedutor e amante de mulheres.

## 6

### *Vida escolar II*

Mas, ao contrário de todas as previsões, Judite ficou intocável. O universo das paixões é um intrincado labirinto de corredores, becos sem saída, passagens secretas, fundos falsos, sutis armadilhas. Como várias outras mulheres que desfilaram diante do meu olhar sequioso, Judite escapou-me no momento da sua realização. Não que eu cometesse alguma imprudência ou impostura. Simplesmente um fato imprevisto, de última hora, deslocou o foco dos acontecimentos.

Fui chamado à diretoria do colégio pouco antes do intervalo. Era isso. A diretora me aguardava. Tinha um ar grave, a expressão circunspeta.

Nancy não representava muito para mim. Era apenas a diretora de um colégio burguês e mediano. Promovia, de tempos em tempos, palestras e debates com especialistas sobre temas polêmicos da atualidade, sobretudo relacionados à juventude. Gostava de se mostrar jovem e um tanto impetuosa, transitando dinâmica e desvoluta pelas salas e corredores, exercendo mais um papel de relações públicas do que propriamente de diretora.

Pois bem. Lá estava eu perante a quarentona. Metida num impecável *tailleur* vermelho, boca e unhas bem pintadas, cabelo em coque, seu olhar penetrante me media de cima a baixo. Não sei bem por onde ela começou, mas o discurso não tinha pé nem cabeça, enquanto de pé ela se movimentava ao redor da cadeira onde eu permanecia calado, apenas observando os movimentos da minha interlocutora, sem dar muita atenção à sua estranha fala.

A certa altura do discurso, me vi na condição de réu – estarecido, julgado, condenado – prestes a receber uma punição exemplar. Olhando-me direto nos olhos, a diretora referiu-se uma vez somente ao nome de Judite, com ares de censura e reprovação. De súbito, calou-se. Em seguida, notando minha aflição, mostrou-se conciliadora, compreensiva, passando a acariciar meu rosto com a ponta vermelha do dedo indicador, afagando-me a face docemente. Então, segura de si, ela ergueu meu queixo úmido e pousou suavemente os lábios nos meus.

Foi um beijo longo, demorado, que se intensificou à medida que ela projetava lentamente o corpo para frente. Pude sentir assim o perfume envolvente da mulher, todo o calor dos seus seios, braços; as pernas e coxas me enlaçando, me envolvendo como um animalzinho indefeso. Depois, mais confiante do domínio sobre sua presa, ela passou a se movimentar freneticamente na cadeira, arrancando as peças de roupa, tanto as minhas quanto as dela, uma a uma, me devorando com o olhar faminto, me engolindo com a monumental e rósea vagina depilada.

A coisa toda durou pouco mais de meia hora, mas foi o suficiente para cairmos exaustos no carpete do gabinete. Minhas costas ardiavam, queimavam, em razão do frenesi das unhas afiadas da diretora. Após nos recompormos, ela pareceu satisfeita com o meu desempenho e com a promessa de sigilo da minha parte. Na verdade, saí confuso e atônito com o episódio. Fora apanhado de surpresa. Nem de longe passara pela minha cabeça que Nancy, já há algum tempo, tramara toda a situação.

De fato, como vim saber dias depois, ela percebera o que se passava entre mim e Judite e resolvera intervir. Era fato também a existência de uma rivalidade muda, dissimulada entre elas. Disputavam atenção, encantos, predileções e, claro, o território para suas conquistas. Judite tinha um caso secreto com um aluno do segundo ano. Já a diretora recentemente



despachara João Kleber, aluno do primeiro ano assim como eu. Após minuciosa pesquisa de campo, nas salas de aula e corredores do colégio, Nancy me escolhera como substituto. Dissera, em tom professoral, que eu reunia os requisitos necessários (?), por isso me escolhera.

Fiquei, diria, até certo ponto envaidecido com a revelação. Na prática eu não tinha ideia de que era tão-somente um *sex toy* em suas mãos. Ela me tomava como um troféu, arrebatando-me das garras da outra, como uma conquista particular e privativa.

Nancy é o que comumente se pode chamar de *mulher moderna*. Apesar da vocação dominadora e autoritária, sua exuberância e presença de espírito eram contagiantes. Confesso que me senti enfeitiçado no período em que fomos amantes. Diferentemente de Helô, reprimida e puritana, Nancy me mostrou o lado arrebatador e liberal do amor, sem limites prévios estabelecidos. Nossos encontros eram passionais, vibrantes, recheados de novidades; sua criatividade na cama (e fora dela) parecia inesgotável.

Eu me deixava possuir ao sabor dos seus caprichos e desejos, procurando, tanto quanto podia, me mostrar um homenzinho experiente. Na maioria das vezes, me sentia um delicioso brinquedo, manipulado pelas mãos hábeis da mestra, preso às suas garras afiadas. Apesar da condição de inferioridade, as lições quase diárias com Heleonora me renderam alguma experiência no amor e no sexo. Para surpresa e deleite da exigente diretora, muitas vezes eu tomava a iniciativa e até mesmo o comando da situação.

Assim foi. Os encontros com Nancy aconteciam quase sempre na hora do intervalo. Ela me aguardava nas imediações do colégio e discretamente nos dirigíamos para algum lugar do outro lado da cidade. Longe de curiosos, Nancy se desinibia e me tomava pelo braço, afagando-me docemente, como se faz a um cachorrinho atado à coleira, satisfeita em exibir a estranhos o precioso troféu.

A situação era-me favorável e não me aborrecia em desempenhar o papel de jovem amante. Os garçons e as pessoas nas mesas invariavelmente olhavam – as reações eram as mais diversas. Minha mestra se deliciava, sobretudo quando causava indignação e escândalo. No mais das vezes, acabávamos em algum motel de primeira linha na Barra Funda, Higienópolis ou Pinheiros. Quando não, saíamos para dançar em boates badaladas nos Jardins.

Minha maioridade fora antecipada e, para não deixar dúvida, passei a cultivar um bigode fino e raleado, que me dava um ar de certa respeitabilidade.

Contudo, o outro lado da moeda se fez presente.

Helô não descuidou de me vigiar. Diariamente ela me sondava, tentando extrair uma confissão ou palavra que me incriminasse.

Eu estava mudado, mais senhor de mim, externando opiniões próprias, não cedendo às suas alusões e chantagens. As visitas noturnas ao seu quarto ficaram menos frequentes, e eu acabei por me impacientar com seu amor morno e insípido.

Algumas vezes, inconformada com minha ausência, ela batia insistentemente na porta do quarto, e eu, deliberadamente, fingia dormir, vencendo-a pelo cansaço. Por mesquinha vingança, Helô propositalmente manchou roupas minhas e danificou sapatos que eu utilizava nos encontros com Nancy.

O que fazer nessas circunstâncias, diante de tal demonstração de ciúmes?

Da irritação inicial, passei a tomar gosto em provocar sutilmente Heleonora. Agora, após meu caso com Nancy, as cenas de ciúme tinham um sabor especial para mim. Helô estava presa à dúvida, ao seu moralismo canhestro e ao próprio ciúme, enquanto eu estava livre para exercer a vaidade de possuir e ser possuído por duas mulheres tão diferentes entre si.

Quanto à Judite, Nancy arranjou para que eu fosse transferido de classe e a coisa morreu por aí. De qualquer forma, quando a oportunidade aparecia, o jogo de olhares era reatado, apesar da distância imposta.

## 7

### *Prestes a completar dezoito anos*

Praticamente dois anos haviam-se passado, e meus interesses e aspirações se expandiram. As alterações em minha personalidade foram-se operando de forma acelerada, e eu mesmo não me dava conta da velocidade com que elas ocorriam. Sentia-me estimulado, audacioso, com outra visão do mundo, menos ingênua e mais realista. Certamente a relação com as duas mulheres influenciara meu comportamento, meus gostos e minhas atitudes. Mas não era só isso.

Havia algo mais que me impulsionava para não sei onde; algo que estava prestes a acontecer e se traduzia na permanente e inexplicável sensação de inquietude. Aconteceu em uma das muitas e intermináveis cenas provocadas por Helô, com suas queixas e acessos de ciúme. Eu audaciosamente a intimidara com o olhar de fúria desmedida e, simplesmente, com um gesto de mão, a fizera calar. A ameaça fora virtual, mas o efeito provocado, contundente. Ela me olhou espantada e ainda tentou uma débil reação. Elevei o corpo, projetando-o em direção a ela, subjugando-a com o meu tamanho – um metro e oitenta e três de altura.

Engraçado, foi durante o desenrolar dessa cena que percebi que crescera. Minha estatura se impunha e os meus nervos e músculos pareciam sólidos como rocha. Sentia-me pleno, com seguro domínio da situação, do ambiente à volta. Olhei Heleonora. Naquele instante ela me pareceu uma criatura diminuta, frágil e empobrecida no seu histerismo amoroso.

No quarto, observando detidamente o rosto no espelho, constatei que era *um outro* que estava diante de mim: os olhos esverdeados, penetrantes; a boca regular, mediana; a expressão enigmática, o perfil um tanto insólito. Por um momento me surpreendi com o que via. Mas, decididamente, não era *um outro*, senão eu mesmo.

Em breve completaria dezoito anos.

## 8

### *Vaidade feminina*

De todo o acontecido, sei que meus estudos foram beneficiados e me formei na facilidade propiciada por ser amante da diretora. Obviamente procurei me valer desse *status* sem, contudo, colocar em evidência minha condição privilegiada. Raras vezes fiz isso. Refrear a vaidade é algo extremamente difícil, principalmente quando se é jovem e cheio de entusiasmo pela vida. Apesar da inevitável sensação de superioridade, procurava dominar o sentimento: meu esnobismo se revestia de certo manto de ironia frente aos colegas de classe. Jamais revelei meu segredo; e à desconfiança de alguns respondia com dissimulação e evasivas.

Por outro lado, minha relação com Nancy também se modificara. Não permitia mais que me tratasse como um animalzinho de estimação – o seu pequeno mascote de luxo. Olhava-a de cima a baixo, com uma ponta de desdém; e se isso não bastasse, dava-lhe as costas sem nada dizer. Essa atitude a irritava profundamente. A vaidade feminina não admite o sentimento de desprezo. Por sutil que seja, desprezar uma mulher é o pior castigo. É o mesmo que arrancar uma parte sua e jogar na sarjeta.

Nancy era experiente e entendeu que o momento chegara. Não possuía mais o antigo domínio da situação, e isso a deixava desconfortável, insegura. Acredito que a relação se desgastara por si só. Afinal, todos aqueles meses juntos certamente deixaram marcas.

*Comentário. Ainda hoje, quando acaso me vejo de passagem frente ao colégio, a imagem de Nancy, no seu impecável tailleur vermelho, reaparece como uma visão deliciosamente sedutora.*

## 9

### *Nova vida...*

A tão sonhada independência se deu nos idos de março de 1993. Como havia dito, meus interesses e aspirações se ampliaram e procurei me inserir em outros círculos de relações, me afastando gradativamente das ligações com o passado recente.

Passei assim a frequentar novos ambientes e num desses conheci Marco Barezzi. Ele era estudante do Mackenzie e morava na Maria Antônia. Eu estava com planos de cursar faculdade, mas não tinha ideia do que fazer. Pretendia abandonar o sobrado onde morava. A convivência ali se tornara

insuportável. Não era dono do meu espaço e necessitava urgente de um lugar próprio. Barezzi me fez o convite e aceitei de imediato.

Consegui um emprego numa videolocadora em Perdizes e naquele mesmo mês mudei de domicílio, para espanto geral de todos. Helô sabia que me perdera já havia algum tempo e procurou não me deter, apenas lamentou a separação numa patética cena de despedida no meu quarto. Eu estava resoluto e comuniquei a decisão pura e simplesmente.

A nova vida me deu novo fôlego. Desfrutava a liberdade de poder fazer o que bem entendia sem necessitar comunicar nada a ninguém. Saboreava o dia em sua plenitude, já que meu trabalho era noturno funcionando por escala de serviço.

Em razão da maioridade, passei a ter direito a uma retirada mensal, em dinheiro, fruto das aplicações financeiras deixadas por meu pai. Na verdade podia, se quisesse, viver modestamente com aquela renda, no entanto minha intenção era também ganhar meu próprio dinheiro. Não gostava de me sentir um desocupado.

Nas horas vagas, perambulava pela cidade como um aventureiro, à procura de não sei o quê, conhecendo lugares onde nunca havia estado, conversando com estranhos pelo simples prazer do anonimato.

Em São Paulo, é preciso que se diga, somos todos anônimos, desconhecidos, um tanto forasteiros. É nessa multidão espessa e indivisa, que trafega diariamente aos milhares pela Paulista, Consolação, Angélica, São João e outros tantos lugares e recantos, que me incluo. Mais um na multidão, como é usual dizer. Esta cidade não tem cara; possui todos e nenhum rosto, mas certamente seu coração é imenso, pulsante, esmagador.

Barezzi, por seu lado, não nascera na cidade, mas se considerava um paulistano por adoção – e devoção. Sua família era do interior do Estado, de Sorocaba, de origem modesta, pequeno-burguesa. Ele viera a São Paulo para cursar direito e tornar o nome da família um pouco mais ilustre. Levava muito a sério essa missão. O dinheiro que recebia dos pais não era suficiente e complementava a renda trabalhando como *freelancer* para um desses escritórios de advocacia de terceira categoria no centro da cidade.

Fazia toda sorte de serviço sujo e admitia, com expressão sarcástica, que esse era o método mais eficaz para se tornar um brilhante – e rico – advogado em curto espaço de tempo. Eu me mostrava curioso com suas histórias de fraudes, estelionatos, armações judiciais, subornos, chantagens.

Quando nossos horários permitiam, saíamos para *points* na Vila Madalena e, muitas vezes, no decorrer frenético da noite paulistana, nos embriagávamos deliberadamente ao sabor de intrigantes casos policiais,

tramas obscuras envolvendo mulheres desesperadas, maridos traídos, políticos corruptos, juízes libidinosos.

Pouco importava a veracidade ou não de todas aquelas histórias cabeludas, folhetinescas – eram apenas relatos divertidos e picantes.

Foi em uma dessas sessões de relatos extraordinários que Barezzi me apresentou Sidney. Como vim saber mais tarde, Sid, nos seus vinte e quatro anos, aparentava ter vinte ou até menos. Um detalhe: tínhamos idêntica estatura, traços semelhantes e voz parecida.

Houve uma breve troca de olhares e, por um momento, só por um momento, acreditei em almas gêmeas. Pouco nos falamos, mas isso bastou para desencadear, mais que mera curiosidade, um interesse mútuo, uma sensação de quase cobiça entre nós.

Nessa época eu me envolvia casualmente com Lídia, uma garota insípida, de expressão colegial, que trabalhava na videolocadora. Certa noite, após uma tediosa sessão de amor num motel próximo ao Largo do Arouche, estávamos um frente ao outro em um lugar vazio e cansativo na Consolação quando, como que do nada, dei com a figura de Sid no bar. Senti que nos observava. Num gesto inusitado, fiz sinal para que se juntasse a nós. Ele veio em seguida.

Não sei o que me deu, mas pouco depois uma estranha sensação fez com que eu descaradamente induzisse a garota a se entregar também a ele. Era essa a minha mais viva intenção naquele momento: fazer de Lídia nosso objeto de desejo, de prazer. Pela primeira vez fui direto e taxativo ao propor um *ménage*. Eu experimentara uma excitação diferente, carregada de erotismo e perversão. Havia certo sabor de triunfo ao fazer aquilo; como um desabafo masculino. Certamente meu riso cínico e despudorado contribuiu para deixá-la ainda mais perplexa.

Assim, minha insolência foi recebida com tal estupor e indignação que ela imediatamente se retirou furiosa, aos trancos, deixando um rastro enjoativo de perfume barato no ar. Sid acompanhou impassível toda a cena, apenas seu olhar deixou transparecer um traço de malícia. Nada se falou. Depois, trocamos meia dúzia de palavras e saímos.

Uma garoa fina cobria o asfalto. Era o início do inverno em São Paulo.

## 10

### *Proposta irrecusável: um estranho telefonema*

Com efeito, minha iniciação se deu semanas após o episódio anterior. Não que meu enigmático companheiro tivesse contribuído, ou mesmo influenciado, de alguma forma para que acontecesse o que estava por vir. Não era o caso.

Havia uma linha imaginária que apontava naturalmente naquela direção. Na verdade, o instinto falava mais alto, me impulsionando de forma

obstinada. O desejo pulsava em minhas veias, a todo instante. Pensava em um universo imaginário e sedutor, que eu necessariamente devia desvendar; nas infinitas possibilidades que se abriam a partir do momento em que me aventurasse, me entregasse de fato.

De modo geral, devo admitir, sentia-me irresistivelmente atraído pelas mulheres. Não por uma mulher em particular, mas por todas – esse era o ponto. Tratava-se de uma inclinação, uma tendência, uma predisposição – não de um desvio. Curiosamente, não me perturbava nem um pouco o fato de pensar, sentir e agir assim.

*Comentário. Procurei, desde o início, encarar meu apetite sexual com naturalidade – sem inquietações ou transtornos de consciência. Ele simplesmente existia. Estava ali. Era fato.*

Algumas vezes, como acontecia, parado em um ponto estratégico da cidade – na Avenida Paulista, por exemplo –, observava ao longo da calçada o transitar de pernas e coxas, o movimento ondulado dos quadris se equilibrando no salto alto. Observava, lentamente, as saias justas, os vestidos esvoaçantes, as calças colantes desfilando em uma profusão de cores e formas diante do olhar atento.

Eu raramente as abordava; era tão-somente um espectador da beleza, da sensualidade reinantes naquela avenida. Como dito em outra ocasião, sou até certo ponto retraído com as mulheres. Prefiro apreciá-las na desenvoltura própria e natural do acaso, do imprevisível – tornam-se mais belas e desejáveis, sem disfarces ou artificialismos.

Por outro lado, não nego que no episódio anterior senti enorme prazer em provocar Lídia, confundindo-a com minha postura infame e obscena ao instigá-la a fazer sexo com um desconhecido. Mais que isso: a fazer sexo a três. Naturalmente ela se sentiu ultrajada e acabou se enfurecendo, mas por um instante, ainda que breve, notei que no íntimo a proposta indecente a excitou, mesmo que momentaneamente. Sid percebera o que se passava e sua excitação restringiu-se à volúpia do olhar. O jogo erótico surtira o efeito desejado – eu me excitava ainda mais.

—

Nas semanas seguintes, nada aconteceu. Flagrava-me inquieto e ansioso durante o dia e já não conseguia me concentrar como de costume – estava disperso. Começara também a me aborrecer com o trabalho noturno, que impedia minha livre circulação pela noite paulistana.

A Pauliceia fervilhava, a toda e qualquer hora, mas para quem se dispusesse a desbravá-la. Eu não estava certo do rumo a tomar e me impacientava com a espera. Saía na noite, sem direção, percorrendo incansáveis lugares sem me apegar a nenhum. Na maioria das vezes retornava abatido, soturno, com a sensação de que algo me escapara.

—

Um estranho telefonema, numa quinta-feira à noite, selou de vez minha sorte. A voz do outro lado foi breve e dez minutos mais tarde eu me encontrava no local combinado, com a cara e a coragem. Estava frio e pedi vodca com tônica. Permaneci no balcão, matando o tempo, observando distraidamente o rosto nordestino do atendente. Ele me conhecia e sorria de um jeito engraçado, na tentativa de parecer simpático.

Apesar da aparente tranquilidade, eu estava tenso e minhas mãos suavam. Era ainda cedo e o lugar estava praticamente vazio. Impacientava-me com a demora.

Finalmente ele chegou. Da porta, fez um gesto para segui-lo. Paguei e saí. Entrei no carro. Rodamos no sentido da Paulista – Alameda Lorena, mais precisamente. Em dado momento, ele falou. Sem mais rodeios, fez a proposta: receberia cinqüenta por cento. Retirou do bolso o cartão com o endereço. A condição era que teria de me fazer passar por ele, por uma ou duas horas. Era só o que precisava saber no momento. Sem mais perguntas ou explicações. Aceitei os termos sem hesitar.

Logo o carro parava em frente ao edifício. Fazia frio, garoava na noite paulistana.

## 11

### *Alameda Lorena, o primeiro encontro...*

O relógio digital na Alameda Lorena marcava precisamente vinte e uma horas e trinta e três minutos. Assim, como por mágica, me vi inesperadamente no elevador do luxuoso edifício. O silêncio ali só não era completo devido ao ruído abafado e macio das engrenagens que alçavam aquela gaiola dourada.

Procurei não pensar; apenas sentia a respiração acelerada durante o percurso. Por fim, deslizei resoluto para o meu destino e apertei a campainha do número indicado. Ergui o corpo em posição ereta e somente assim, com algum esforço, pude dominar o nervosismo da espera. A demora me pareceu proposital; porém, em seguida, a porta se abriu.

A mulher na faixa dos quarenta anos vestia um quimono japonês, porém nada tinha de oriental: era alta, branca, *blondie* e de expressão decidida. Parecia segura de si. Segui aquela monumental bunda pelo corredor mal iluminado. O traseiro avantajado da minha anfitriã se destacava magnífico na penumbra. O quimono provavelmente era de um número menor, deixando aquele voluptuoso corpo seminu ainda mais realçado nas formas e contornos enquanto caminhava.

Na sala, ela me ofereceu e aceitei o uísque. Beberiquei lentamente, observando e sendo observado. Depois, quebrando o silêncio, ela mencionou algo sobre a minha idade, achando-me *um pouco jovem demais*. Repliquei ter a idade suficiente para o que viera fazer ali. Ela sorriu e simplesmente disse: – *Então me mostre o que você sabe fazer de melhor.*

Levantei-me. Devagar fui em sua direção. Tentei tomá-la nos braços, mas ela recuou. Não era o que queria. Tinha outra coisa em mente. Abriu parte do quimono e, olhando-me nos olhos, foi descendo suavemente a mão, realizando movimentos circulares pela extensão do corpo branco e macio, massageando-o lascivamente.

Fez um gesto para que me aproximasse. Então, sem nada dizer, deitou-se ali mesmo no tapete da sala e instalou minha cabeça com firmeza entre suas coxas grossas.

Lembro-me de que sorvi demoradamente aquela vulva rosada, sentindo as duas bordas crescerem gradualmente ao contato da minha boca sequiosa, até ficarem completamente dilatadas. Por sua vez, ela se remexia devagar, forçando a pelve para cima, para baixo, os movimentos ritmados e regulares. Eu podia ouvir sua respiração ofegante misturando-se aos gemidos de súplica e prazer, enquanto me esforçava para não perder o ritmo das carícias.

Em dado momento senti a pressão forte das coxas e a intensificação brusca dos movimentos. Seguiram-se espasmos de intenso prazer, e por fim ela desabou pesadamente sobre mim – trêmula, pulsante. Era o clímax do gozo.

Deixei-a ficar, sem perturbá-la, até se recompor do esforço. Passada essa fase, fomos direto para o quarto e novamente nos entregamos à fúria dos sentidos, inúmeras vezes naquela noite.

*Comentário. Sei que no final proporcionei àquela mulher todo o prazer que o meu vigor juvenil podia fornecer, sem limites ou restrições. Dediquei-me a ela com extremo entusiasmo e desejo, como um verdadeiro amante, um amante profissional – do início ao fim. Estava feito. That's all.*

## 12

### *Sentidos alterados...*

Não sei bem como me vi dentro de um táxi a caminho de casa. A sensação ainda não se dissipara – estava perplexo e excitado ao mesmo tempo. Por um momento, o *backlight* na Avenida Paulista me pareceu estranhamente colorido e gigantesco. Meus sentidos estavam alterados; precisava me acalmar.

Rumei para Pinheiros, para o local onde Sid me encontrara. O atendente com cara nordestina me serviu o de sempre. Repeti a dose, sorvendo a bebida com satisfação. Pedi mais uma – e depois outra. Passados três quartos de hora, eu já estava alto, sorrindo maliciosamente para duas mulheres coloridas que teimavam em ir e vir diante dos meus olhos. Juntei-me a elas na pista de dança, trôpego e vacilante, porém excitado com a perspectiva promissora da noite.

Logo, só me dei conta da situação ao perceber que também Sid estava ali, misteriosamente presente. Lá estava ele, o meu duplo, no *scotch*



*bar*, acompanhado de uma exuberante mulher loira, a me sorrir.

Por alguns segundos nossos olhares se cruzaram. Ele me fizera uma proposta horas atrás e eu aceitara o desafio, passara no teste. Agora tinha sua aprovação e respeito.

**Versatilidade**

## 1

### *A Agência*

O dinheiro ganho com a nova atividade foi bem-vindo – era um bom dinheiro. Não posso negar que me senti satisfeito, e até orgulhoso, ao ver minha conta bancária engordando a olhos vistos nos meses que se seguiram ao episódio anterior.

Contudo o dinheiro não era o que mais importava naquele momento. Havia outros interesses e perspectivas que iam além da ambição de fazer dinheiro. Eu apenas dera o primeiro passo – e tinha consciência disso.

Assim, meus planos foram mudados e abandonei o emprego na videolocadora. O dia e a noite eram agora meus, para me dedicar exclusivamente ao que estava por vir.

Por intermédio de Sid, fui recebido na agência semanas mais tarde. Passei por uma bateria de testes e entrevistas, inclusive fiz uma audição para avaliar minha *performance* sexual, ao vivo e em cores, contracenando com uma garota risonha, de nome Zelda. Ela gostou de mim e colaborou bastante na hora do teste.

No *studio*, as câmeras registraram a *performance* e pude ver e rever em detalhes minha atuação e desempenho, sob o olhar atento e exigente de Karl, o *big boss*. Após assistir à fita, ele pediu um minuto e saiu. Logo mais, ainda naquela tarde, me comunicaram que eu fora aprovado.

Mas a coisa não foi simples assim. Isso foi apenas o começo, o primeiro passo de uma longa escalada. Muita água ainda estava para rolar. Havia regras e era preciso segui-las.

Para tanto, como primeira medida, tratei de mudar de estilo e *apresentação*. Melhor dizendo, me foi sugerido que assim o fizesse.

A conselho de Lola, consultora da agência, procurei *incorporar* o tipo sensual, descontraído, másculo; porém sem exageros, levando em conta sobretudo a idade. Num primeiro

momento, era o que me convinha. Lola também me apresentou um *book* de fotos de acompanhantes da agência e um livreto – uma espécie de manual de conduta e etiqueta – para que me familiarizasse.

Evidentemente, demorei ainda um bom tempo me aperfeiçoando, questão de anos, para só mais tarde criar um estilo próprio, um tipo diferenciado (como Lola gostava de dizer). Por certo criar um tipo não é algo que se faz da noite para o dia. Não basta um rosto bonito e sedutor; requer talento e personalidade, tempo e investimento pessoal. Eu ensaiava os primeiros passos e tinha tudo a aprender.

Assim, no início, em razão da semelhança de traços e do tipo físico, Sid foi a referência natural, o modelo no qual me mirei. Não podia ser diferente. Logo em seguida, porém, vim conhecer Douglas, o Doug, e passei a me espelhar no seu irresistível charme decadente.

À primeira vista, Doug lembrava um astro de Hollywood do final dos anos cinqüenta. A cabeleira negra, cortada no melhor estilo *Elvis*, as costeletas espessas na cara arredondada, rechonchuda, mais a inseparável jaqueta de couro davam-lhe a aparência de um *bad boy*. As calças eram excessivamente apertadas, colantes; e as camisas, de seda ou *cotton*, estavam sempre cuidadosamente dobradas à altura do braço. Exibia correntes de ouro no pescoço rígido e volumoso, sem contar os anéis e as pulseiras reluzentes. Os ombros eram largos e arqueados, tipo boxeador peso médio. Frequentava regularmente academia e, claro, night clubs da Zona Sul.

Em resumo, Doug era o tipo de cara que as mulheres ricas gostavam de solicitar para ter ao lado um verdadeiro garanhão indomável. Esse era o seu cartão de visita; jamais o vi de outra maneira.

Por outro lado, tendo caído nas graças de Lola, os primeiros programas foram adiados por uma semana.

Durante esse período, Lola tratou-me com exclusividade e paciência, procurando no curto prazo me transformar numa espécie de Don Juan adaptado aos dias de então: sexy, aplicado e viril.

Acredito que tenha aprendido bem aquelas lições, pois tirei proveito dos ensinamentos básicos e passei a aplicá-los imediatamente.

A primeira oportunidade surgiu com uma cliente habitual da agência, de nome Tássia. O nome incomum, claro, era fictício. De qualquer forma, atiçou minha curiosidade. Sid comentou que era do tipo refinada e gentil, generosa com as gorjetas quando plenamente realizada no sexo. Sem perda de tempo, tomei um táxi e me dirigi ao local combinado.

O Motel C. ficava na Anhanguera, na altura do km 22 da rodovia. O apartamento 109, reservado cerca de hora e meia antes, já estava ocupado. Apenas me identifiquei na recepção.

Muito solícita, a atendente me conduziu sem demora pelo longo corredor atapetado, lançando-me de vez em quando um olhar entre curioso e suspeito. O 109 era uma suíte luxuosa. *Uma das melhores* – dissera ela.

Por fim chegamos. Eu era esperado. Entrei.

A penumbra envolvia parte do aposento; as cortinas estavam cerradas. Caminhei cauteloso. Não consegui identificar imediatamente de onde vinha, mas a voz feminina pediu que me aproximasse. Foi o que fiz. Segui na direção do tênue feixe de luz. A cama era redonda e espaçosa. Por sobre o tecido acetinado estava o vulto lânguido de uma mulher – imóvel e confortavelmente instalado. Os cabelos curtos eram louros. Não pude ver seu rosto.

Fez um gesto para que me sentasse e passou a acariciar minha face demoradamente. A mão era macia, suave. Beije-i-lhe as pontas finas dos dedos e logo os suguei devagar, um a um, introduzindo-os depois com volúpia na boca. Ela estremeceu. Deslizei lentamente a mão por baixo da *lingerie* e apertei aquele corpo morno e perfumado contra o meu. Permanecemos abraçados, arfantes, entre carícias ousadas e suspiros de prazer.

Tássia gostava de preliminares e sabia tornar envolvente e excitante o contato íntimo dos corpos. Desse modo, com a fúria e a volúpia dos amantes esfomeados, entregamo-nos intensamente ao prazer e ao sexo por duas gloriosas e ininterruptas horas. No final, ela parecia satisfeita, realizada, feliz.

Depois, vestida e maquiada, ela então me passou o envelope com o dinheiro e beijou-me de leve os lábios, em sinal de

despedida.

Logo em seguida, saí também.

## 2

### *Uma questão de talento*

Nas semanas seguintes, tive uma agenda intensa. Meu perfil se encontrava no catálogo da agência juntamente com as fotos feitas no dia da audição. A receptividade foi boa, o que de certa forma me surpreendeu.

Lola, por sua vez, elogiou meu desempenho, incentivando-me com sua política de sucesso pessoal *em equipe*.

Obviamente, como não podia deixar de ser, eu sabia que estava sendo testado, avaliado. Sabia, aliás, que clientes classe “A” são exigentes e fiéis – não gostam de arriscar – e que sigilo e discrição são a alma do negócio. Ao menos desse negócio. Mas não me intimidei.

Por eu ser novato, alguns caras, como Tony Carioca, procuraram deliberadamente me intimidar, zombar de mim, me pregando peças. Tony era um dos mais velhos entre nós e se julgava, por isso mesmo, no direito de sugerir coisas aos outros.

No ramo, sugerir é algo a ser evitado; assim como Sid procurava evitar Tony – e tinha lá suas razões para isso. Particularmente também não gostava dele. Era um sujeito arrogante e vazio; vivia do passado, das lembranças dos dias de glória. Com razão, diziam que fora um dos melhores; mas estava ficando velho e descuidado. Soube que se metera com uma ricaça do Brooklin, e o marido, atravessado com o caso, mandara dois seguranças ao seu encalço. Os gorilas despedaçaram-lhe o nariz, que ficou torto, mesmo após duas cirurgias corretivas. De qualquer forma, não me dava com ele.

–

Boa parte do tempo, dedicava-se a aprimorar meu talento. Assim, matriculei-me num curso livre de teatro em Higienópolis. A turma era para iniciantes e o professor se fazia passar por um caçatentos. Na realidade, o tal sujeito era um gay de meia-idade que gostava de se cercar de gente jovem. Não que me importasse com isso, de maneira alguma. Mas de cara ele me chamou para um teste, uma audição em particular após a aula. Para sua decepção,

apareci na hora marcada com Beatriz, uma aluna da escola que eu conhecera dias antes. A doce garota nem desconfiou do papel a que se prestava. Naturalmente o professor alegre antipatizou com ela. Era previsível.

Para evitar constrangimentos ou mais incômodos, procurei manter sigilo sobre minha identidade e assim dei prosseguimento ao curso iniciado.

Modéstia à parte, não me saí mal nas aulas de interpretação e fui aos poucos adaptando os modos e as técnicas do teatro para criar e fazer o tipo que tanto buscava na forma de amante das mulheres.

Na verdade, essa era a minha maior ambição: não ser o *melhor* ou o *maior amante* do mundo, mas me tornar o mais *versátil* amante de mulheres. Era isso; esse era o ponto.

Sem dúvida, nessa época, Lola contribuiu decisivamente para aperfeiçoar minha versatilidade no amor, no sexo. Não só devido ao nosso contato diário na agência, pois de certa forma nos tornamos amantes semanas mais tarde, e sim em razão de uma série de qualidades extravagantes que vim descobrir através da relação mais íntima com ela.

### 3

#### *Lola*

Lola era uma mulher perspicaz e experiente. Possuía uma estranha beleza, impassível, sóbria, difícil de descrever num primeiro momento. Contudo, na cama, no sexo, a fachada de mulher fria e austera caía, e ela surpreendentemente mostrava tanto o seu lado mais submisso e dócil quanto a face dominadora e determinada da personalidade feminina. Em resumo, Lola era um *duplo*.

No início, não entendia bem o que se passava. Porém, com o tempo, percebi que ela se excitava de um modo diferente quando, esfregando o queixo com a barba malfeita em sua nuca, eu roçava meu corpo no dela, forçando-o com carícias ousadas, numa pegada forte, imobilizando-a, subjugando-a de certa forma.

Lola, por seu lado, sussurrava arfante ao pé do meu ouvido, repetidas vezes, num misto de dor e prazer: *Quero ser sua fêmea submissa e obediente, meu senhor... para sempre* – dizia então.

Depois, inclinada para frente, de joelhos, olhando-me com olhos de gratidão e profundo respeito, ela me despia devagar, peça por peça, a começar pelos sapatos, executando um ritual de doce sensualidade e submissão. E assim ela se oferecia a mim, meiga e doce, feito gata no cio, gemendo de mansinho.

Progressivamente passei a dar ordens e comandos a ela, dramatizando a cena, sobretudo nos detalhes – afinal, eu era o *seu senhor* –, fazendo desse modo uso da imaginação (e da criatividade) para submeter Lola aos meus caprichos e desejos eróticos.

Em contrapartida, num segundo momento, com a inversão do jogo (e dos papéis), eu passava agora a ser o *polo passivo*, enquanto ela literalmente transformava-se, encarnando o lado dominador na relação – a genuína *dominatrix*.

Devo admitir, inicialmente, que fiquei perturbado (e também fascinado) ao me ver diante de tal beleza, cruel e dominadora, sendo obediente e submisso a uma deusa de salto alto, vestida em trajes de couro preto e reluzente. Era algo inovador, profundamente instigador, ao mesmo tempo me intimidava.

A um comando seu, beijava-lhe os pés sem demora. Os movimentos eram longos e regulares em volta dos dedos, em toda a extensão do tornozelo delicado. Desse modo eu deslizava a boca em volteios suaves na superfície rosada e lisa da pele. Depois ela me guiava vagarosamente, porém com firmeza, para o meio das suas coxas torneadas. Com um gesto brusco, a *dominatrix* neste instante me subjugava, atirando-me humilhantemente ao chão, enquanto, ajoelhado e submisso, eu lambia obediente sua profunda e perfumada vagina.

Lola se deliciava com a minha dedicação incondicional. Para agradá-la ainda mais, mostrava-me humilde e servil, não descuidando dos pormenores para satisfazê-la. Por vezes preparávamos cuidadosamente o ambiente, motivados por um tema exótico do passado – uma cena do *Kama Sutra* ou outra fonte inspiradora qualquer – e entregávamo-nos de corpo e alma à fantasia extravagante.

*Comentário. Aprendi, portanto, a gostar, entre quatro paredes, de mulheres ousadas, intrépidas, entendidas na arte de*



*dominar e de se deixar dominar.*

Lola, por seu lado, não perdeu tempo, passando a me agendar para clientes que ela sabia possuir perfil conjugado ou com tendência Sadô-Masoch.

#### 4

#### *Rebeca*

Assim Rebeca, submissa e masoquista, foi um desafio à parte. Executiva quarentona e exigente, fazia dela, contudo, no sexo, minha escrava, com requintes de perversão moderada. Gostava de sofisticação e exigia ambientes luxuosos nas sessões. Pagava o dobro, ou mais, pelo atendimento diferenciado. Doug já estivera com ela e era um dos seus preferidos na agência. Ela rejeitara uns tantos candidatos; dispensara outros. Logo, fui o próximo da lista.

No primeiro contato, procurei portar-me segundo as recomendações de Lola. Não me saí de todo mal, apesar da ansiedade e do nervosismo de estreante. A mulher gostou e então me requisitou uma segunda vez.

Sem dúvida, relembro nossos encontros, Rebeca era espetacular; uma mulher extravagante, por assim dizer. Ela era de fato um tipo incomum, se levarmos em conta sua posição e idade: falsa magra, seios médios e firmes, bundinha arrebitada e uma vagina especialmente projetada (e talhada) para grandes e grossos calibres. Mas não era só isso. Eram necessários alto poder de concentração, preparo físico e energia para encarar o desafio de possuí-la. Em particular, no momento em que, com a voz embargada, a face transtornada pela excitação, Rebeca pedia para ser sodomizada. Depois ela simplesmente devorava o amante de forma insaciável – e por todos os orifícios.

Recordo o primeiro contato da minha boca naquela enorme vulva depilada, suculenta, muito rósea, de onde sobressaíam grandes e pequenos lábios carnudos. Com certeza não foram poucos os homens que se intimidaram diante da visão formidável de Rebeca nua, as pernas abertas, exibindo-se toda, inteira, monumental na sua intimidade.

Inúmeras vezes fiz uso dos mais variados objetos eróticos, de todas as formas e tamanhos – consolos, vibradores, dildos,

chicotes de couro, mordanças, algemas – para poder arrancar o gozo explosivo daquela mulher.

Desse modo os orgasmos múltiplos sucediam-se, incontáveis, delirantes, vulcânicos, ao mesmo tempo em que eu observava extasiado sair da vagina umedecida, escorregadia, a secreção abundante, que escorria lentamente pelas coxas da mulher, encharcando o lençol, inebriando a atmosfera do quarto com o odor de fêmea no cio.

Rebeca, por sua vez, acabava-se escandalosa, aos gritos e urros, banhada de suor, em êxtase, desfrutando um prazer prolongado, sem igual. Magnífica visão, inesquecível.

Mais tarde, no apartamento de Lola, eu relatava minhas impressões e ela se deleitava ao ouvir o relato entusiástico e excitante, enquanto, inflamados de tesão, entregávamo-nos ao calor do sexo recordando as imagens luxuriantes das cenas com Rebeca.

## 5

### *Samira*

Outra intrigante cliente da casa, a exótica Samira, também me causou profunda impressão na época. Era mulher de ritmos ondulados, serpenteados, inclusive no caminhar. Os cabelos pretos, longos e cacheados, realçavam sua silhueta robusta, definida. As pernas e coxas mostravam-se incrivelmente firmes e rígidas. Porém, no instante em que se punha a dançar, uma profusão de movimentos lúdicos, lascivos, emanava do ventre elástico e flexível da misteriosa Samira. Dessa forma a dançarina se contorcia, exuberante, magnética, diante do olhar ávido da seleta plateia.

O *studio* de dança ficava na Aclimação, para onde me dirigia ao final da tarde. Na realidade, o local, normalmente uma escola de dança nos dias úteis, transformava-se num restrito clube de mulheres nos finais de semana. Samira comandava o *show* em grande estilo. Com o aval e o consentimento de Lola, realizávamos um número erótico oriental, que culminava com uma sessão de sexo ao vivo para um grupo de mulheres liberais, ávidas por novidades.

Portanto Samira, devidamente trajada, me recebia de portas fechadas, sempre no primeiro domingo de cada mês. Após as preliminares no camarim, ela então me maquiava e me vestia adequadamente. Logo mais, a mulher se retirava apressada, para

terminar os preparativos da *performance* da noite. Por minha vez, eu permanecia na entrada lateral do palco, à espera do momento de entrar em cena. De lá podia observar, sem ser visto, um grupo de mulheres alinhadas na primeira fila com os olhos voltados para a bela Samira no centro do tablado.

A dançarina, por sua vez, executava um número solo ao som da música oriental. O ritmo inebriante servia à inspiração quase divina, enquanto Samira realizava movimentos, passos e posturas no mais autêntico estilo egípcio de dança do ventre, como ela fazia questão de frisar. A cadência dos movimentos harmonizava-se com os gestos e sugestões emanados do corpo e do olhar da dançarina. A magia da dança e da música impregnava o ar. Eu mesmo me via envolvido pelo clima exótico e sedutor.

Passada essa fase, introduzia-me pelo lado mais escuro do palco e deitava-me no tapete vermelho, disposto abaixo do altar iluminado por velas. Já ciente de minha presença, Samira deslocava-se lentamente em minha direção, dando assim continuidade ao ritual erótico.

A essa altura, a excitação era visível no rosto das presentes. As mulheres sabiam da minha presença em cena e arregalavam os olhos na tentativa de visualizar meu corpo estendido no chão. O cintilar das velas produzia um efeito claro-escuro nas imediações do santuário oriental, possibilitando uma precária, e deliciosa, visão dos objetos e movimentos ao redor. O efeito era realmente mágico, quando visto a meia distância.

Dessa forma Samira dançava à minha volta, saltando por vezes sobre o meu corpo, desfazendo-se aos poucos dos apetrechos e do longo véu azulado que lhe recobria o rosto e parte da indumentária. Os gestos eram agora lascivos, sugestivos; os movimentos, mais ousados e sensuais. Depois, tomando-me pela mão, eu a seguia para o centro do palco e permanecia ereto, imóvel, ao passo que ela se lançava languidamente sobre meu peito, massageando-o, desnudando-o.

Podia ouvir os gritos e as vozes alteradas das mulheres no exato momento em que Samira retirava a última peça de roupa do meu corpo e se abaixava na direção do meu membro excitado, latejante. Tomando-o entre as mãos, ela manipulava graciosamente

o instrumento do prazer, às vezes exibindo-o gloriosamente à plateia afoita. A boca da dançarina não se continha ao redor do mastro enrijecido e avermelhado, sugando-o levemente ou até mesmo com incrível fúria. Meu corpo transpirava, derretendo parte da maquilagem que escorria dourada pela minha face, braços e tronco.

Logo em seguida, estávamos os dois no chão. A dançarina então se posicionava cavaleira sobre mim. Como uma destemida e sensual amazona, ela revirava os enormes olhos em transe, possuída pelo prazer, passando a me cavalgar doce e lentamente num primeiro momento, para depois iniciar um galope frenético e arrebatador, arrancando aplausos e assobios da plateia.

O último ato acontecia quando, de costas para o público e apoiada no altar, Samira me oferecia desafiadora seu templo do amor. Sem perda de tempo eu me atirava profundamente sobre ela, como um alazão árabe, um verdadeiro puro-sangue no cio. O gozo final acontecia selvagem, delirante, entre uivos e gritos da plateia alucinada.

## 6

### *O preço da ascensão*

Durante este período de intensa atividade, minha ascensão meteórica no universo erótico do sexo pago proporcionou-me, a bem da verdade, mais ganhos do que perdas. Ainda não completara vinte anos, e com o dinheiro economizado de alguns meses de trabalho duro acabei comprando um modelo zero quilômetro totalmente equipado. Sentia orgulho em poder dirigir um carro pago integralmente com o fruto do meu trabalho.

Entusiasmado, apareci de surpresa no sobrado da família e me prontifiquei a levar minha avó Carlota e a desconsolada Helô ao *shopping center* para umas compras.

Durante o percurso, elas se surpreenderam com minha desenvoltura e com o meu senso de responsabilidade, quando afirmei trabalhar numa concessionária de veículos como vendedor de automóveis, carros. A faculdade estava em andamento e meus estudos em dia – completei, mentindo descaradamente.

Em dado momento Heleonora se insinuou, procurando me convencer a passar a noite no sobrado. Cauteloso, recusei o convite. Apesar de conservadora e antiquada, Helô era ainda uma

mulher sexualizada e tinha lá seus encantos. Ela com certeza tentaria uma investida, e eu não estava disposto, em hipótese alguma, a deixá-la se esgueirar para a minha cama na calada da noite. Não que não a desejasse. Não era isso. Na verdade, não gostava de misturar as coisas.

Helô fazia parte de um passado recente, dos anos de um aprendizado juvenil, que não retornariam mais. Preferia assim mantê-la intacta na memória, como ela havia sido na primeira noite de um homem.

Por outro lado, como qualquer mulher, não se contentaria com minha reserva e fazia as *sutis* perguntas de sempre. De minha parte, não estava com ânimo para entrar em detalhes sobre o que quer que fosse. Eu aprendera a lição com Lola: sigilo e discrição são atributos indispensáveis a um bem-sucedido sedutor e amante de mulheres.

Helô jamais entenderia o *meu* negócio e o que ele representava para mim na época. Portanto, uma palavra errada minha e certamente aquela nuenzinha de desconfiança pairaria sobre a cabeça *iluminada* de Helô.

—

Já na agência as coisas se passaram de forma bem diferente. Não suportando o sucesso do novato, Tony Carioca passou a me provocar sistematicamente. A marcação cerrada quase me desequilibrou. Não tive dúvida, me fiz valer do relacionamento íntimo com Lola e dei o xeque-mate.

A oportunidade surgiu logo em seguida.

Num clima de acirrada polêmica envolvendo uma cliente que recusara o *carioca* – tendo ela me solicitado para o seu lugar pela segunda vez consecutiva –, a coisa acabou em feia confusão e na demissão sumária de Tony da agência.

Ele jurou vingança, marcando meu nome em cruz na mesa, como fazem os macumbeiros, os adeptos da magia negra com suas implacáveis maldições. Mas não me abalei com a ameaçadora mandinga.

A maior parte dos colegas me felicitou pelo feito, pois a antipatia angariada por Tony na casa era enorme. A maioria sequer lhe dirigia mais a palavra.

Em contrapartida, Sid e, em especial, Doug, me parabenizaram pelo sucesso.

A propósito, meu relacionamento com Doug se estreitara. Não raras vezes saíamos pela noite paulistana à procura de diversão e cumplicidade. Frequentávamos quase todas as noites a cantina do italiano no Bixiga, para beber vinho, cerveja e nos empanturrar de pizza da melhor qualidade.

Nessa época, Doug e Isadora estavam em pleno inferno astral. A anunciada tragédia estampava-se sombria na face dos irreconhecíveis amantes. Doug passara deliberadamente a recusar os programas com Isadora, ao mesmo tempo em que a provocava dirigindo-se ao restaurante do marido traído para uma conversa amena entre camaradas. Ficava claro que Doug levava vantagem sobre os dois – ele era o inabalável amante diante do eterno marido; e ela, a mulher humilhada, vitimada e prisioneira do próprio desejo.

Sinceramente era algo patético de ver e perigoso de pressentir o final.

## 7

*Um lugar chamado Charlie's ou uma garçonete muito especial: Sara*

Mais tarde eu me desligava de tudo aquilo e me dirigia à Vila Madalena, a um lugar chamado *Charlie's*, só para ver uma deliciosa garçonete ruiva, de nome Sara.

Sara, devo admitir desde já, assumidamente me desdenhava com ares de indiferença e tédio. E isso logo no primeiro contato. Eu, por meu lado, acreditava que tal comportamento era uma extravagância sua, uma defesa tipicamente feminina para encobrir seu próprio desejo e excitação. O interesse mútuo existia (ao menos eu queria crer que assim acontecia), mas a coisa não andava. A permanente recusa feminina podia significar charme, vaidade ou ainda pura provocação – pensava comigo. Esse fato, contudo, me instigava de maneira diferente.

Geralmente as mulheres se sentiam atraídas pelo meu porte, vigor e olhar de misteriosa volúpia que lhes dirigia no momento da sedução. Não era necessário muito esforço; era uma técnica quase infalível, quando bem dosada. Porém, com Sara, não. Não funcionava como o previsto.

Curioso com o fato, retornei outras vezes ao local para vê-la, na tentativa de uma abordagem. Sara habilmente se esquivava, evitando-me, mantendo-se fria e distante, não permitindo que eu tomasse maiores liberdades.

Acabei assim, sem que me desse conta, chamando a atenção da outra atendente, Júlia, uma morena alta e esguia, de riso largo, boca rasgada, dentes de marfim, muito brancos, simetricamente enfileirados. Examinei, mais de uma vez, naquele rosto fino, de linhas retas, o desenho dos lábios em forma de morango, sedutoramente modelados como os de uma boneca – uma verdadeira graça. Os cabelos castanhos eram encaracolados, na altura do ombro, enquanto as pernas e coxas revelavam esbeltas e bem torneadas.

Ao servir à mesa, Júlia se debruçava ligeiramente, deixando entrever um par de seios firmes e intumescidos por sob o decote da blusa. Apesar de excitado, sua presença não me perturbava. Retribuí-a-lhe a delicadeza com olhar acolhedor e ficava na expectativa de que fosse Sara a me servir a próxima dose. No entanto, tal não acontecia.

Com o tempo, fui me engraçando propositalmente com Júlia, para provocar ciúme na outra que me rejeitava. Havia um tom de vingança aí, mas o resultado final foi nulo. Pouco depois Sara desapareceu sem deixar qualquer rastro – simplesmente demitiu-se do serviço. Fiquei inexplicavelmente desolado, impotente, sem ação. Não contava com essa. Logo, como não podia deixar de ser, a opção mais em conta foi a própria Júlia, que passou a se oferecer abertamente ao ver o caminho livre.

## 8

### *Karl, o big boss: uma missão especial*

O romance com Júlia aconteceu em sintonia com a minha ascensão na agência. Na época, Enzo, um garoto de vinte e dois anos, era o *top de linha*, o menino dos olhos de Karl, o *big boss*. Diziam que eram amantes, mas certamente eram apenas boatos e especulações. Nada ficou de fato provado. Karl era extremamente reservado, metódico – um homem de hábitos estranhos, por assim dizer.

Portanto, abaixo de Enzo, eu ocupava o segundo lugar na preferência das mais ricas e exigentes. Havia uma aposta entre os colegas sobre quanto tempo eu levaria para desbancá-lo do primeiro posto. Obviamente não levei a coisa a sério; e de qualquer forma não havia disputa ou rivalidade explícita entre nós; apenas uma reserva de ambas as partes. Enzo tinha um estilo completamente diferente do meu, mas era eficiente no seu propósito.

Numa quinta-feira – véspera de feriado –, pela primeira vez fui chamado ao escritório do chefe. Nossos contatos anteriores se deram de forma estritamente profissional. Lola me apresentou formalmente a Karl, quando da minha admissão na agência. À primeira vista, sua aparência não inspirava grande coisa: magro, mediano, rosto liso e os minúsculos óculos redondos na ponta do nariz. Não teria mais que quarenta e cinco anos. Ele me desejou sucesso do alto da sua cadeira de diretor – e foi só.

Lola me alertou sobre a personalidade extravagante e supersticiosa do patrão: sempre fumava o charuto com a mão esquerda e jamais viajava durante a noite; os seguranças tinham que trajar branco e os seus cães de guarda, catorze ao todo, eram *dobermanns* e *pretos*. Não gostava de ser importunado ou abordado sem prévio aviso. Em suma, Karl era o que se costuma chamar de autêntico excêntrico.

Ciente disso, abster-me, até segunda ordem, de qualquer comentário ou interpretação sobre Karl – ele era o chefe e isso já dizia tudo. Logo mais, assim que me fiz notar pela aplicação e desempenho no negócio, veio o convite. O chefe me confiaria uma missão – comentara Lola dias antes.

No gabinete, Karl foi direto ao assunto, passando-me o envelope com a passagem aérea para o Rio de Janeiro. Devia me apresentar ao Hotel W.B, a suíte estava reservada, eu somente ficaria à espera do contato. Pediu-me aplicação especial no caso. Necessitava retribuir um favor a um velho amigo. Era isso no momento. Olhou-me por baixo das lentes esverdeadas dos óculos e depois sorriu miúdo, baforando o longo charuto de cheiro adocicado – com a mão esquerda, claro.

Retribuí a gentileza, deixando claro que daria o melhor de mim. Logo em seguida, saí.



*O esplendor da Baía de Guanabara*

A ida ao Rio de Janeiro representou um marco para mim. Admito. Até então, nunca saíra do estado e a cidade de São Paulo era meu universo soberano (à época, estava cheio de ideias e expectativas). Pois bem, assim inspirado, despedi-me de Lola naquela mesma noite e embarquei no voo das 19h40.

O tempo estava quente e úmido. Era março, final de verão. De qualquer forma, o Rio de Janeiro é sempre quente. Durante boa parte do ano raramente as temperaturas são baixas o suficiente que impeçam uma ida despreziosa à praia, mesmo que só para dar uma olhada e respirar fundo a maresia (para sorte dos cariocas).

Contudo, na maioria das vezes, o calor abrasador engole impiedoso as pessoas, e a cidade, como uma grande bola de fogo, ferve sob a ação implacável do sol e do vento litorâneo, salgado e morno dos trópicos. A atmosfera sufocante e carregada durante o dia é suavizada pela brisa marítima do cair da tarde.

*Comentário. Porém não há como negar o esplendor da Baía de Guanabara, principalmente quando vista do alto, do céu, das asas de um avião; exuberante e grandioso espetáculo, que provoca instantaneamente uma sensação de êxtase no espectador, tamanha a extensão da sua beleza.*

E foi assim que a senti no primeiro contato, entre deslumbrado e seduzido, com um leve friozinho de contentamento na barriga. Mais tarde, nas minhas idas e vindas, fazendo a ponte Rio-São Paulo, é que pude apreciar – e degustar – toda a beleza e diversidade natural e, por que não dizer, humana da cidade maravilhosa.

Cheguei, portanto, ao W.B Hotel por volta das nove e meia da noite. O endereço ficava no Leblon. Após a identificação e a entrega das chaves na recepção do hotel, saí imediatamente. Dirigi-me à orla e fiquei por um bom tempo no calçadão apreciando, inebriado, primeiramente o mar calmo, panorâmico, imenso, para depois acompanhar com o olhar incerto o tremular das luzes a perder de vista na imperiosa Baía. Sorvi fundo a maresia trazida, o que me fez bem. Após me fartar com tudo aquilo, retornei aliviado ao hotel.

—

Meu contato não demorou muito.

A ligação foi breve, e a voz feminina me pareceu simpática ao telefone.

Carol era o seu nome. Trabalhava na filial do Rio. Aqui o negócio se baseava no turismo, principalmente no atendimento a turistas estrangeiros. A maior parte dos clientes era de estrangeiros em férias ou de executivos de passagem, a negócios, no nosso paraíso tropical.

No Rio a casa trabalhava predominantemente com mulheres, portanto os clientes eram em sua maioria homens. A sede em São Paulo atendia, sobretudo, mulheres ricas e empresárias. Éramos em catorze – os chamados acompanhantes executivos, homens na faixa dos 19 a 30 anos, dispostos a tudo em matéria de sexo e erotismo.

Karl encarregara Lola do recrutamento e seleção dos *escorts* – ela era seu braço direito e responsável diretamente pelas contratações. A orientação da casa não deixava dúvida: qualquer desvio de conduta ou quebra de regras implicava a demissão sumária do *escort*, como no caso de Tony. Karl era rigoroso e exigente – e tinha razão para tanto –, afinal lidávamos com uma elite endinheirada e exclusivista.

Em São Paulo, o contingente feminino, as modelos e acompanhantes *high class*, habitava um imponente e luxuoso sobrado no bairro de Moema. Raramente tínhamos contato com elas; era uma das regras da casa. Mas essa é outra história.

Portanto, Carol se encarregou de mim e serviu-me de guia na noite carioca. Ela era uma mulher eloquente, de voz cantada, pele bronzeada e olhar impetuoso. Exibia um respeitável par de pernas e coxas, deixadas sensualmente à mostra por sob a minissaia de couro marrom. Era do tipo maçãzinha, arredondada nas formas, porém sem exageros.

Embarcamos num rápido passeio noturno pela orla litorânea e imediações, enquanto Carol dava nomes aos bois, não necessariamente nesta ordem: Avenida Atlântica, Leme, Copacabana, Barra da Tijuca, Arpoador, Ipanema, até aportarmos no Bar Vinicius de Moraes, no Leblon. Pensei em *Garota de*

*Ipanema* e na vida boêmia e efervescente do Rio de Janeiro de meio século atrás.

Tentei, utilizando a imaginação e certa dose de romantismo, fantasiar como seria viver numa época como aquela. Obviamente eu era jovem e impetuoso demais para ter uma noção, ainda que nostálgica, do passado. Pensava em termos presentes – e só ocasionalmente no futuro. O que importava eram as ilimitadas possibilidades da vida imediata, do imprevisível, do insondável, da pulsante energia que move a *grande máquina*, que modifica pessoas comuns, alterando o ritmo e a cara da cidade a todo instante, do dia para a noite, de um só golpe. Disso eu sabia. Sim. Sabia também que a noite era feita de cumplicidade e mistério, que sobretudo na noite lugares e pessoas adquirem outra cara, outra coloração, que o próprio tempo parece ser outro.

*Comentário. A noite abriga incontáveis máscaras, de muitas maneiras. O que às vezes pode parecer simples ato, mera questão de formalidade (ou loucura), na verdade esconde outras faces – o simulacro, o disfarce.*

Lembro-me de Lola se expressando desse modo, nos momentos de solidão a dois, quando, então, literalmente exaustos de tanto foder, bebericávamos longas doses de gim aguado com menta, para refrescar. Havia uma ponta de ceticismo que me intrigava, toda vez que ela se deixava levar pelo pensamento. Assim era; assim acontecia.

Ficávamos por longo tempo deitados preguiçosamente na cama, no mais completo silêncio, inertes e esquecidos, apenas observando a coloração verde diluída nos copos. De repente, num gesto inusitado, tomada de súbita inspiração, Lola lançava mão do dedo indicador. Como uma aprendiz de alquimista, ela vertia pouco a pouco a menta da garrafa num dos copos, remexendo lentamente o líquido espesso e verde, com seu dedo fino e delgado, até conseguir torná-lo um todo uniforme. Logo mais, olhando-me fixamente nos olhos, ela inseria profundamente o dedo lambuzado na vagina, dilatada e vermelha, gemendo suave, manhosa, feito gata no cio, permanecendo nessa prática alguns instantes. Depois, me oferecia o dedo suculento e esverdeado, para que eu o degustasse com a língua. Eu o fazia, com imenso prazer, enfiando-o

deliberadamente na boca, sugando-o tal qual um bebê faminto, esfomeado.

Nesse exato momento, notando minha ausência, Carol me puxou pelo braço e... despertei. Minha face devia ter-se transformado com a excitante visão rememorada, pois ela pousou em mim um olhar cheio de tesão e desejo. Apertei a mão gorduchinha da exuberante acompanhante e instintivamente beijei-a com sofreguidão.

Certamente meu entusiasmo era visível e contagiante. Por instantes me senti íntimo de tudo aquilo, da cidade e de seu passado oculto, das famosas praias, do emblemático bar, da noite que se insinuava, da sedutora garota debruçada sobre mim. Eu mesmo me vi seduzido pela atmosfera criada e imaginada, envolvido numa espécie de delírio interior.

Carol sugeriu coquetéis coloridos servidos em taças bojudas e assim pedimos várias rodadas de coquetéis cremosos de morango e pêsego ao rum, especialidades da casa – simplesmente deliciosos. Por último, jantamos mexilhões ao forno. Não podia ser melhor, comida com cheiro e gosto de mar.

Mais tarde, dando continuidade à viagem noturna pela orla, seguimos pela Avenida Vieira Souto e fizemos um longo trajeto. Se não me falha a memória, era assim: Forte de Copacabana, Arpoador, margeamos o sopé do Morro da Urca, Pão de Açúcar, depois rumamos para a Gávea, pela Niemeyer, passando pelo túnel, até alcançarmos São Conrado, indo desembocar, finalmente, no extremo sul da cidade.

Carol, por sua vez, descrevia o itinerário, para o turista que eu era, destacando esse ou aquele detalhe importante, realçando todos os ésses finais possíveis, como fazem os cariocas ao pronunciar as palavras.

Fizemos todo o percurso de volta, não sem antes lançarmos um último olhar do mirante sobre o remanescente da Mata Atlântica morro abaixo. A escuridão espessa da floresta era iluminada somente pela lua, que se insinuava fugaz por entre a vegetação apenas pressentida.

Depois, Carol me deu o prazer de dirigir seu compacto *Uno* vermelho – e ganhamos a estrada.

## 10

### *Big Hunter*

Já passava da meia-noite quando paramos na efervescente Copacabana em véspera de feriado. O *nightclub* exibia B I G H U N T E R na fachada amplamente iluminada, logo acima de nossas cabeças. O néon cintilante destacava o letreiro, em azul e branco, projetando as enormes letras tremeluzentes. Havia movimento e agitação por toda parte.

Entramos.

O local era frequentado por gente do mundo MIX e GLS: gays, lésbicas, bissexuais, bears, garotas e garotos de programa da Zona Sul, cafetões elegantes, *drag queens*, artistas do *underground*, extravagantes personagens da noite, curiosos e simpatizantes de toda aquela miscelânea de tribos. O barulho lá dentro era infernal, e o ar, carregado e viciado, cheirava a bebida, cigarro, fumo de maconha e cheiro de gente da melhor e também da pior espécie.

Logo Carol nos ambientou. Ela praticamente conhecia meio mundo lá dentro; era reconhecida em todos os cantos por onde passávamos. Do balcão do bar, cruzando a pista de dança, às mesas de fundo, os cumprimentos e saudações não cessavam. Era até cansativa aquela via-sacra noturna, recheada de abraços calorosos, beijinhos no rosto. Por fim, paramos junto a um grupo exótico e original – e Carol se contentou com o que viu.

Ela primeiro apontou e depois me apresentou Kadu, um sujeito forte, tipo musculoso e meio imbecil – ao menos era o que aparentava – do mundo pornô. Na verdade, observando mais de perto, todos os caras na mesa eram exageradamente fortes e musculosos. As mulheres, inclusive, não fugiam à regra, exibindo contornos rígidos e corpos visivelmente malhados. Era outra vez a moda da academia. Todos frequentavam academias ou falavam sobre o assunto, exibindo corpos malhados, bombados e até mesmo truculentos – verdadeiro reino das vaidades.

Já o tal Kadu, além de bombado e arrogante, era conhecido por ter um membro monstruosamente grosso e intimidador, até mesmo para os padrões das atrizes pornôs. Não

raro, algumas delas se recusavam a contracenar com o *monstro* em toda a profundidade e pujança exigidas na cena. O sujeito fazia o tipo amante latino – alto, moreno, cabelo crespo, riso rasgado, cara obscena –, possuindo, no conjunto, o perfil exato para o negócio de filmes pornográficos.

Outro super bem-dotado era o DildoMax, sentado imediatamente ao lado de Kadu. Dildo e Kadu eram rivais que se toleravam, entre trocas de amabilidades e alfinetadas ocasionais. Percebi que ambos tiravam proveito da situação, fazendo disso polêmica para autopromoção no meio e na mídia pornô.

Bem, diziam que o tal Dildo não só tinha um enorme tronco, um verdadeiro trabuco no meio das pernas, como a dimensão e o tamanho do seu *gigante* eram comparáveis à de um pé de mesa. E era verdade. Bastava ver nos filmes: seu membro era realmente cavalhar, descomunal. Por isso mesmo, no meio pornô carioca, ele era conhecido como Dildo-pé-de-mesa ou Dildo-jegue ou ainda Dildo-jumento. Poucas eram as atrizes que se dispunham a ir fundo nas cenas de sexo com DildoMax, sem antes tomar algum cuidado especial na hora das filmagens.

Diziam ainda que Dildo e Kadu haviam colocado seus respectivos instrumentos de trabalho, seus preciosos e enormes cacetes, no seguro. De fato, nos anos noventa, essa prática acabou virando moda no meio, principalmente entre os atores americanos do *PornoValley*, em Hollywood. Dava o que falar – e dava mesmo.

Seguindo adiante, encontramos, do lado esquerdo de Kadu, Suelen Brad e, acompanhando DildoMax, Jane Pitty – duas requisitadas atrizes *hardcore* da temporada. Sem dúvida eram belas e esculturais, além de demasiadamente pintadas, maquiladas feito verdadeiras bonecas eróticas. Pareciam posar o tempo todo para as câmeras, procurando sempre o melhor ângulo, o melhor *close*, exibindo um sorriso obsceno e ensaiado nos lábios. No mais, seus atributos visuais falavam por si: eram mulheres extremamente desejáveis e voluptuosas.

Carol me confessou tudo isso mais tarde, no seu apartamento em Laranjeiras, após nos entregarmos a várias sessões de sexo selvagem, regadas a champanhe e coquetéis de frutas, que duraram até as oito da manhã.

Não nego que também eu alimentava o desejo de atuar em um filme pornô, com todas aquelas desejadas atrizes nuas, em tórridas cenas de sexo, exuberantes e voluptuosas mulheres, vistas por milhares, por milhões, nos cines eróticos em todo o território nacional.

Nesta fase, essas cenas e visões mexiam intensamente com minha imaginação, exercendo um forte fascínio e atração sobre mim. Eu me sentia capaz de fazê-lo – pensava, excitado com a ideia. Mais que isso, pretendia ir além da mera curiosidade, desejava ardentemente me tornar um astro do universo *hardcore*.

Lola, mais de uma vez, me aconselhou cautela e afirmou que meu momento chegaria. Karl era também produtor de vídeos pornôs e, segundo ela, já estava em andamento um projeto para realização de nova película. As filmagens começariam, o mais tardar, no segundo semestre daquele ano.

Por sugestão de Doug, e para aplacar minha crescente curiosidade, eu chegara a assistir aos dois últimos lançamentos da produtora, filmes que renderam boa bilheteria na temporada, nos quais o estreante Enzo e o veterano Doug atuaram como astros.

## 11

### *O haras*

Mas ainda não foi dessa vez que o desejo prevaleceu sobre a realidade. Minha ambição foi refreada – e melhor que tivesse sido assim. Havia coisas que eu precisava aprender, e só o tempo e a experiência poderiam me fornecer as respostas adequadas.

A ansiedade a que me via submetido era muito mais fruto da idade do que propriamente questão de personalidade. Meu temperamento cauteloso obrigava-me a pensar e repensar os fatos e as expectativas geradas, antes de tomar qualquer decisão. Não gostava de precipitar as coisas. Lola apreciava esse traço da minha personalidade e me estimulava nesta direção. Ela tinha planos para mim e, de certa forma, eu me deixava levar pelos seus conselhos – obviamente, com alguma reserva.

Pois bem, minha missão no Rio não estava cumprida. O compasso de espera acabou quando, por volta das três da tarde, com o sol a pino, Carol contatou novamente.

Eu me retirara do seu apartamento pouco antes do meio-dia e fora direto para a praia. Perambulei pela orla, partindo do Aterro do Flamengo para Botafogo, Copacabana, passando por Ipanema, até o Leblon. Nunca tinha visto praias tão belas. Havia gente de todo tipo banhando-se no mar, bronzeando-se ao sol, deitada feito lagartixa preguiçosa na areia, circulando às centenas pelos largos calçadões portugueses, em busca de relaxamento e diversão. Os bares e quiosques estavam repletos em função do feriado nacional – e assim o Rio fervilhava.

Carol apanhou-me pontualmente às quatro horas. Rumamos sem perda de tempo no sentido Rio Comprido. Até então não havíamos falado sobre o trabalho. Carol apenas me esclareceu vagamente do que se tratava, já que para ela a coisa também era novidade.

Após rodarmos por um bom tempo, chegamos ao haras. O proprietário era um conhecido e influente produtor de televisão, adepto de corridas de cavalo, que possuía sua própria fazenda de criação. O lugar era exuberante e bem cuidado. Da cavalaria, ouvimos o relinchar e o pisotear vagaroso dos animais. Demos uma olhada e ficamos deslumbrados com a beleza dos cavalos de raça. Valiam uma verdadeira fortuna. Depois, como do nada, apareceram dois sujeitos grandalhões, portando rifles de caça. Imediatamente nos identificamos, e eles nos indicaram o caminho; não sem antes dar uma olhada no traseiro bem guarnecido de Carol.

A casa ficava ao sul da propriedade e rumamos para lá. O lugar parecia deserto e tivemos alguma dificuldade em nos fazer ouvir.

Por fim uma mulher apareceu vestida de amazona. Era magra e longilínea. Devia ter aproximadamente quarenta anos – não mais. O rosto guardava os traços de uma beleza sóbria, fria, porém penetrante. Desculpou-se, dizendo que acabavam de chegar de um passeio a cavalo e se encontravam nos fundos da casa dando ração e água aos animais.



Isabela – era esse o seu nome – nos fez entrar e a seguimos à ampla área de serviço onde Gil, o marido da amazona, estava vivamente entretido com duas belas montarias. Os animais transpiravam em abundância; estavam visivelmente suados, ofegantes, exalando o odor forte e característico dos animais de grande porte – dos grandes quadrúpedes.

O uísque com soda e gelo foi servido sem mais cerimônias. Num clima de cordialidade, passamos também a nos ocupar dos animais.

Com a ajuda de Gil, Carol escovava Monroe, a magnífica égua branca de Isabela. À medida que a escovação acontecia, o odor de suor, de secreção animal, passou a dominar por completo o ambiente. Assim, os cheiros iam gradativamente impregnando o ar, penetrando nossos poros e narinas, tornando a simples tarefa de escovação algo excitante aos sentidos.

Sentado ao lado de Isabela, eu observava excitado e cheio de curiosidade a cena, procurando em vão disfarçar a agitação que me tomara de assalto após a segunda dose de uísque.

Carol, por sua vez, inclinada sobre o dorso do animal, deixava à mostra pernas, coxas e boa parte da voluptuosa bunda bronzeada. Gil encostava-se propositalmente no corpo da garota, muitas vezes colando-se nela, com o intuito de ajudá-la no trabalho.

Em dado momento, percebi que Isabela se remexia levemente no assento, tendo uma das mãos no meio das pernas, por baixo da saia longa do vestido. Gil, por seu lado, ciente das intenções da esposa, passou a encoxar Carol, segurando-a forte pela cintura. Depois se grudou nos avantajados quadris da garota, com disposição.

Vendo aquilo, num gesto de impaciente embriaguez, Isabela arrancou o vestido e mostrou-se por inteiro. Desse modo, remexia sem pudor a pelve para cima e para baixo, acariciando simultaneamente os seios e o púbis inchado com as pontas dos dedos, num frenesi sem igual.

Não perdi tempo e me desfiz de um só golpe das roupas, permanecendo completamente nu diante da amazona sussurrante. Ela naturalmente tomou meu membro semiereto na mão direita e iniciou um *handjob*, devagar e preciso, enquanto trabalhava com

vigor a mão esquerda no meio das coxas brancas em busca do seu centro de prazer.

Nesse intervalo, Gil e Carol atracaram-se. Carol mantinha-se curvada para frente, apoiada ao encosto da cadeira, de quatro para Gil, que a penetrava violentamente, golpeando-a com estocadas profundas, arrancando suspiros de prazer da parceira. Enquanto isso, Isabela acelerava os movimentos no meu membro rígido e latejante, beijando-o, sugando-o com volúpia, para novamente voltar ao  *handjob*.

Por fim os gemidos e sussurros se intensificaram, se multiplicaram, num clima de excitação sem igual, deixando a parelha de animais, logo adiante, inquieta e agitada. Entregamo-nos assim à mais completa e desvairada embriaguez dos sentidos, à volúpia dos desejos incontrolláveis, por gloriosos e incontáveis minutos, entre espasmos e gritos roucos.

Mais tarde, depois de um merecido descanso e de uma leve refeição, prosseguimos com o  *swing* no  *living*, agora despojados e mais à vontade, simplesmente deixando o tesão fluir naturalmente.

A pedido de Gil, Carol e Isabela realizaram uma deliciosa e ousada sessão de carícias. Permanecemos os dois, assim, apenas observando o desempenho glamoroso e sensual daquelas divas tão diferentes entre si.

De fato, era tremendamente excitante presenciar duas belas mulheres, uma nos braços da outra, se entregando de forma tão sedutora ao prazer, ao calor do sexo. E como se entregaram! Não tardou muito e também fui convidado a participar. Foi o que fiz, com enorme e grata satisfação. Depois, para completar a festa, chegou a vez de Gil se juntar ao grupo.

Desse modo, num ato de intenso desvario, novamente a luxúria dos sentidos tomou conta de todos nós, culminando com a entrega total e merecida aos prazeres gozosos.

—

Deixamos o haras tarde da noite. Estávamos extenuados e curiosamente com um incrível cheiro de cavalo impregnando nossos corpos, mesmo após um longo, aromático e relaxante banho de hidromassagem – gentileza dos nossos anfitriões.

Assim, tendo completado minha missão no Rio, não restava outra coisa a fazer senão a difícil tarefa de desfrutar um final de semana inteirinho de praia, muito sol e diversão. Aproveitei para repousar calmamente e recobrar as energias, longe do *stress* e da tensão dos últimos meses de intenso trabalho na agência.

Segunda-feira de manhã, após passar a última noite no Rio com Carol, embarquei no voo das 8h45 para São Paulo.

## 12

### *O episódio da Praça da República*

Na primavera de 1994, um acontecimento casual, que a princípio não me dizia respeito, acabou me envolvendo de forma inesperada e singular.

Nessa época, frequentávamos boates e casas de *show* na Angélica, também nas imediações da Praça da República, sobretudo a *Love Story*, perambulando sem compromisso até altas horas da madrugada. Era divertido e excitante aquele passeio noturno pelas ruas do grande centro, a essa hora povoadas de figuras bizarras, situações extravagantes, num clima insólito e desigual.

Obviamente não nos misturávamos com os michês da região – garotos rotos, decadentes; prostitutas obscenas, malcuidadas; travestis siliconadas, medonhas; vagabundos e espertalhões de toda sorte – mas gostávamos de transitar entre as *tribos* e às vezes de nos fazer passar por eles, usando o linguajar vulgar e corriqueiro dos putos e das putas, imitando o trejeito de andar característico e afetado dos que fazem programa nas ruas.

Numa dessas ocasiões, estávamos em quatro caras. Horas antes, Sid me apresentara Alan e Bertold, uma dupla de belos e vigorosos acompanhantes de Moema. Os dois moravam na Avenida Ipiranga, mais precisamente no Edifício Copan, dividindo amigavelmente o mesmo espaço, inclusive a mesma cama.

Naquela noite, Sid e eu fomos à *B.B.Boys*, nos Jardins, onde Alan e Bertold frequentemente se apresentavam realizando um número erótico de dominação-submissão, *Alfa e Beta*, sexo explícito com direito a calças pretas de couro, amarras de pano, algemas prateadas, coleira vermelha e chicotinho entrelaçado.

Pois bem, já em plena madrugada, após o *show*, caminhávamos os quatro pela Ipiranga no sentido da Avenida São João, quando ouvimos passos apressados e gritos estridentes bem às nossas costas. Em seguida, soaram dois disparos de revólver. A confusão foi geral. Buscamos proteção atrás dos carros estacionados na rua e esperamos os acontecimentos.

Logo, um grupo se formou em volta de alguém caído no asfalto. Parecia uma mulher, com certeza era uma mulher, mas não era. Era Patty Beleza, a travesti.

Foi assim que a conheci: rota e baleada, estirada no chão, choramingando feito um bebê amedrontado. Ao seu lado estava Velô, a protetora inseparável, uma travesti gigantesca e intimidadora, de dar medo. Ela afastou energicamente os curiosos, ergueu Patty cuidadosamente nos braços e caminhou em nossa direção.

Estávamos a poucos metros do local e percebi que a traveca sangrava bastante. A face da boneca estava lívida, e sua respiração, fraca e debilitada.

Velô, com os olhos arregalados e extremamente pintados, nos dirigiu uma pergunta e eu imediatamente disse sim. Senti os olhares furiosos dos camaradas me fuzilando, mas fingi não perceber, estava estranhamente sensibilizado com a cena.

Fiz sinal para que a outra me seguisse e me dirigi rapidamente para o lado oposto da praça. Velô caminhava a passos largos, porém tendo o cuidado de movimentar-se o menos bruscamente possível para assim poupar a pobre Patty. Retardei o passo, dei uma olhada para trás e certifiquei-me de que ela desmaiara nos braços da amiga – o pescoço pendia flácido no ombro da traveca.

Levei-as de carro ao PS do HC e deixei-as sem outras considerações. Imediatamente retornei à Praça da República.

*Comentário. Não gosto de hospitais, nunca gostei; me sinto horrivelmente desconfortável diante da desgraça e tragédia alheias. Talvez tenha receio da minha própria fraqueza e vulnerabilidade. Sinto profunda aversão a ambientes onde a vida e a morte se enfrentam, se digladiam a todo instante. Nunca pus os pés*

*em cemitério, não vou a enterros nem faço visitas em quarto de hospital.*

Mas, voltando à Praça da República, não encontrei Sid e os outros. Tomei um *drink* no SP-550, para finalizar a noite, e fui direto para casa.

—

Uma semana após o episódio, estava ao lado de Doug na *RedHouse* bebericando distraidamente um uísque aguçado, quando fomos subitamente abordados.

Para minha surpresa, reconheci Velô e Patty, sorridentes e espalhafatosas. As duas me envolveram num abraço que me tirou o fôlego. Me senti o próprio recheio de um sanduíche. As bonecas me cobriram de beijos e também a Doug.

Contei a ele, com estranho entusiasmo, os detalhes do episódio daquela noite na praça, sendo interrompido frequentemente por Velô, com suas exclamações de indignação e ira. A traveca queria revanche a todo custo. Sabia quem tinha feito o serviço. Baixou a miniblusa de Patty e mostrou o ferimento no ombro direito. Felizmente a bala pegara de raspão, não penetrando a carne. Depois, levantando a saia de couro da outra, exibiu as coxas adolescentes de Patty, onde se viam arranhões superficiais e um tanto arroxeados nas bordas, certamente devido à queda brusca.

Resolvemos comemorar o encontro e dedicar a noite inteira a Patty. Doug se excitou com as recém-chegadas e tomou as rédeas da louca carruagem noturna. Bebemos e dançamos até a exaustão. Depois, trôpegos e risonhos, mergulhamos na agitada madrugada paulistana, dirigindo a esmo pela cidade, enquanto a gigantesca Velô, com meio corpo para fora do carro, abordava maliciosamente as pessoas nas ruas e avenidas.

Ao lado de Patty, me sentia tocado, diria até embevecido, com a graciosidade da pequena travesti. Nunca havia visto algo igual. Patty se comportava como uma frágil garota mimada e, sem dúvida, era o que naturalmente era: uma ovelha andrógina e maldita, desgarrada do seio da classe média. Os traços femininos eram visíveis e se destacavam, sobretudo nos detalhes da boca e dos lábios, no nariz afinado, no pescoço esguio, nas mãos infantis

e delicadas. O olhar lânguido era um pouco tímido, o que conferia a Patty um grau de pálida e retraída beleza.

Em resumo, Patty seria uma perfeita pérola, se não fossem as frequentes intoxicações e internações-relâmpagos no HC, por cocaína e álcool. De qualquer forma, não era à toa que Velô a protegia com unhas e dentes; via-se claramente que estava apaixonada pela drogadita.

Confesso que também me senti atraído, desde o primeiro instante, pelos encantos mórbidos e suicidas de Patty. Por um período travamos um relacionamento erótico, um tanto exótico na verdade, mas jamais chegamos às vias de fato. Nunca me deitei com Patty ou lhe conheci o sexo, talvez receoso de desvendar o enigma da estranha criatura.

### 13

#### *O episódio da Praça da República II*

Neste meio tempo, sem que pudéssemos fazer nada para impedir, o inevitável acabou acontecendo. Não demorou muito; era mesmo coisa do destino – ou *quase* isso.

Velô não esquecera o episódio da Praça da República e andava inquieta, *atacada*, nervosa. Falava o tempo todo no assunto e não arredava pé do seu propósito. Sabia quem era o filho da puta que disparara contra elas naquela noite. Patty fora baleada e por sorte não morrera. Desse modo, queria vingança, a qualquer preço – e o quanto antes. Chegara a hora da revanche, da desforra das *bonecas*.

E foi Velô quem no final serviu de isca para a armação. A traveca estava de fato determinada. Ela mesma bolou o plano e praticamente o executou sozinha, à revelia de nossas opiniões, recusas e hesitações. Faríamos apenas o resgate. Por certa quantia rateada entre nós, Doug descolou um *chapa fria*, que seria nosso veículo de fuga. O dia seria sexta-feira à noite. O local, a mesma Praça da República.

O tal sujeito estaria lá – afirmara Velô, com conhecimento de causa. Ela o investigara semanas antes. O filho da puta era conhecido na praça por maltratar e espancar travestis após se divertir com elas. Agora teria o merecido castigo.

No dia combinado, Patty nos acompanhou no banco de trás do carro, assustada e retraída no assento, com as pupilas dilatadas de tanta ingestão de cocaína. Por um momento pensamos em nos desfazer dela deixando-a no apartamento, mas Velô insistiu em levá-la. Ela teria que presenciar a vingança.

A coisa toda aconteceu muito rápido, o mais difícil foi a espera.

Recordo que a noite estava excepcionalmente quente. Mesmo assim Velô circulava pela praça com uma enorme capa cinza, apesar de não estar usando nada (ou quase nada) por baixo, apenas uma minúscula calcinha de renda. Vez ou outra, avistávamos a silhueta extravagante da travesti, caminhando lentamente ao longo da avenida, sendo abordada por esse ou aquele veículo.

Após mais de duas horas de tocaia, por um breve instante perdemos Velô de vista. Doug apontara na direção do Edifício Copan e fomos obrigados a dar a volta na praça.

De repente, ouvimos gritos e urros de dor. Acelerei o carro e demos de cara com Velô agitando-se toda logo à frente. Brequei e a travesti pulou para o banco de trás do automóvel. Patty estava mais pálida do que nunca e deu um grito histérico.

Ficamos mudos, estáticos, observando a figura desgrenhada, desfigurada, envolvida na capa suja de sangue. As mãos, o rosto e quase todo o corpo da travesti estavam cobertos de sangue, fresco e vermelho. Ofegante, ela gritou algo nos meus ouvidos e arranquei o carro em louca disparada.

Havíamos ensaiado o itinerário da fuga, mas me perdi completamente. Atravessei todos os sinais vermelhos e por pouco não colidimos com o caminhão da coleta de lixo.

Quando dei por mim, estávamos a caminho da Zona Norte, no sentido Santana. Durante o percurso suicida, ninguém falou. Até então muda e apática, Patty subitamente disparou um choro convulsivo e irritante, só refreado pela bofetada no rosto aplicada por Velô. Ela voltou a si e permaneceu abraçada ao corpo ensanguentado da amiga.

Recuperando a presença de espírito, dei meia volta e rumei para a Consolação e depois para a Rua Maria Antônia, tendo

o cuidado de evitar as imediações da praça no centro da cidade. Deixamos as *bonecas* no apartamento – Barezzi não estava em casa nem voltaria naquela noite –, e Doug e eu fomos providenciar a limpeza do carro na garagem. Havia sangue no estofamento e nos tapetes. Foi dureza limpar tudo aquilo. Por fim, exaustos pelo trabalho, subimos para nos refrescar e ouvir a história.

Encontramos Patty estendida no sofá; estava lívida. A essa hora, drogara-se de novo. Os olhos estavam paralisados na tela da TV. Sentada ao lado, estava Velô, somente de calcinha preta, fumando um *baseado*. Demos uns tragos para relaxar e em seguida Doug nos serviu doses de uísque. Em resumo, indo direto ao ponto, Velô nos contou que praticamente arrancara o caralho e as bolas do filho da puta com a boca, no exato momento em que o desgraçado se preparava para o gozo. E exibiu os dentes ferozes de animal. Senti um arrepio com a revelação. Certamente não desejava aquela traveca como inimiga.

Passamos o restante da noite bebendo, fumando intermináveis cigarros e ouvindo o mesmo CD de *blues* por horas, até o esgotamento das forças.

De manhã, Doug providenciou a lavagem completa do carro no lava a jato da esquina e foi entregá-lo na periferia da Zona Leste. Permaneci deitado preguiçosamente no sofá-cama da sala, curtindo a ressaca até tarde da manhã, sem ânimo para levantar ou fazer o que quer que fosse.

Podia ouvir, entre um cochilo e outro, na mansidão da manhã de primavera, os gemidos das duas travestis se amando no quarto ao lado, como num confuso sonho inacabado.

## 14

### *Edifício Copan*

Data dessa época minha mudança de domicílio.

Barezzi terminara o curso de Direito no Mackenzie e se proclamara *doutor* com todas as letras. Aos poucos fui perdendo espaço para Cris, namorada do recém-formado. Ela se introduzira mansamente, feito uma gata, no apartamento, no nosso convívio, e percebi, tarde demais, que seus planos eram mais ambiciosos e definitivos do que supunha minha vã filosofia. Ela praticamente se mudou para lá, sem que me apercebesse do fato.



Assim, numa prosaica manhã de domingo, o noivado foi anunciado sem qualquer consideração por mim. Barezzi pediu-me desculpas e bebemos caipirinha para acompanhar o improvisado churrasco de comemoração.

Portanto, minha ida para o Edifício Copan não foi um ato fortuito ou simples obra do acaso. Já estivera lá algumas vezes. Sid e eu costumávamos percorrer os longos e intrincados corredores mal iluminados do prédio. Às vezes até o próprio Sid se perdia. Errávamos o bloco ou o andar ou mesmo o número do apartamento de Alan e Bertold – e aí tínhamos que refazer todo o trajeto, de novo pelos elevadores e corredores sombrios.

Apesar disso, não estava nos meus planos morar no Copan; mas, sem saber como, acabei me rendendo às graças daquele prodigioso monumento de concreto e aço. Alguma coisa me dizia que eu passaria uma temporada lá, ainda que breve, como veio a acontecer.

—

Bem, morar no Edifício Copan é uma experiência única – única e absurda. O Copan é, sem exageros, uma cidade *dentro* da cidade. Pode ser visto assim tanto como um símbolo, um cartão-postal de São Paulo, quanto como uma aberração moderna aos olhos de muitos. Não importa. O fato é que falar do Copan é falar de uma verdadeira cidade de mais de 5.000 habitantes; e isso em pleno coração da metrópole.

Ocupei, portanto, o número 2.618 no 26º andar do Bloco A do prédio. Para os padrões do condomínio, eu detinha o *status* de classe média. O apartamento era grande, possuía dois amplos dormitórios e era também bastante arejado. Quando tinha tempo livre, eu gostava, sobretudo, de avistar São Paulo de um dos pontos mais elevados da região central: da cobertura do imponente edifício. De lá, podia ver boa parte do centro velho da cidade, Avenida Ipiranga, Praça da República, Santa Cecília, também Barra Funda, Parque da Água Branca e a Serra da Cantareira na Zona Norte.

Certamente a visão panorâmica da grande metrópole, contemplada do alto do Copan, é algo extasiante, que impressiona até mesmo o observador mais experiente. A sensação de imensidão e amplitude, que se descortina no golpe de vista do primeiro olhar, mescla-se ao aparente estado de suspensão dos corpos, dos objetos, das infinitas formas urbanas – irregulares, confusas, justapostas – presentes na paisagem caótica. São Paulo se impõe desse modo ao observador como um gigantesco e estranho mosaico. A ideia de um mundo inteiramente urbano, moldado a concreto, aço e fibras sintéticas, parecia ali real e inevitável.

Adaptei-me assim, com relativa facilidade, ao novo espaço urbano. Passadas as primeiras semanas, conheci meus vizinhos do lado.

—

O apartamento 2.620 era, na verdade, ocupado por uma *trupe* de artistas mambembe, divertidos e apaixonados pela vida. No elevador, Érica, uma ruivinha risonha, alegre e extrovertida, me tomou por modelo ou algo do gênero. Apressou-se em apresentar suas credenciais de aspirante a atriz e me chamou ao seu apartamento para um chá de boas-vindas. Aceitei o conhaque, logo após o chá. Depois, sem cerimônia, ela acendeu um *baseado* úmido e mofado, guardado no bolso da capa de chuva. Partilhamos a doida e fedorenta maconha e Érica imediatamente embarcou na viagem, passando a declamar o texto do novo espetáculo. Permaneci absorto, de olhos fechados, ouvindo a voz empostada e teatral, enquanto ela ensaiava seu número. Rick chegou logo em seguida, com roupa e acessórios de palhaço. Ele era o mais velho e experiente do grupo, um sujeito completamente maluco e imprevisível.

Descemos então para uma rodada de cerveja no bar do Calazans, na esquina da Avenida Ipiranga. Rick, ainda vestido de palhaço, abordava os que passavam na calçada, realizando um engraçado número de mímica, na tentativa de fazer algum dinheiro com a sua arte. Não foi em vão. Duas horas mais tarde, estávamos no balcão do bar, trôpegos e baratinados, contando o dinheiro trocado depositado no chapéu de palhaço.

De volta ao apartamento, Cléo e Val apareceram. Eram as duas que pagavam o aluguel e as contas. Trabalhavam no Disque-Erótico-900; linha quente, sexo por telefone. Faziam dinheiro falando sacanagens para marmanjos idiotas, que se excitavam e se masturbavam do outro lado da linha.

Detonamos mais alguns *baseados* e no final a trupe inteira saiu de perna-de-pau, barulhenta e cambaleante, pelos corredores do edifício. Nunca me diverti tanto em tão pouco tempo.

Estes eram, portanto, meus vizinhos circenses.

Já Josué, morador do 2.624, era o insuportável ranzinza. Jornalista renomado de outros carnavais, aposentado precocemente por derrame cerebral, exibia o rosto disforme, o olho vesgo, a boca torta, sequelas irreparáveis do desastre no cérebro, que lhe dificultavam a fala e a respiração. Como vim saber, o sujeito era um solitário, abandonado pela família, intratável, resmungão, com fama de avaro. Na maior parte do tempo, convivia com gatos, um bando deles, vivendo entre eles, largado, desconfiado, soturno. Era isso. Contudo, diferentemente dos bichanos, seres que se limpam com frequência diária, Josué era desprovido de qualquer asseio corporal. Na verdade, fedia. À sua passagem, um rastro malcheiroso ficava suspenso no ar, empestando-o. No elevador, a presença da singular personagem se fazia notar pela aparência desleixada, pelo cheiro de ranço e pela cara mal-humorada. Dado a explosões de fúria, tinha uma rixa antiga com o responsável pelo nosso bloco, o *seu* Caldeira. Viviam se batendo na portaria do edifício, aos berros pelos corredores mal iluminados e dependências do prédio. A maioria das pessoas afastava-se dele, mantendo segura distância do velho jornalista.

Surpreendentemente, o sujeito foi com a minha cara, logo que me viu, nos dias que se seguiram à mudança. Perguntou-me se eu era o cara da televisão, da pasta de dente (provavelmente se referia a algum comercial da TV). Eu disse não e ele balançou a cabeça, em sinal de aprovação. Resmungou qualquer coisa amaldiçoando os publicitários e os produtores de comerciais enganosos. Pediu um cigarro, e aí veio nova carga: gostava de gatos? Respondi afirmativo e de novo Josué moveu a cabeça

grisalha, para cima e para baixo, satisfeito da própria astúcia: eu fora aprovado, passara no teste. Bateu-me de leve no ombro e segredou a advertência dizendo para tomar cuidado com dona Ofélia, a moradora do 2.622. Era uma víbora, metida com magia negra, feitiçaria. Os gatos corriam perigo. Quando caíam nas garras da bruxa, eram asfixiados em sacos plásticos. Ela os esfolava e os cozinhava com ervas e preparados escusos. Depois, servia de oferenda ao *demon*, em rituais satânicos e diabólicos. *Bruxaria, coisa-ruim, coisa do filho-das-trevas* – concluía.

Obviamente não acreditei em nada daquilo. Era puro delírio persecutório. Na prática, a pobre Ofélia não passava de uma velha angustiada, magra e temperamental, que se ocupava do marido alcoólatra e das suas plantas e passarinhos engaiolados.

Era verdade que a esquisita velhinha se impacientava, não sem motivo, com o barulho e os miados agonizantes dos gatos do vizinho; principalmente no período do cio, momento de intensa atividade noturna dos felinos. Era natural, portanto, que envenenasse um ou outro de vez em quando, mas não fazia por maldade. Defendia seu território, afinal mais de um dos seus pássaros engaiolados acabou caindo nas garras de um desses ladinos, servindo de refeição noturna ao paladar apurado de um gato.

Como no caso de Josué, dona Ofélia também simpatizou comigo. Isso se deu quando, num momento de extrema necessidade, ajudei-a a arrastar, não sem algum esforço, o marido de porre, totalmente embriagado, para dentro do apartamento. Mais tarde, no auge da crise, levei o casal de velhos ao hospital próximo, com meu carro fazendo as vezes de ambulância. O infeliz beberrão chegou em coma alcoólico e acabou internado na Santa Casa de Misericórdia por uns dias.

Em retribuição à inestimável ajuda, num gesto de generosidade, dona Ofélia presenteou-me com rosquinhas de leite *queimadas* durante toda uma semana. Não pude recusar o oferecimento, por mais que tentasse. Aí eu apenas jogava o saco com as tais rosquinhas no lixo, tão logo a velha dava as costas.

*Comentário. Procurei, dessa forma, manter relações cordiais com os velhos amalucados. Em ambos os casos prevaleceu*

a política da boa vizinhança.

## 15

### O bar do Charlie's II

Por falar em política da boa vizinhança, nessa época meu romance com Júlia estava com os dias contados. Recapitulando, Júlia era a morena alta, esguia, de dentes de marfim, garçonete do *Charlie's* na Vila Madalena. Passada a emoção inicial – e o tesão da novidade –, inexplicavelmente meus pensamentos se voltavam para Sara, a intrigante Sara. Ela me recusara e assumidamente me desprezara. Foi a primeira mulher que me rejeitou. Pensava nela como numa derrota, um erro de cálculo. Para um profissional do prazer, a recusa feminina, ao longo do jogo da conquista, da sedução, implica fracasso, absoluto fracasso. Lidar com o sentimento – e superá-lo – é que são elas. Não que me achasse irresistível ou infalível com as mulheres. Longe disso. Pensava ter deixado escapar uma pérola rara. Sabia, por pura intuição, que Sara era diferente, algo totalmente novo e inexplorado. Para meu azar, não houve tempo de comprovar nada. Ela se retirou como surgiu, simplesmente sem aviso, sem deixar qualquer rastro.

Pois bem. Júlia ocupou seu lugar, mas não me convenceu. Talvez nem mesmo eu tivesse sido assim tão convincente. O tempo era um tirano implacável: cada um para o seu lado, tratando da própria carreira e dos próprios interesses. Não restava muita coisa a fazer senão os encontros ocasionais no *Charlie's*.

Assim, eu esperava o fechamento do bar, bebericando uma dose qualquer – invariavelmente eu era o último cliente –, e logo surgia Júlia, muito maquiada, procurando disfarçar as olheiras, o ar de cansaço. Ela cursava faculdade e trabalhava no *Charlie's*, enquanto eu me atirava de ponta-cabeça na agência, no negócio do sexo pago. Na realidade, eu era um amante em pleno exercício da profissão. Abraçara a carreira com ardor, sem inquietações ou transtornos de consciência. Júlia, num primeiro momento, se empolgara com meu porte, vigor e expressão enigmática, insólita, do olhar de sedutor. Após meu fracasso com Sara, ela se lançou abertamente à conquista, ao ver livre o caminho.

Em resumo, eu me envolvera com Júlia, indo com frequência ao *Charlie's*, na esperança de poder encontrar, rever

Sara. Queria acreditar que ela retornaria, assim, como do nada. Mas era apenas uma crença idiota. Portanto, desinteressei-me de Júlia à medida que a expectativa de reencontrar Sara diminuía com o tempo. Júlia percebeu minha falta de entusiasmo *amoroso* e foi aos poucos também se desligando.

Contudo, numa ocasião em que Doug me acompanhou ao bar, aconteceu um fato decisivo, que encerrou de vez meu relacionamento com Júlia. Lá pelas tantas da madrugada, notei o visível interesse do amigo pela morena de dentes de marfim. Constatei, através do jogo de olhares, que Júlia também não ficou indiferente ao que se passava. Fiquei na minha. Após aquela noite, deixei propositalmente de ir ao *Charlie's* por uns dias. Quando numa certa madrugada retornei, Doug havia tomado meu papel e também meu lugar.

E lá estava ele, confortavelmente instalado, à espera da guria, tomando seu *drink* favorito, uísque com guaraná. Júlia não se incomodou nem um pouco com a minha presença e saiu abraçada ao seu *astro* de Hollywood, satisfeita com o irresistível charme decadente do meu amigo, com suas calças excessivamente apertadas, suas correntes e pulseiras de ouro reluzentes, a vasta cabeleira negra cortada no melhor estilo Elvis.

Já nessa época, Doug, por seu lado, tentava a todo custo se livrar de Isadora, a advogada, mulher do italiano do Bixiga. Mas não era coisa fácil. A situação se complicara e a anunciada tragédia estampava-se sombria, cada vez mais próxima. Ele continuava recusando os encontros e programas com ela. Isadora, por sua vez, se mostrava ciumenta e paranoica, insistindo sempre, sem dar tréguas.

Assim, numa tarde, ao me preparar para o plantão, passada a folga da segunda-feira, avisaram-me que Doug simplesmente sumira. Não estranhei o fato. Sabia que ele estava prestes a abandonar tudo e se mandar para Porto Alegre. Bem, naquela noite rumei para o Bixiga. Não encontrei o fujão e acabei saindo e me envolvendo com Isadora.

Não me arrependo de ter estado com a amante de Doug no fatídico hotel próximo ao Largo São Francisco. Foi inevitável. Como relatei anteriormente, apesar do desfecho trágico da história,

proporcionei a Isadora uma noite de intenso prazer (provavelmente sua última noite de amor e sexo, quem sabe?). Ela morreria três dias mais tarde, saltando do oitavo andar daquele mesmo hotel, não sem antes disparar à queima-roupa dois tiros certos, que fulminaram para sempre o pobre diabo.

Na sequência, Júlia entrou em contato por telefone e confirmei a morte de Doug. A garota me pareceu desolada do outro lado da linha – chorou discretamente. Acredito que se apaixonara por ele, sem que se desse conta disso. Coisa do destino.

## 16

### *Vinte e dois anos: em Salvador, terra de xangô*

Bem, como não podia deixar de ser, a vida seguiu seu curso natural. No mês seguinte, outubro, completei vinte e dois anos. Lola me surpreendeu com duas passagens aéreas para Salvador, e assim partimos, eu e ela, na noite de sexta, em direção ao desconhecido Nordeste. Tínhamos uma semana inteira de folga. Era o máximo. Após duas escalas, no Rio e em Vitória, enfim chegamos.

E lá estava ela, Salvador, terra de xangô, com suas praias maravilhosas, seu povo acolhedor, música, muita música, som das raízes africanas, batuque dos tambores. A comida, na verdade, é exótica e um tanto indigesta, mas vatapá é o que há, e há também o indiscutível acarajé; água de coco refrescante, para fazer frente ao calor infernal, ao sol extraordinariamente quente e abrasador.

Imediatamente nos despimos da roupa paulistana e entramos no clima, incorporando o jeito baiano de ser. Ficamos hospedados num hotel cinco estrelas próximo ao Farol da Barra, a duas quadras da praia.

Lola estava eufórica, típica paulistana em férias, deslumbrada com o mar, a praia, o sol, o povo. Ela tinha especial atração por negros – negros bem dotados, obviamente. (Mas o que é que a Bahia tem?)

Certamente, naquela ocasião, Lola estava mais interessada em saber o que é que o *baiano* tinha a oferecer, antes de qualquer coisa. Podia ver a permanente expressão de cobiça em sua face, o desejo de se aventurar por aquelas tórridas praias, principalmente ao avistar tipos negros desfilando sem camisa ao

longo da orla. Procurei facilitar as coisas deixando-a à vontade para flertes e paqueras com os negões. Muitos a tomavam por turista estrangeira, devido à cor clara da pele e aos expressivos olhos azuis de Lola. Eles a abordavam, solícitos e risonhos, no papel de guias turísticos, quando na realidade os serviços eram de outra natureza. Estamos falando aqui de turismo sexual.

Não é por acaso que mulheres do sul do país e também do exterior, vindas principalmente da Europa, escolhem os estados praieiros do Norte-Nordeste brasileiro para passar suas doces e adoradas férias de verão. Solteiras ou casadas (estas últimas, claro, desacompanhadas dos respectivos maridos, longe de toda censura), as mulheres da boa classe média se dirigem todos os anos, principalmente no verão, ao paraíso ensolarado dos trópicos em busca de prazer, diversão e fantasia, desfrutando em companhia dos nativos da região as *delícias da terra*, além de sexo da pesada, que é o que de fato mais interessa a elas no frigidar dos ovos.

Lola sabia disso e se deliciava, sedutora, irresistível, como nunca a vi. Às vezes se fazia passar por europeia ou americana, somente para provocar ainda mais os tipos mulatos e negros que rondavam sedentos as praias e barzinhos da orla. Para ela era fácil. Lola descendia de alemães do sul do país, de Blumenau, e falava fluentemente o alemão, também o inglês.

Passado o momento inicial de turista, Lola se dispôs a contatar Ivanil. Ele era um baiano rico, dono de hotéis e casas de diversão, empresário do turismo. Fomos encontrá-lo no seu barco, um iate luxuoso, de muitos pés de comprimento. O homem velho tinha um aspecto amistoso e bonachão. Era gordo, escuro e peludo, tipo paizão. Expressava-se através de gestos largos, fala mansa, arrastada, nordestinamente baiana. Parecia um bom sujeito. Lola era a amiga íntima do sul; fora sua amante quando ele mantinha negócios importantes em São Paulo. Na ocasião, após a morte da esposa, eles seguiram para a Europa e quase se casaram no estrangeiro. Contudo, nesse ínterim, Lola acabou conhecendo Karl em São Paulo. Tornaram-se amantes e parceiros nos negócios. Pouco depois ela assumiu a direção da agência e se envolveu definitivamente no negócio do sexo e do erotismo.



Velejamos, dessa forma, por um bom tempo, pela Baía-de-Todos-os-Santos, e pude sentir novamente o cheiro (e o gosto) salgado do mar. O dia de sol levava muita gente às praias; estavam lotadas. Avistávamos do barco, do alto-mar, o movimento dos banhistas ao longo da orla litorânea. Tudo perfeito.

Logo em seguida, Ivanil nos serviu champanhe importado e, num passe de mágica, me senti na pele do próprio milionário. Era bom ser rico, poder velejar despreocupadamente em companhia de amigos, comer e beber bem, além de outras regalias. Ivanil, por sua vez, além de rico, era indiscutivelmente bom anfitrião. Sem dúvida Lola perdera a chance de se tornar esposa do influente empresário. De qualquer maneira, lá estava ela: *blondie* e encantadora. O velho baiano não poupava elogios à fria beleza *européia* da amiga.

Eu, do meu lado, procurei manter a reserva natural própria à minha personalidade. Não desejava que o capitão do navio, aquele velho lobo do mar, me tomasse como uma ameaça aos seus planos de sedutor.

Obviamente, não desembolsamos nada, nenhum níquel, naquela viagem nem nas outras que se seguiram. O velho se encarregou de todas as contas – pagava tudo, com grata satisfação.

Passamos, portanto, um dia glorioso, com todas as pompas ostentadas por Ivanil, e ele acabou nos mostrando o lado belo e agradável da cidade de Salvador, destinado sobretudo aos ricos e famosos. Transitamos por restaurantes finos (chegamos a comer comida francesa na Bahia) a casas de *shows* e teatros. Apertamos a mão de artistas e até mesmo de políticos. Lola parecia a primeira dama, mulher de deputado, senador. O velho a apresentava como um parente próximo, na forma como os baianos gostam de demonstrar intimidade, como alguém da família.

Numa dessas ocasiões, me apresentaram Zuleika, cinquentona abaianada e espalhafatosa, pertencente a sei lá qual família tradicional da cidade. Fazia o tipo liberada, perua, mulher arrogante, carregada de opiniões e verdades. Ela jogou seu charme de velhusca sobre mim e, por pura vaidade, resolvi aceitar o jogo. No início, me fiz de difícil, me mostrando até certo ponto tímido e desinteressado. Surtiu efeito. Certa noite, não resistindo mais, aquela *senhora* se despiu do manto de orgulho e presunção e foi

direto ao ponto. Sem mais rodeios, fomos ao seu apartamento para um *drink*.

De fato, a mulher não era desprovida de encantos naturais e do fogo apimentado das baianas. Não tinha, por certo, a rigidez e a elasticidade de outrora, mas suportou com rara bravura o vigor do meu desejo. Acabei passando a noite com Zuleika. Nada mal. Porém, com o passar dos dias (e das noites), compreendi a dificuldade de me desvencilhar do tesão represado da cinquentona. Ela comumente me solicitava várias vezes ao dia, me sugando feito uma esponja, mostrando-se insaciável, como uma adolescente que descobre o sexo ainda na puberdade.

No final, quando do meu inevitável retorno para São Paulo, testemunhei os olhos úmidos e os soluços – dizia-se apaixonada. Procurei reconfortá-la, mas nada pude fazer naquele momento. Não podia, pura e simplesmente, lhe dizer que minha missão (ou profissão) era proporcionar prazer e sexo a mulheres infelizes e solitárias como ela. Não me senti no direito de magoá-la com a revelação.

Como tudo o que é bom dura pouco, a semana de folga chegou ao fim. Retornamos, portanto, a Sampa – à efervescente e caótica São Paulo.

## 17

### *Um grave acidente ou a emboscada*

Uma semana após meu retorno, sofri um grave acidente. Na prática, fui alvo de uma emboscada.

Estava no Café Vermont, próximo à Praça da República, em companhia de Patty Beleza, a travesti. Esperávamos por Velô, que não apareceu. Patty parecia um zumbi devido às drogas. Eu já me acostumara ao habitual estado letárgico da *boneca*, principalmente quando se via longe da amiga. Os pais de Patty colocaram um detetive farejador para encontrá-la e com isso ela modificava o visual semana após semana.

Naquela noite Patty se disfarçara com enormes óculos azuis, que encobriam praticamente todo o seu rosto. Fumava compulsivamente. Ao seu redor, pairava uma espessa cortina de fumaça chumbo-azulada, dando à travesti uma aparência ainda mais sinistra e bizarra. Ela não se dava com as outras *travecas*; era

natural. Geralmente a rivalidade no *meio* é cruel. Os grupelhos formam-se e se desfazem ao sabor de algum evento ou em razão da pura vaidade do momento, do encontro casual. Patty raramente era vista sozinha na noite. Velô era uma presença constante ao seu lado. Quando isso não acontecia, Patty se recolhia feito ostra.

Por instantes passei a observar a face lívida, o olhar impassível, suicida da boneca. Pedi nova rodada e sorvi o *drink* em pequenos goles, examinando a estranha figura escornada sobre a mesa com o copo na mão. Provavelmente Patty nem sabia ao certo o que estava bebendo. Mas não fazia diferença. Ela se deixava ficar ali onde estava, só se movimentando para ir de tempos em tempos ao banheiro, para dar uns *tiros* no pó branco e assim dilatar ainda mais as narinas úmidas, avermelhadas de tanto cheirar carreiras da maldita coca.

Já passava das duas da madrugada. Tomei então a iniciativa de partirmos. Paguei a conta e seguimos para o Largo do Arouche. O movimento nas ruas e *points* era grande. Grupos desesperadamente famintos se formavam junto a *trailers* de *hot dog*, às barracas de comida chinesa e aos vendedores de comida baiana. Patty estava indisposta e passou mal com o *yakisoba*, vomitando as tripas ao longo da calçada. Dei-lhe uma coca-cola para se refazer e fiz menção de levá-la para casa. Ela recusou, dando a entender que conseguiria ir sozinha. Fiz meia-volta e segui adiante.

Confesso que estava desprevenido, desatento, imerso em pensamentos vagos, noturnos, quando fui violentamente jogado na calçada. Alguma coisa me atingiu as costas, o peito, a cabeça, golpeando-me impiedosamente. Tentei levantar, mas em vão. Eram muitos e vinham de todos os lados. Os golpes recrudesceram e nada pude fazer senão me dobrar sobre o próprio corpo na tentativa de proteger-me.

Por fim, não suportando mais, desmaiei. Antes, porém, como última visão, pude vislumbrar o rosto enorme de Tony. Sim, Tony Carioca, o que fora demitido da agência por minha causa e jurara vingança marcando meu nome em cruz na mesa. Ele agarrou-me pelos cabelos, aproximou sua cara debochada bem perto e, sorrindo diabólico, sussurrou, ao pé do meu ouvido:

– Não. Não. Fique tranquilo, mermão. Não vou matar você. Fica pra próxima.

## 18

### *Esmeralda ou a aversão a hospitais*

Só recobrei plenamente a consciência dois dias depois. O rosto enrugado da enfermeira não deixou dúvida de onde eu estava. Sentia o corpo dolorido, moído, quebrado. O estrago fora feio: hemorragia interna, perna e braço engessados, lesão no joelho esquerdo, deslocamento da clavícula, duas costelas fraturadas e um leve traumatismo craniano, fora os hematomas. Tivera sorte, dera a entender a doutora. O prognóstico era bom, mas teria que ficar de molho por no mínimo sessenta dias. Não havia escolha, teria que me conformar com a situação.

Difícil foi vencer minha aversão a hospitais. Olhava à volta: as paredes brancas e assépticas; a cama era dura e desconfortável; a comida, simplesmente horrível. Sem falar nos tubos e seringas, que me deixavam em pânico. A sensação de me ver frequentemente apalpado, medido, esquadrinhado, virado pelo avesso, era profundamente dolorosa e irritante. Sentia-me como uma enorme cobaia, passiva e inerte, à mercê de médicos, enfermeiros e até mesmo de curiosos, que apareciam com olhares solícitos e confortadores.

Via, assim, sem esboçar reação, meu corpo ser tocado, manipulado a todo instante, por mãos estranhas e importunas. O cheiro dos medicamentos me enjoava, e as noites, num passe de mágica, se transformaram em completo pesadelo. Não conseguia conciliar o sono e muitas vezes passava a noite em claro.

Como qualquer internado em hospital, a distração era assistir à programação idiota da TV, ler jornais, revistas e fazer palavras cruzadas. Lola se encarregou dessa parte. Duas vezes na semana, ela renovava meu estoque de lazer, juntamente com toda sorte de guloseimas. Com o passar dos longos dias e das intermináveis noites, cheguei a conhecer médicos e enfermeiros pelo nome. Sabia o horário da troca de turnos e dos plantões de residentes e auxiliares.

Esmeralda era a enfermeira-chefe do turno da noite. Fazia o tipo durona, mulher de poucas palavras e cara nada amistosa. A

reputação da impassível senhora era exemplar. Diziam que jamais fora flagrada dormindo ou cochilando em serviço, que vinha trabalhar na folga quando solicitada, e que nunca tomara uma gota sequer de bebida alcoólica durante o plantão. Observava à risca os regulamentos do hospital e exigia que seu pessoal fizesse o mesmo. Como era de esperar, ninguém de fato gostava dela. Não a respeitavam – temiam. Obtive da sua parte o tratamento padrão dado aos outros enfermos. Seguiu o prescrito na papeleta. Nem mais nem menos.

Uma noite, porém, passada a primeira semana de internação, algo de muito esquisito aconteceu. A bondosa doutora, do plantão noturno, vendo meu estado de aflição e a cara de coitadinho, me prescreveu um sedativo em razão da persistente insônia. O medicamento não tinha efeito imediato, mantendo-me numa espécie de torpor, entre o sono e a vigília. Não conseguia discernir com exatidão o que se passava à volta, mas já tarde da noite tive a nítida impressão de que alguém ou alguma coisa estava ao meu lado. Senti que me tocava de leve o rosto, o peito, as coxas e, por fim, o sexo. Uma onda de calor súbito tomou meu corpo e mergulhei, logo depois, num longo devaneio erótico.

Na manhã do dia seguinte, recordando o sonho – pois tudo levava a crer se tratar de um –, fiquei visivelmente excitado. Apesar de debilitado e de certa confusão mental, o sexo falava mais alto.

Acontecia por vezes de uma enfermeira gentilmente se dispor a ajeitar o travesseiro, para me acomodar na cama, e podia, assim, mais uma vez, sentir o cheiro de mulher ao alcance, próximo a mim, me instigando, despertando-me o desejo. Mas, trancado ali, entre quatro paredes, feito cobaia, não havia remédio para esse mal. Teria que me conter, me contentar somente com o olhar; em suma, refrear o desejo. Estava imobilizado na cama de hospital, pernas quebradas, movimentos limitados. Impossível improvisar qualquer coisa nessas condições.

Resignei-me, assim, com a situação e procurei seguir a rotina do indivíduo internado.

As noites se repetiram – e o persistente sonho erótico também. Acabei concluindo que o sedativo administrado tinha algo a

ver com aquele estado de coisas. Como forma de testar a teoria, deixei de ingerir a droga para ver no que dava. Deu certo. Aliás, o resultado foi surpreendente.

Por volta da meia-noite, a enfermeira de plantão entrou no quarto e se debruçou sobre mim. Fingi estar dormindo e deixei-a fazer seu trabalho. Não demorou muito e pude ouvir o barulho da porta se fechando. Virei-me para o lado e mantive-me quieto. Acho que cochilei cerca de três quartos de hora. Acordei com a mão novamente me tomando o pulso. Permaneci sem me mexer. Passado um instante, ela segurou minha cabeça com firmeza e vasculhou-me as pálpebras. Eu estava deitado de barriga para cima e assim fiquei, apenas me agitei um pouco na cama, pois, de fato, a pegada fora forte, provocando-me certo desconforto. Ato contínuo, senti a mão deslizando de mansinho, tocando-me as pernas e coxas, indo parar na virilha. Acariciou-me levemente, sobre o pijama, o sexo. Este não ficou indiferente, respondendo ao estímulo provocado pela maciez do contato. Com os olhos semicerrados, pude ver enfim quem era a *boa samaritana*.

A imagem da enfermeira-chefe, acariciando meu pênis duro e ereto, certa de que me encontrava em sono profundo, sob efeito do sedativo, foi profundamente excitante. No instante em que ela principiava a abrir os botões do calção, arregalei subitamente os olhos. Esmeralda olhou-me assustada, incrédula, atônita, segurando meu membro rígido com uma das mãos. Silêncio mortal. Depois, recobrando a presença de espírito e a peculiar austeridade, ela por fim disse, com a voz empostada e professoral: *você sabe o que vai acontecer?* Balancei afirmativamente a cabeça. – *Sabe que preciso fazer isso. É para seu próprio bem. Apenas sorri.*

Ela então terminou de desabotoar a calça do pijama, baixou-a e iniciou um *handjob*, firme e seguro, com ambas as mãos. Esmeralda era uma especialista, sem dúvida. Não demorou cinco minutos e inundei as mãos de fada daquela mulher com o *néctar* dos deuses. Ela extraiu até a última gota, pacientemente. Depois, limpou tudo com extrema dedicação e asseio, inclusive aquelas abençoadas mãos de *masturbatrix*.

Suspirei satisfeito e dormi como um anjo.

Nas semanas seguintes, para meu deleite, as massagens noturnas se repetiram, até o momento da alta do hospital.

## 19

### *Pietra e seus adoráveis dezesseis anos*

No início de 1995, em fevereiro, me vi plenamente restabelecido. As dores no corpo se foram e parei com a medicação. As sessões de fisioterapia acabaram e as lesões estavam cicatrizadas. Sentia-me disposto, quase novo, mas às vezes me flagrava deprimido sem motivo aparente.

Foi exatamente aí, nesta fase, que conheci Pietra, num clube da Zona Norte.

Como é natural quando se adoece, ou em estado de convalescença, fiquei imobilizado, sem sair de casa, deitado e sedentário, por um tempo fazendo uso de muletas, dando voltas ao redor do apartamento, me sentindo um animal doméstico, vendo a inútil TV, lendo o que me caísse nas mãos e, sobretudo, saqueando a geladeira. (A fada-madrinha Lola fazia o supermercado regularmente para mim)

Mais tarde, com a progressiva melhora, já me esgueirava de muletas pelos corredores do Copan, aventurando-me nos elevadores e dependências do prédio. Na maioria das vezes, descia ao térreo do edifício, perambulando ocioso pelas galerias, vasculhando lojas à procura de CDs ou fitas de vídeo. Os atendentes me conheciam e procuravam facilitar as coisas para mim – tinha tratamento especial, diferenciado, VIP. O ócio me obrigava a tomar várias xícaras de café no Hall's Café e a ler e reler a mesma revista em quadrinhos uma dezena de vezes. Depois já era de tardinha e eu me deixava ficar na churrascaria ao lado, observando demoradamente o movimento da metrópole que não para nunca, bebendo uma singela tônica com gelo e limão, sem ingerir uma gota sequer de álcool.

Os vizinhos circences, vendo o estado lastimável em que me encontrava, procuravam me ajudar, levando-me para saídas noturnas ou eventos culturais na cidade.

Foi numa dessas que esbarrei com Pietra na pista de dança do clube. Eu já andava sem as muletas, me apoiando apenas na bengala, contudo o equilíbrio era ainda precário. Assim,

involuntariamente a garota tropeçou no artefato de madeira, me lançando ao chão, onde me esborrachei. Acredito que o susto foi de ambas as partes. Ela sorriu pálida e me ajudou a levantar.

Não sei dizer nem muito menos explicar o que aconteceu comigo, mas o riso de Pietra me comoveu de tal forma que me fiz de coitadinho, ali mesmo, só para que ela me amparasse e tivesse dó de mim. Foi o que aconteceu. Assim, acidentalmente, passamos a noite um ao lado do outro, num fascínio mútuo, e não desgradamos mais.

O envolvimento com Pietra foi simplesmente inevitável. Não podia ser diferente; aconteceu num relâmpago. Em pouco tempo eu já conhecia sua casa na Zona Norte da cidade e me apresentara como um promissor vendedor de automóveis. Observei, contudo, um estranho fato. Logo na primeira visita, feitas as apresentações, notei que o pai não fora com a minha cara. Tratou-me friamente, a distância, e maltratou Pietra com ares de amante enciumado, mostrando-se irritado, quase agressivo, por vezes. Ou eu estava enganado ou o homem sentia indisfarçável ciúme da filha. Era visível, constatável, algo mais que puro sentimento paternal de proteção. Por outro lado, como vim saber, Pietra perdera a mãe ainda jovem e tinha um irmão caçula. Era isso.

Voltando ao que interessa, Pietra, sem dúvida alguma, nos seus adoráveis dezesseis anos, era bela; diria até, sem exagero, uma perfeita ninfeta, angelical e diabólica, na dose certa. Como comprovei inúmeras vezes, nas semanas que se seguiram, a visão daquele corpo mignonzinho, deitado languidamente na cama, vestindo somente um *baby-doll* transparente, era algo de tirar o fôlego.

Eu já presenciara várias mulheres nuas, de formas e medidas diversas, exibindo corpos mais ou menos desejáveis – magros ou carnudos, curvilíneos ou retos, brancos ou morenos, lisos ou ligeiramente peludos –, mas nada comparado ao apetitoso corpinho de Pietra. Parecia ter medidas ideais. Os seios médios, simétricos, róseos e pontudos, se equiparavam à bunda redonda, arrebitada, em forma de coração. O púbis ostentava a forma perfeitamente triangular, coberta por uma penugem rala e macia. Ao caminhar, as pernas e coxas se ajustavam primorosamente ao



corpo, dando a Pietra uma desenvoltura própria e natural, sem artificialismos.

Outra característica da ninfa era o odor, o cheiro. Pietra exalava um incrível aroma de fruta – adocicado, mas nem tanto – principalmente no calor da tarde, quando nos amávamos com fúria desmedida, com a sofreguidão, avidez e cobiça dos jovens amantes. O cheiro e o sabor de Pietra me deixavam louco de excitação e desejo.

Confesso que nenhuma outra mulher me instigou tanto ao sexo quanto aquela ninfeta. Sentia um apetite voraz ao ver Pietra diante de mim, adocicada, macia, moleca, ainda adolescente, porém com uma maturidade sexual de dar inveja a mulheres mais experientes.

Para satisfazer um fetichismo meu, pedia a Pietra que tirasse a roupa bem devagar no centro do quarto, enquanto eu tomava assento na cadeira de balanço, inteiramente nu, e me masturbava somente com as pontas dos dedos da mão esquerda. Assim, seguindo minhas instruções, Pietra, boa menina, realizava o *strip-tease* de mansinho; os gestos lascivos e provocantes, como se estivesse sendo naturalmente filmada pela câmera invisível dos meus olhos. Depois, a um comando meu, deitava-se na cama e eu a contemplava nua, inteira, arreganhada, exibindo-se toda para mim, sem qualquer pudor. Por fim, friccionando freneticamente os dedos no meu membro endurecido e latejante, eu atingia o orgasmo, vertendo o sêmen em golfadas, devorando com o olhar sedento de prazer o corpo escultural de Pietra.

E isso, senhoras e senhores, era apenas o começo.

Admito, portanto, que das inúmeras mulheres com quem me deitei, por prazer pago ou por puro prazer, Pietra foi um caso à parte. Ela definitivamente me conquistou na cama, no ato de fazer, em suma, sexo até a exaustão, de forma compulsiva. Na verdade, Pietra era algum tipo de ninfomaníaca ou coisa que o valesse.

*Comentário. Hoje compreendo o estranho comportamento (e os transtornos) do pai, que a desejava tanto quanto a desejei, no puro instinto carnal, sexual. Meses mais tarde, quando soube que num ato de desespero ela fugira em sua companhia, tendo depois um filho dele, é que entendi que o incesto vinha de longa data. Ao*

*nos conhecermos, provavelmente Pietra lutava em vão para se afastar do desejo, da relação incestuosa, me usando como tábua de salvação. A sensação que ficou foi essa, sem mais juízos ou considerações morais.*

Bem, nossa relação foi curta, porém intensa. Pietra habilmente mantinha em segredo o conflituoso relacionamento com o pai e fazia de mim, quase diariamente, seu insaciável objeto de prazer. Eu me entregava total e incondicionalmente, até o dia em que Lola apareceu.

Lola não se opunha às minhas conquistas. Ao contrário, acreditava que assim fazendo eu acabaria adquirindo a experiência e o refinamento necessários no trato com as mulheres. Não fazia qualquer objeção. Porém, como mulher experiente que era, entendeu tudo numa só tacada.

Lola me chamou à parte e opinou: precisava me livrar dela, de Pietra, e voltar à ativa. Argumentou que a agência necessitava dos meus serviços, como antes.

Talvez tenha sido essa uma das poucas vezes que não considerei um conselho seu. Disse apenas, de forma evasiva, que no momento certo e oportuno me apresentaria sem demora, pronto para encarar novos desafios. Pedi mais alguns dias, e ela, contrariada, concordou.

Os dias viraram semanas, as semanas viraram meses, e nos fechamos, Pietra e eu, deliberadamente no império dos sentidos. Pietra dizia não querer me deixar e se apropriava do meu corpo, me envolvendo abissal dentro de si, repetidas vezes, lançando seu furor de ninfa esfomeada para me sugar a alma. Fazíamos as refeições na cama ou mesmo durante o sexo, nos lambuzando com a própria comida, comendo e sendo comidos.

Às vezes nos esquecíamos de tomar banho, e nossos cheiros e suores impregnavam cada canto do apartamento. Alguém que ali entrasse, com certeza, sentiria enjoos. O odor de sexo no ar lembrava o de um quarto de motel em final de noite. O aroma de Pietra me provocava vertigem, e havia momentos em que não separava mais meu cheiro do dela.

## 20

### *Último encontro*

Pietra deixara de ir à escola e tínhamos também as noites livres.

Uma noite, contudo, ela simplesmente disse, de forma muito natural, que seria nossa última vez, nosso último encontro, que teria que partir, e que não nos veríamos mais. Então, era isso. Acabara acontecendo o inevitável. Cartas sobre a mesa.

Fiquei mudo, sem ação, num primeiro momento. A revelação me pegou de surpresa. Mas não pedi explicações ou fiz qualquer comentário. De que adiantaria?

E ela então se foi, como num piscar de olhos, fechando a porta atrás de si, mochila nas costas, para nunca mais.

Sofri horrores com sua ausência, por um longo período, no entanto não a procurei, apesar de me ver tentado a fazê-lo várias vezes nas semanas que se seguiram ao último encontro.

Estava acabado. Essa era tão-somente a verdade.

Dessa forma, deprimido e pesaroso, retornei ao trabalho na agência dias depois. Lola me recebeu como sempre, apenas sorriu sarcástica, perguntando-me se a *febre* passara de todo.

## 21

### *De volta à agência*

Para sempre é certamente muito tempo. Tempo demais. Não estava acostumado a pensar nesses termos. Meus vinte e poucos anos não permitiam. Todavia, por um momento, acreditei, ledo engano, que jamais fosse esquecer a relação com Pietra. Nada mais ilusório da parte de quem costuma eternizar alegrias e prazeres. Certamente não era o meu caso. Não transformei Pietra em mito. Hoje a interpreto, a coloco no seu devido lugar, mas já sem sofrimento ou transtorno de qualquer espécie. Pietra existe em mim como inúmeras outras mulheres que marcaram minha trajetória nos últimos doze anos. É isso.

Assim, passada a má fase, e no momento em que me senti novamente senhor de mim – de posse da energia e do vigor

próprios ao *mens sana in corpore sano* –, voltei com tudo às ocupações usuais.

Devo confessar que economizara bom dinheiro antes da desgraça se abater sobre mim na Praça da República, na figura nojenta e abjeta do Carioca. Tony era um filho da puta com todas as letras e desejei mil vezes matá-lo das mais variadas e cruéis maneiras. A revanche, contudo, acabaria acontecendo de forma inusitada, muito tempo depois, sem que eu precisasse levantar um único dedo; apenas recebi a notícia com mórbido e sádico contentamento.

Pois bem. Minhas reservas baixaram consideravelmente (estava praticamente sem fundos no banco). Ficara meses afastado do trabalho e precisava fazer dinheiro com urgência, recuperar o tempo perdido. A febre por Pietra se diluíra na laborterapia do dia a dia e passei a ter outra vez uma agenda de programas, embora, como veremos, escassa.

Das habituais clientes da agência, uma parte me requisitou após meu retorno, mas a situação havia mudado. Procurei dar o melhor de mim, contudo não foi o suficiente na ocasião. Havia uma explicação para o fato.

A perspectiva do momento não era nada animadora. O clima de histeria coletiva veio à tona e tomou conta do velho cenário. Pessoas, grupos, classes, enfim, a boa e velha ordem entrou em pânico. Colapso. Paranoia.

No início, era a peste – a peste *gay*. Mas, em meados dos anos noventa,, a doença se alastrou assustadora, indiscriminadamente, com ares de epidemia, surto. Havia o medo, o pavor de adquirir a síndrome. Gays, prostitutas, heterossexuais – sem essa de grupo de risco; agora o perigo era para todos. A mídia noticiava, sem dar trégua, o terror da Aids, do HIV, com todas as cores da tragédia.

Obviamente, esse estado de coisas afetou, e muito, os negócios de quem vive (e sobrevive) do sexo ou explora empresarialmente o negócio da prostituição. Motéis e *privês* fecharam as portas por falta de clientes. Casas de massagem, saunas, boates gays viram o movimento despencar da noite para o dia. Campanhas em prol do sexo seguro, da abstinência sexual

afetavam o comportamento erótico das pessoas, tornando-as mais cautelosas e muito mais conservadoras.

Na agência o movimento também caiu, e a procura por programas ficou restrita às clientes mais antigas e fiéis. Da minha parte, sempre tomei os cuidados necessários no sexo. Seguia as recomendações de Lola e não me senti amedrontado. Porém, decididamente a conjuntura não era favorável.

Karl providenciou exames para a equipe e fizemos os testes. O resultado foi positivo para três – Alvarez, Daniel, e o *number one*, preferido do chefe, Enzo. A notícia caiu feito uma bomba. Foi um desastre. A consternação foi geral. Karl imediatamente afastou os três, encaminhando-os para tratamento no HC. Mas em vão. Alvarez e Daniel morreriam no ano seguinte, 1996, em circunstâncias que não sei dizer. Enzo durou um pouco mais e acabou seus dias numa vila operária próxima a Turim. Karl o trouxera de lá, da Europa, e pagou as despesas para o seu regresso, para que morresse em sua terra natal.

Dias negros aqueles. Parecia que estávamos diante da peste negra numa Europa medieval, mas o século era o XX, por sinal, final do século XX. Muitos interpretaram o fenômeno como uma espécie de maldição ou coisa parecida. O sexo tornou-se algo maldito e o estigma estava à solta. Cenas de intolerância, espancamentos e até homicídios de homossexuais, prostitutas e travestis ocupavam as manchetes dos jornais.

No entanto, era preciso continuar, não havia outro remédio. Por amargo que fosse o diagnóstico e pior ainda o prognóstico – a situação era esta.

Sem dúvida, no meu caso, não havia como fugir à condição de *garoto de programa*. Essa era a verdade. Não sabia fazer outra coisa nem conseguiria me sujeitar a trabalhar formalmente – bater cartão de ponto, horário fixo, salário baixo. Alguns da equipe debandaram e mudaram de ramo. Sid e eu permanecemos, e não me arrependo da decisão tomada. Era isso o que gostava de fazer.

Com programas reduzidos e poucas opções, todos pareciam jogar na retranca, na defensiva.

E assim foi, por um longo período, não havia outro jeito.

*A B.B. Boys*

De Alan, o vizinho do Copan, veio o convite, alguns meses após meu retorno.

Bertold, seu amante e *par* no número erótico na *B.B.Boys*, viajara às escondidas para a Europa, mais precisamente para a Espanha, com um tal Juan Castillo, empresário das telecomunicações, deixando literalmente o parceiro, traído e embasbacado, na mão.

Ora, com todo o direito Alan se viu arrasado, fodido, enganado, profundamente ressentido com a traição. Afinal, queixara-se ele, foram casados havia quase cinco anos, e o outro o trocara por um homem rico, muito rico – e estava longe, na Europa. Provavelmente jamais o veria de novo.

Desse modo, passada a ressaca, precisava arrumar a casa e de um substituto urgente para o número na *B.B.Boys*. Daí o convite. Aceitei. Mas confesso que não foi fácil. O *universo gay* era *outra praia*. Eu nunca fora para a cama com outro homem nem tinha pretensão de fazê-lo agora, mesmo que por uma boa grana.

Recusei-me, portanto, a fazer, ou mesmo simular, sexo explícito ao vivo. Essa era a condição. Alan então remodelou as cenas, e *Alfa e Beta* ficou mais sugestivo e erótico que propriamente pornográfico. O espetáculo se manteve e a receptividade foi boa, apesar ou, talvez, em razão das alterações. Obtive, desse modo, outra fonte de renda – era do que precisava.

A *B.B.Boys* ficava nos Jardins e era, de fato, como muitos outros espalhados na cidade, um reduto *gay* paulistano. Na época, a *Lounge* e a *B.B.Boys* eram a coqueluche do momento. Desfrutavam indiscutivelmente da preferência do público *mix*. Os mais cobiçados *stripboys* e garotos de revistas eram vistos por lá. Sofisticados números eróticos e de sexo explícito faziam a cabeça de gente ávida por novidades.

Com certeza sexo sempre foi e continuava sendo um bom negócio, mesmo em tempos bicudos. Formas alternativas de prazer, de desfrutar e de explorar o sexo surgiam com vistas a burlar a *síndrome*. No caso de grupos homossexuais, houve sensível

alteração no comportamento dos frequentadores do meio. O sexo não era mais livre, mas, a imaginação, sim.

Obviamente, não faltaram convites para transas e orgias gays. Homossexual assumido e declarado, Alan tentou de início me convencer a participar. Não cedi. Meu apetite sexual sempre fora voltado para mulheres e assim permaneceu. Não arredei pé. Dessa forma, ele se irritava com minha postura *conservadora* e intransigente, mas infelizmente não podia fazer nada.

Eu não aceitava tomar parte em apresentações particulares – em clubes fechados ou termas, por exemplo –, ainda que por um bom dinheiro, como já disse. Nessas ocasiões, Alan arranjava substitutos para o trabalho, jovens *escorts* ou até mesmo michês da Consolação. Entretanto, ele acabava me solicitando novamente para o número na boate. Assim, o show na *B.B.Boys* me rendeu contatos e propostas das mais diversas – e inesperadas...

## 23

### *O Festim*

Um certo Alceu, *gay* de meia-idade e frequentador assíduo do *club*, ficou meu fã. Ele era um sujeito elegante, alto, loiro-grisalho, corpo gingado e malhado, de expressão libidinoso. Era conhecido também por pagar quantias generosas aos *strippers* e novos modelos. Realizava festas bombásticas num sobrado especialmente montado e decorado para eventos e bacanais na região do Alto de Pinheiros. O cara não era de todo desprezível – além de rico, dono de uma rede de hotéis na grande São Paulo.

Pois bem, o convite veio para o próximo festim. Alceu me ofereceu dinheiro adiantado, para simplesmente estar lá presente. Podia ter embolsado a grana e não ter ido, mas fui. A curiosidade é prima-irmã das vontades e desejos.

O lugar era de fato luxuoso, sofisticado. Fiquei impressionado.

Soube que Alceu era um mecenas-*gay*, *cult*, colecionador de obras de arte, protetor de artistas do *underground* mix. Pelo que pude observar, ele com certeza era um patrocinador generoso e eclético.

Havia toda sorte de peças, quadros e quinquilharias de arte contemporânea espalhados pela casa. A maioria das obras me

pareceu pura bizarrice que, excetuando uma ou outra, não me comoveu ou tocou em nada, ou quase nada, não produzindo impressão significativa nos meus sentidos. De qualquer maneira, a casa possuía seu charme e elegância, não sendo desprovida de originalidade.

E originalidade era o que não faltava aos presentes no *vernissage* daquela noite – pois era o que o evento se propunha ser: um *vernissage* de dois artistas plásticos gays.

Confesso que me diverti muito naquele frenético desfile de gente fina e elegantemente *gay*. Os modelitos *mix* de última geração emplacavam por lá. A sensação era que o sobrado fazia as vezes de palco ou passarela. Cortes de cabelo glamorosos, inconformistas, eram vistos de todos os tipos e tamanhos. Roupas extravagantes, chamativas, personalíssimas, vestiam corpos magros e longilíneos, malhados e musculosos, curvilíneos, retos, desbundados – tudo isso em couro, *cotton*, musselina e outros babados, mais sóbrios ou espalhafatosos. Não importa. Assim era o controverso estilo *gay* de ser.

Havia uma travesti gorda e cinematográfica no papel de *hostess*. O abraço dinossáurico da gorducha, perfumada e empoada feito uma boneca, era realmente de tirar o fôlego. E ela o fazia ainda mais forte quando se tratava de recepcionar garotões e tipos masculinizados.

Os casais de homossexuais, por sua vez, transitavam de mãozinha dada, coquetes e risonhos. Pequenos grupos formavam-se aqui e ali. O murmurinho estridente de vozes era contínuo e agitado. Sessões de abraços calorosos e beijinhos no rosto não cessavam; aconteciam a todo instante e em toda parte. Com certeza o reino das vaidades estava ali presente – e de portas abertas.

Pelo que entendi, a onda do momento era bancar o *versátil*. Legal era ser versátil. Versatilidade a toda prova. Inclusive a traveca-anfitriã, por motivos óbvios, apresentava-se como Lucinda Versatti. A palavra percorria o salão de exposição e os cantos mais escuros e remotos do andar superior do sobrado, local onde as coisas e as pessoas aconteciam sussurrantes, à meia-luz.

Eu também tinha uma proposta versátil, mas não se encaixava no *meio*. Pelo menos, naquele meio. Acusaram-me,



algumas vezes, de preconceituoso e intolerante. Acho que fui mal-interpretado e, por extensão, injustamente julgado. Minha relação com o universo *gay-mix* sempre foi satisfatória e liberal, apesar de não ser propriamente o *meu* negócio. Não era minha intenção nem mesmo meu desejo me deitar e fazer sexo com um homem. E então? Não desejar ir para a cama com outro homem não faz de ninguém reacionário, machista ou sei lá o quê. É uma questão de orientação, de preferência, e nada tem a ver com intolerância ou atitude discriminatória.

—

Mais tarde, cansado de toda aquela agitação, saí para tomar ar fresco. Alceu, o *promoter* do vernissage, me encontrou fumando distraidamente um cigarro nos jardins da casa. Ele não perdeu tempo. Foi direto e fez a proposta. Pagava em dólares. Bom preço para um *programa* rápido. Recusei secamente a oferta. Ele sorriu descarado e perguntou se então era verdade que eu não transava com homens. Disse que não sentia atração nem desejo – era só. Evitei dar explicações; resguardei-me. O fato de recusá-lo abertamente pareceu instigar ainda mais o tal Alceu, que a essa altura da conversa, estimulado pelas doses de uísque importado e pela cocaína da boa, sacou um maço de notas verdinhas do bolso interno do paletó lilás – eram os tais dólares mencionados. Folheou o dinheiro bem próximo ao meu rosto, na tentativa de ativar minha cobiça.

Aquela manifesta demonstração de ostentação me deu nojo. Disse-lhe que não me encontrava à venda, que procurasse outro e me deixasse em paz. Riso sarcástico, o *biba* enfiou duas notas verdes no meu bolso e observou que gostara de mim: *um garoto de programa de personalidade e com escrúpulos* – disse, irônico. Procurei manter o autocontrole. Fuzilei-o com o olhar e dei-lhe as costas. Haveria outra ocasião para a desforra. Mas não no seu território, a vantagem seria dele. Deixei passar, dessa vez...

Fui atrás de uma dose e amarguei a ofensa no álcool. Tomei um duplo do Jack Daniels, que me fez bem, levantou o moral.

Portanto, foi com esse estado de espírito que naquela noite conheci Hector, badalado garoto de revista e *stripper* profissional. Trocamos meia dúzia de palavras, na camaradagem

comum dos que estão de saco-cheio, e concordamos que aquele circo era um tremendo porre, que era hora de cair fora dali.

Fomos então à *Nissan*, uma casa noturna oriental na Liberdade, da qual eu já ouvira falar. Hector conhecia bem o local, pois gostava de mulheres de olhinhos puxados, seios pequenos, tipo ninfetinhas, preferencialmente depiladas.

Na *Nissan*, dissera-me ele, as *go go girls* eram em sua maioria jovens mestiças ou aventureiras vindas do sudeste asiático – Tailândia, Filipinas, Coreia e também China. As pobres criaturas eram invariavelmente enganadas pelos *agentes de captação* – os agenciadores das quadrilhas – quanto ao trabalho em São Paulo. Da promessa de se tornarem recepcionistas e secretárias, acabavam como prostitutas em bordéis ou casas de massagem nos guetos asiáticos da metrópole sul americana. Era novamente a roda-viva da prostituição e do tráfico de mulheres.

De qualquer modo, passamos a noite com duas novatas, das mais ajeitadinhas, que mal falavam português. Fazia tempo que não me entregava à boemia e aproveitei para tirar o atraso.

## 24

### *Um genuíno terreiro de candomblé*

Por intermédio de Hector, aceitei fazer um ensaio erótico para uma revista *GLS*. O contato veio por telefone e fui chamado à produção para um teste. Hector se apresentava regularmente na *Lounge* e assistira à minha *performance* na *B.B.Boys*, a um convite meu. No bate-papo de fim de noite, após a apresentação, ele me falara do trabalho. A produção da revista procurava por novos e talentosos modelos. Ele me indicaria, mas teria que rachar o *cachê*, caso fosse aprovado para o primeiro trabalho. E foi o que aconteceu.

O ensaio fotográfico ocorreu semanas após os testes. O *cachê* de iniciante não era lá grandes coisas, mesmo assim gostei de fazer o trabalho. O *studio* na Barra Funda era de primeira linha e a produção das fotos ficou a cargo de Cora, fotógrafa e colaboradora da revista.

Bem, por falar em Cora, ela era, desde que a vi pela primeira vez, uma autêntica ativista *gay* do novo milênio: convicta, radical e militante. Participava do comitê anual para a organização

da *Parada do Orgulho Gay* desde a primeira edição do evento, em 1997. Não brincava em serviço. Exercia uma autoridade masculinizada, severa, que contrastava flagrantemente com o corpo franzino, quase inexpressivo de mulher. À primeira vista, era difícil definir-lhe o sexo. As feições, os traços andróginos impediam qualquer julgamento precipitado – *boy or girl?*

Cora tinha lá seus encantos, ainda que exóticos. Diziam que era hermafrodita e que certa vez ganhara o concurso Hermes e Afrodite em Amsterdã, na Holanda.

Confesso que fiquei curioso com essa revelação em particular.

Portanto, terminado o ensaio fotográfico dias depois, trocamos telefones e ficamos amiguinhos.

Com alguma frequência, quando os horários permitiam, rumávamos para o Bixiga para comer pizza, beber vinho e falar da vida, na cantina do italiano.

Aliás, enfim o tal sujeito se recuperara da tragédia. O aspecto sombrio e amargo dos primeiros tempos acabou se dissipando quase por completo, passados dois anos do suicídio da esposa e da morte de Doug. Certamente a desgraça se abatera sobre ele com mão de ferro. Mas também a dor tem seu tempo e remédio próprios. Agora o homenzinho parecia bem disposto e bem-humorado. Observei uma nova personagem ao seu lado, possivelmente uma candidata ao lugar vago deixado pela insana Isadora.

É sempre difícil entender um suicida. Isadora morreria por uma paixão desesperada, em razão da sua terrível obsessão. Antes, porém, tornou-se uma homicida, fulminando com tiros de pistola o objeto do seu desejo. De fato Doug morreria por se recusar a amar uma mulher transtornada pela paixão, imersa em um ciúme doentio. Na impossibilidade de possuí-lo, ela o destruíra e, conseqüentemente, a si mesma, tirando a própria vida. Insensatez, desatino.

—

Estranhamente, relatei o caso a Cora. Ainda não me sentia à vontade com o fato, apesar do tempo transcorrido. Como já dito, por um período, ainda que breve, Doug chegou a ser um modelo,

uma incógnita para mim – eu o admirava, não nego. Admito que Sid fora o primeiro e definitivo contato, porém Douglas representava uma espécie de ídolo, subversor e indomável, como a criança rebelde que existe em cada um de nós.

Cora teve uma interpretação toda pessoal sobre o caso. Ela era espírita e insistiu comigo, persuasiva, inúmeras vezes. Certa vez insistiu tanto que cedi e acabei acompanhando-a ao terreiro de candomblé em Osasco, no ABC paulista. Simplesmente me deixei levar, sem mais resistências, numa quarta-feira à noite.

E lá estava eu, meio atordoado e confuso, num genuíno terreiro de macumba, ao lado de Cora, lésbica e hermafrodita.

Não acreditei quando a mãe de santo apresentou-se em transe diante de nós – pois chegáramos com a cerimônia em andamento – e tomou a amiga pela mão, praticamente arrastando-a consigo em meio à cantoria e ao batuque dos tambores e atabaques. E aí vi Cora no centro do terreiro se debatendo, girando, atracada à mestiça japonesa de turbante branco, vestida à baiana. Pude notar o exato instante em que os tambores aumentaram de volume e as vozes, ato contínuo, aceleravam os cantos e rezas, num crescendo.

Fiquei sabendo depois que Cora era filha de santo, o que eram os orixás e o significado do culto que eu presenciava.

Mas, naquele momento, permaneci atônito, arrepiado, sem voz, incapaz de agir (ou reagir). O bater das palmas, o batuque dos tambores e a repetida evocação dos orixás causavam um efeito magnetizante, mágico, na roda de terreiro.

A essa altura as cenas de transe se repetiam terreiro afora, com mulheres e homens caídos no chão, batendo-se violentamente com o invisível, contorcendo-se agitados – os movimentos convulsivos e a expressão delirante, obscena. Observei de olhos arregalados o exato momento em que os iniciados e as filhas-de-santo amparavam e recepcionavam aquelas toscas criaturas no chão. Pareciam possuídos por uma estranha força sobrenatural.

*Comentário. Não tenho ideia de quanto tempo durou a cerimônia. Por um momento perdi a noção do que se passava à*

*volta. Provavelmente a sensação de estranheza e ressaca não era só minha.*

Assim, finalizado o culto, senti-me cansado e aturdido com a agitação e o rebuliço ainda reinantes. Minha cabeça doía de modo diferente, sofrendo de certa confusão mental. Com algum esforço procurei Cora nos grupos espalhados no terreiro e não a vi. Minha visão também não estava boa. Além do mais, o terreiro era mal iluminado, e as sombras das árvores e arbustos misturavam-se às silhuetas humanas a meia distância.

Pouco depois, ouvi a voz do que me pareceu uma criança. Voltei-me. A criança era, na verdade, uma mestiça jovem e escura, de riso encantador e olhinhos repuxados. Olhou-me com visível curiosidade e depois me perguntou se estava bem. Demorei com a resposta. Não conseguia articular a fala. Percebi então que estava literalmente mudo. Por fim, não sem dificuldade, a voz presa na garganta saiu e pronunciei um minguido sim. Segui-a assim à casa velha. Deram-me uma bebida turva, de sabor agri-doce, que me fez bem.

Já refeito, pude ver Cora se aproximando vindo em nossa direção. Parecia normal, apesar da aparência cansada. Janaína, a garota que me ajudara, beijou a amiga várias vezes no rosto, demonstrando intimidade.

Partimos logo mais. Certamente aquela havia sido uma experiência e tanto – assombrosa, por assim dizer. Nunca havia visto nada igual.

Mais tarde, vim saber que também Janaína era filha de santo. Não me surpreendi. Como regra, os que estão para ser iniciados, ou já o são, não revelam sua real condição, a identidade espiritual, a não ser para os seus iguais e aos frequentadores do próprio centro. O caráter esotérico e hermético precisa e *deve* ser preservado, para que assim se possa alcançar o sucesso, cumprir a missão junto aos orixás.

Cora me explicara essas coisas, e outras mais, ainda naquele fim de semana. Ela acabaria passando a noite no meu apartamento, no Copan. Conversamos até altas horas.

Nos finais de semana subsequentes, novamente acompanhei Cora ao terreiro. Ela participou ativa e diretamente das

cerimônias e dos trabalhos do centro. A isso eles chamam de obrigação, cumprir obrigação. Permaneci apenas como observador e não arrisquei muito. A mãe de santo, metida nas roupas de baiana, gostou de mim e procurou me deixar à vontade. OK. Contudo, não fiquei por muito mais tempo.

Precisamente na última vez em que pus os pés ali, no terreiro de candomblé, aconteceu o fato seguinte, que passo a narrar.

## 25

### *Janaína*

Janaína me surpreendeu com um pedido singular. Parecia doente e deprimida na ocasião. As pálpebras caídas e inchadas indicavam que havia chorado em quantidade.

Há algum tempo notara que ela me observava com insistência, como se quisesse me dizer algo em particular, longe dos outros. Sabia, por intermédio de Cora, que Jana estava destinada, que fora escolhida para suceder a mãe de santo após a morte desta. Penso que na época ela procurava respostas às próprias indagações. O destino lhe reservava sabe Deus o quê, porém o candomblé lhe impunha uma missão – e desde já.

Particularmente, não conseguia imaginar a bela Jana no papel de mãe de terreiro, metida naquelas roupas exóticas, coordenando os rituais semanais, como uma verdadeira guia espiritual. Em todo caso, essa é outra história.

Ela então me pediu, no intervalo da cerimônia, quando ficamos a sós num canto, que a levasse ainda naquela tarde a São Paulo, sem que ninguém soubesse: era um assunto urgente. Concordei sem fazer perguntas e marcamos o local no centro de Osasco. Tratei de me desvencilhar de Cora o mais rápido que pude. Foi fácil. A amiga estava envolvida num trabalho custoso e delicado, que demandaria bom tempo para conclusão.

—

Assim, numa tarde chuvosa de sexta-feira, desafiando o trânsito caótico da Marginal Tietê, providenciei a ida de Jana para Sampa. Ela simplesmente se hospedou por uns meses no apartamento do Copan. Não pude negar-lhe abrigo. Jana fugia e precisava de um lugar, longe do terreiro de candomblé, por uns

tempos. Gentilmente lhe cedi o espaço e, de quebra, todo o tesão represado das últimas semanas. Não podia ser diferente. A atração existiu – e desde o início –, não nego. Admito ter desejado Jana tanto quanto seu penetrante olhar procurou me seduzir. Ela possuía atrativos e sabia bem como usá-los. Afinal de contas, uma mulher é sempre uma mulher; eis aí o mistério feminino.

Nas semanas seguintes, nos entregamos diária e entusiasticamente aos prazeres do sexo. Tínhamos o suficiente para o nosso propósito a dois: tempo para gastar e tesão para usufruir. De minha parte, porém, ainda não me recuperara da perda de Pietra, que me abandonara meses atrás e fugira com o pai, mas o envolvimento erótico era algo inevitável para mim. Não havia escapatória.

*Comentário. Sem ter consciência do fato, eu me tornara, antes de qualquer coisa, um sedutor compulsivo, um amante insaciável. O desejo pulsava em minhas veias, o instinto falava alto. Um apetite sexual exacerbado me transformara em presa fácil do deus Eros. Não me sentia propriamente ameaçado, porém devo confessar que às vezes ficava fora de controle. Mas era passageiro. Para minha sorte, nunca cheguei de fato a perder o autodomínio.*

Desse modo, voltando à narrativa, sei que Jana, apesar de inexperiente, se mostrou curiosa e aplicada. Foi muito excitante possuir aquela mestiça de japonês e crioulo, de olhos repuxados e pele quase negra. No início ela se intimidou um pouco, em razão do ímpeto do meu desejo – era natural. Com uma agenda de programas escassa, sobrava tempo (e tesão) para dar asas à imaginação erótica.

De forma meticulosa, procurei ensinar pequenos truques a ela, para estimular os sentidos e prolongar o prazer. Computado o tempo, em breve faria quatro anos que vivia do sexo. Aprendera muito até então, com mulheres de todos os tipos e gostos. A mestra Lola, por motivos que esclarecerei depois, foi-se afastando gradativamente, permitindo assim que eu caminhasse com as próprias pernas.

Diferentemente do envolvimento com Pietra, dediquei-me a Jana como um mestre a um discípulo. Folheava o *Kama Sutra*, meu livro de cabeceira à época, e seguia os passos da milenar

sabedoria oriental, dos mestres do erotismo de todos os tempos, em busca da prática do sexo perfeito.

Felizmente, Jana era tão versátil quanto eu, mostrando-se entusiasmada e paciente com o aprendizado, colaborando dessa forma para que desfrutássemos o maior dos prazeres. Quando necessário, repetíamos as posições eróticas inúmeras vezes, até alcançarmos o modo certo de fazer a coisa.

Anteriormente, assim que deixei o hospital, durante o período de convalescença e reclusão no apartamento, eu espalhara espelhos enormes por todos os cantos da casa. Na falta do que fazer, encomendara os tais espelhos e os dispusera no corredor, na sala, no banheiro, na cozinha, no teto dos quartos.

Esse expediente, aparentemente narcisístico, mostrava-se útil agora. Com o auxílio dos espelhos – e das longas velas coloridas acrescentadas ao ambiente, por sugestão da minha parceira e cúmplice – podíamos nos ver a todo instante e assim avaliar a nossa *performance* a partir dos mais variados ângulos. Era uma experiência extravagante e ao mesmo tempo profundamente estimulante.

Jana, por sua vez, correspondeu com louvor aos meus anseios da busca de perfeição no sexo. As horas gastas no aprendizado foram recompensadas pelos inesquecíveis orgasmos desfrutados a dois.

Por outro lado, confesso que no início os orgasmos de Jana me surpreenderam: aconteciam múltiplos, intensos, como nunca observei em mulher alguma. Era algo visceral, único, o que se passava com ela e a transformava numa autêntica *sex machine*. Olhava-a, possuída pelo prazer, em transe, como a vi no terreiro de candomblé. Dava medo, no entanto era extremamente excitante.

Pois bem, como tempo não era problema, nas horas em que não estávamos praticando (e desfrutando) sexo, partíamos em busca da *grande cidade*.

Numa das nossas saídas na noite paulistana, acabamos casualmente indo ao Bixiga. Resolvemos aproveitar e dar uma passada na cantina do italiano, para beber cerveja e comer pizza, como todo bom paulistano. Para nosso azar, demos de cara com



Cora sozinha numa mesa. Lá estava ela, um predador em busca da presa. Parecia furiosa conosco – e realmente estava.

Até então eu veementemente afirmara desconhecer o paradeiro de Jana. De forma deliberada, evitava os telefonemas de Cora e era evasivo nas respostas quando inquirido. De todo o feito, eu sabia que o encontro acabaria acontecendo, cedo ou tarde. Simplesmente não dava para esconder Jana o tempo todo no apartamento do Copan.

Contudo, na hora da verdade, o comportamento da amiga lésbica foi lamentável e grosseiro. Em poucos minutos Jana estava se derramando em lágrimas e tive que intervir.

Foi só aí que constatei o que realmente se passava entre elas. Jana, apesar dos exóticos vinte anos, era uma garota como outra qualquer – romântica e insegura. Na verdade, ela era a grande paixão de Cora, que a adorava incondicionalmente.

Eu mexera com fogo e me vi obrigado a improvisar uma saída estratégica para que a coisa não acabasse mal. Assumi ter trazido Jana para Sampa e argumentei, impensadamente, que ela estava livre para ir e vir quando quisesse. Reconheço que fiz papel de tolo, mas foi melhor assim. Sem querer, acertara o alvo.

Jana não teve dúvida e se atirou nos braços da outra, da amante. Acontecera o inevitável: Cora viera resgatá-la, tão-somente. Curioso foi que não me senti traído ou coisa que o valesse. Tratei o fato com naturalidade, pois sabia, desde o início, que Jana não me pertencia.

Pedimos uma garrafa e bebemos vinho para brindar o encontro amigável. Refleti, ao sabor do melhor tinto da casa, que a paixão lésbica é poderosa, avassaladora.

Por um instante, juro que acreditei que Cora fosse a qualquer momento sacar uma pistola da bolsa e descarregá-la em mim, como aconteceu ao pobre Doug, tamanha a expressão de ódio ao me ver com Jana naquela noite. Nunca presenciei nada igual. Uma palavra errada minha, e o desfecho certamente seria outro.

De qualquer forma, me senti algo deprimido e tratei de me esquivar logo mais.

No dia seguinte, Jana retirou suas coisas do meu apartamento e partiu com Cora para Osasco – para o seu meio.

*Sid parte para os Estados Unidos e Karl, o big boss, deixa São Paulo após três tentativas de sequestro-relâmpago*

Nesse meio tempo, de volta ao trabalho na agência, após uma longa temporada ausente, soube que Sid estava de malas prontas. A viagem à Flórida aconteceria em breve. Eu estava um tanto desconectado do que se passava e soube do fato praticamente às vésperas da partida.

Na verdade, após o infeliz incidente na Praça da República, Lola procurou me poupar, providenciando pessoalmente os programas e me acionando por telefone em casa. Assim, de posse do perfil e das preferências da cliente, me deslocava diretamente ao local do encontro para o atendimento. Com isso, ficava às vezes dias sem dar as caras na agência. Eu sabia, porém, mais ou menos o que se passava através do frequente contato telefônico com Lola.

Bem, outro fato novo, merecedor de destaque, era que Karl, o *big boss*, partira para uma longa temporada no Rio de Janeiro. O chefe viu-se convencido a deixar São Paulo após três tentativas de sequestro-relâmpago nas imediações da sua mansão no Morumbi. Necessitava de ares novos e fixou residência na serrana Petrópolis. Em resumo, o que na prática importava era que, na ausência de Karl, Lola era a chefe – e tão-somente ela.

Confesso que nessa fase meu caso com Lola, se é que chegou de fato a haver um, entrara no inevitável ocaso. Éramos agora mais amigos que propriamente amantes. Não havia outro jeito. Ela completara trinta e cinco anos e se envolvera, nos últimos tempos, com o idiota do Gigio. Eu estava fora do páreo, mas Lola continuou a protetora de sempre. Gostava de mim, ao seu modo. Devo muito a ela, e ainda hoje não recuso um pedido seu.

Já o tal Gigio era uma *peçoinha* nojenta – um escurinho metido e arrogante – um senhor puxa-saco. Lola, no entanto, gostava de desafios; além, é claro, do rosto andrógino e obscuro do pequeno pervertido. Ele era agora o seu mimo e ela o educava, apesar disso, com mão de ferro.

Gigio era uma figurinha magra, efeminada, com trejeitos levianos. Aparentemente, nada tinha de garoto de programa. Lola o

adotara; era uma vaidade sua.

Um dia, no banheiro da agência, encontrei o exibicionista se masturbando – o pau do cara era de fato descomunal, gigantesco. Imediatamente entendi tudo: Lola era uma *dominatrix* exigente e sempre gostou de homem superdotado.

—

Sid partiria para os Estados Unidos na semana seguinte. Tivemos uma conversa reveladora, por iniciativa sua. Ele recebera uma proposta irrecusável de um contato seu nos *States*: pagamento em dólares, mais moradia, vantagens adicionais e a possibilidade de se tornar um *porno-star*. Pensava na aposentadoria para dali a alguns anos – completara ele. De fato, Sid beirava os vinte e oito e sabia que o negócio *de programas* tinha vida curta. Assim sendo, precisava fazer dinheiro rápido e acumular capital suficiente para abrir um negócio próprio. Portanto, ele já se decidira pela viagem.

A Flórida, para os que não sabem, é um conhecido reduto pornô de hispânicos, chicanos, latinos em geral, aspirantes ao estrelato no universo pornográfico. Para lá se dirige todo tipo de gente interessada em viver do sexo e fazer pornografia com altos ganhos. Por motivos óbvios, Los Angeles, mais precisamente *PornôValley*, em Hollywood, é a meta final, o eldorado dos atores e atrizes pornôs. Refiro-me, é claro, à Hollywood pornográfica, da grande indústria de filmes eróticos, das megaproduções e tudo mais.

Dessa forma, fomos ao Bar Brahma, na Avenida São João, para comemorar em grande estilo a iminente viagem. Sid era um garoto de programa refinado: boa música, boa comida, bom papo, mulheres elegantes, preferencialmente mais velhas e com a bolsa recheada. As quarentonas e cinquentonas eram o seu forte, seu alvo por excelência. Sid foi o *escort* mais reservado e metódico que conheci em todos esses anos. E era mesmo: nada de álcool, cigarro ou cocaína. O sujeito era canhoto e também vegetariano, diga-se de passagem.

Mais tarde, após o jantar, uma loira de uns quarenta e cinco,, bem vestida e maquiada, apareceu. Eu a conhecia: era a mulher do quimono japonês. Meu primeiro *programa* fora com ela. Não havia dúvida. Na época eu me fizera passar por Sid (era uma

armação dele) e fui parar no apartamento da quarentona, na Alameda Lorena.

A mulher, por sua vez, demonstrou surpresa ao me ver à mesa, fingindo não me conhecer. Sid desculpou-se polidamente e me apresentou como um colega de trabalho. Fiz menção de me retirar em seguida, mas ele me tranquilizou. Pediu a conta. Pagamos. Logo mais, estávamos no carro da exuberante *blondie*.

Rodamos sem rumo certo, percorrendo o centro antigo da cidade, conversando amenidades, jogando conversa fora, papo furado. Depois, mudamos de direção e acabamos acidentalmente (?) num luxuoso motel na Raposo Tavares. Era isso.

O resto fica por conta da imaginação.

Uma noite a três, de muito sexo e extremo erotismo, em todos os sentidos. Presenciei a *performance* de Sid e ele a minha. Atuamos também em conjunto. A voluptuosa loira foi o recheio do sanduíche erótico. Ela se serviu e se fartou de nós, dois insaciáveis garotos de programa, até tarde da madrugada.

No final, a mulher recompensou Sid com as notas verdes, novinhas, os cobiçados dólares americanos. Era um presente de despedidas, para a viagem.

## 27

### *O mundo de cabeça para baixo...*

Portanto, Sid partira para a Flórida por tempo indeterminado, Doug estava morto havia dois anos e Lola era agora a chefe. De maneira geral, os fatos simplesmente acontecem; não há retorno possível, na maioria das vezes. Não nego, por outro lado, que fiquei caído, com o astral baixo, em razão dos últimos acontecimentos. A sensação de desconforto era evidente.

Recebi, em seguida, um cartão-postal de Pietra, do Rio de Janeiro. Dizia-se feliz ao lado do pai e me pedia desculpas pelo ocorrido, pela separação abrupta. Curiosamente me senti aliviado, satisfeito intimamente ao ler o que estava escrito. Pietra se importava comigo, não me esquecera como pensei que faria.

Contudo, a sensação de apaziguamento mostrou-se efêmera, ilusória. O alívio durou pouco. Na verdade, o mal-estar me tomara de assalto, havia me invadido, parecia não querer me deixar, estava incrustado em mim.

*Comentário. Sem que me desse conta do fato, eu vivia de forma irremediável a experiência da solidão. A solidão incurável que atormenta e corrói até a medula e nos leva diretamente para o inferno. E foi exatamente onde fui parar logo mais, no pior dos infernos terrestres.*

Desse modo, insone havia várias noites, passava longo tempo na área de serviço do apartamento do Copan, madrugada afora, completamente só, fumando intermináveis cigarros, observando a metrópole paulistana, imensa e fria. Sentia-me incompreensivelmente desolado, *deprê*.

Olhava as ruas e avenidas, os prédios cinzentos e ameaçadores, as luzes tremelicando ao longe. Podia ver as minúsculas formas humanas movendo-se lá em baixo, apesar do adiantado da hora: eram apenas formas imprecisas, anônimas, sem rosto ou sentido.

O inverno insinuava-se ainda vagaroso, mas inexplicavelmente eu o pressentia com todo o rigor na pele, na alma. A sensação de insondável vazio tomava meu corpo e mente, de forma assustadora.

Às vezes me desesperava com esse estado de coisas. Descia e ia ter com as pessoas lá embaixo. Queria ver gente, sentir o cheiro da vida, calor humano, mesmo que de estranhos, dos indivíduos imersos na noite, amontoados nos bares e clubes noturnos.

Pronto. Lá estava o *mundo real* novamente. Deixava-me ficar num canto, recolhido na mesa do bar feito ostra. O solitário e sua sombra. Pedia vodca com gelo e soda. Emborcava a bebida com sofreguidão. Copo vazio. Mais uma dose, e logo outra em seguida. A bebida entorpecia o cérebro e a dor se tornava algo suportável.

Às três da madrugada o recinto fervilhava, no entra-e-sai contínuo de gente, no tumulto das vozes por toda parte, na atmosfera enfumaçada. Olhares noturnos me solicitavam. Não, não, não era para mim. Saía trôpego, circulava sem rumo pela Praça da República. Michês mal-encarados e prostitutas maltratadas me abordavam. Sorria sarcástico e os dispensava sem nada dizer.

Sem ter aonde ir, acabava a noite nos cinemas pulgueiros do centro, desses que funcionam 24 horas. A visão de bocetas e cacetes movimentado-se na tela grande, em *closes* enormes, povoava minha mente entorpecida pelo álcool. O cheiro de esperma ao redor me enojava, era repugnante, mas não conseguia mais deixar o assento. Estava esgotado. Adormecia de exaustão.

E assim as semanas prolongaram-se terríveis, cada vez mais deprimentes.

Para piorar, encontrei Patty numa daquelas noites de delírio. Velô, a descomunal travesti, estava marcada, com a polícia no seu encalço por roubo e tráfico de drogas. Fugira para Santos, deixando a amiga para trás. Patty, coitada, estava um lixo. Não comia há dias nem tinha lugar para ficar: fora despejada do apartamento por falta de pagamento do aluguel. Olhei-a. A aparência da *traveca* era horrível, lastimável. A cocaína deixara marcas fundas, provavelmente irreversíveis, no rosto andrógino e decaído da *drogadita*.

Hospedei-a – o que fazer? – no Copan.

Foi um tremendo erro.

Em pouco tempo o apartamento se tornou um reduto de drogados, *point* de todo tipo de maluco do submundo. Vagabundos e trapaceiros viciados, oriundos do centro da cidade, entravam e saíam a todo instante.

Mergulhei no inferno branco de ponta-cabeça, sem trégua. Dia e noite a paranoia rondava minha mente. Respirava mal, não dormia, não comia. Emagreci um colosso em poucas semanas. Apesar do estado deplorável, acontecia às vezes de me ver obrigado a levar Patty ao PS do HC para ser medicada. Temia que a idiota embarcasse numa viagem sem retorno, *overdose*, no meu apartamento.

Da cadeira de balanço, olhos arregalados e pupilas dilatadas, observava em pânico a figura estendida no chão da sala, imóvel, como se estivesse morta. Eu mesmo tinha a sensação de estar morto, vazio e degradado. Mas logo aparecia alguém com o pó branco, um boliviano ou colombiano recém-chegado a São Paulo, trazendo a mochila a tiracolo recheada da melhor coca.

E assim foi, semana após semana, num crescente delírio alucinógeno. Com isso, faltava sistematicamente aos programas agendados por Lola na agência, pois não me sentia em nada disposto para o sexo. Quando comparecia, meu rendimento era baixo, na verdade, decepcionante, fazendo que meu desempenho sexual deixasse sempre a desejar. As clientes reclamavam do atendimento e não me queriam mais. Lola ligou incansáveis vezes e acabou me suspendendo da equipe para que me tratasse. Mostrou-se decepcionada e distante.

Uma noite ela apareceu no apartamento. Com certeza queria ver pessoalmente o que se passava. Não consegui encará-la; baixei os olhos, envergonhado. Ela nada disse; saiu em seguida. Eu me senti horrível, um lixo. Fiquei insano, possesso, furioso, como nunca me acontecera.

Num ato sem precedentes, expulsei aos berros e a pontapés os vagabundos e viciados. A própria Patty, inclusive, fugiu amedrontada. Não a vi mais depois disso. Logo, na sequência, caí em profunda depressão. Foi inevitável. Fiquei prostrado por dias, sem atender ninguém, totalmente isolado, desejando apenas morrer.

Quando tudo parecia podre e acabado, por um fio, tive uma estranha revelação, através de um sonho. Contudo, não conseguia me lembrar de nada, por mais que me esforçasse. Apenas a sensação esquisita me dizia para sair – e sair já, imediatamente. Foi o que fiz, sem saber como.

Na rua, a aparência de zumbi denunciava flagrantemente meu real estado. A maior parte das pessoas me olhava espantada, com expressão de desaprovação ou repulsa, evitando-me, enquanto eu caminhava trôpego, trançando as pernas, ziguezagueante pelas ruas. Sentia-me encurralado, um peixe fora d'água, um alienígena perambulando em plena luz do dia.

Lembro-me das forças me faltarem na entrada do imenso edifício branco. Parecia que eu caminhara por horas; meus pés pesavam feito chumbo, doíam muito, latejantes.

Foi aí que senti meu desfalecido corpo se desarticulando, aos pedaços, parte por parte, membro após membro – e o mundo ficou de cabeça para baixo, de repente.

Podia ver, confusamente, através da tênue luz do sol de inverno, rostos enormes me fitando, bocas e dentes se movimentando, muda e freneticamente, bem próximo a mim: pareciam querer me comer, me devorar por inteiro, até o fim.

## 28

*Nada mais que a verdade...*

Senhoras e senhores, como o propósito confessional deste relato me obriga a dizer nada mais que a verdade, o testemunho do insólito episódio, narrado anteriormente, me faz reconciliar com um passado que procuro a duras penas esquecer. A provação com as drogas é sem dúvida alguma cruel, implacável. Em pouco tempo o pó branco quase me levou à ruína, à morte. Por sorte, escapei. Mas poderia ter sido bem outro o desfecho desta história, não fosse a intervenção de uma boa alma que veio oportunamente em meu auxílio.

Portanto, ao recobrar a consciência, horas mais tarde, deparei com um rosto conhecido. Debruçada sobre a cama, expressão resoluta e severa, a enfermeira-chefe examinava cuidadosamente minha face lívida e descarnada. Olhei à volta e reconheci de relance o hospital. Era o mesmo de um ano atrás – eu estava de volta. Pois bem, resumindo, passei cinco longos dias internado, sob os cuidados da inabalável e impassível enfermeira.

No entanto, me apresso em dizer, algo inédito aconteceu, ali mesmo no hospital, colaborando de forma significativa para a minha melhora.

Deixando a habitual frieza e rispidez de lado, Esmeralda excepcionalmente se mostrou dedicada e diligente no tratamento do meu caso. Ela não só acompanhou pessoalmente a evolução do meu quadro clínico, passo a passo, dia após dia, como dedicou atenção incomum aos procedimentos terapêuticos relacionados à desintoxicação radical a que fui submetido, causando, assim, com essa conduta, espanto geral em todos da equipe, dada a estranheza do fato.

Algo ainda mais estranho e surpreendente ocorreu no momento da alta do hospital. Cara a cara com a enfermeira-chefe, ela então me olhou direto nos olhos, por um longo tempo. Depois, sem rodeios, perguntou-me secamente se eu tinha para onde ir.



Menti dizendo que não tinha família, que era um sem-teto e morava nas ruas há alguns meses. A mulher fez um gesto para que a seguisse. Foi o que fiz, de imediato.

Como não havia bagagem, saí com a roupa do corpo e entrei no carro da taciturna enfermeira, sem dizer palavra.

## 29

### *Uma nova vida... modus vivendi*

Esmeralda era viúva, morava no Bom Retiro, bairro antigo de São Paulo. Não tivera filhos, mas não por opção. Definitivamente era estéril, de longa data, talvez desde que se fizera mulher. Nunca soube ao certo. Na época, se bem me lembro, tinha completos quarenta e cinco anos e sabia que jamais teria seus próprios filhos.

Possivelmente esse fato explique o amargor e a inalterável rispidez no trato com gente. Porém gostava de animais.

Esmeralda possuía dezoito gatos, onze cachorros, três papagaios, duas tartarugas e um velho galo garnisé; enfim, um verdadeiro albergue para bichos em casa – todos animais de rua, deserdados, que ela gentilmente resgatava do abandono, além de uma população flutuante de pombos e passarinhos, frequentadores temporários em busca de comida, sombra e água fresca.

A casa, por sua vez, era uma construção velha e maltratada pelo tempo, edificada numa área circundada de árvores, plantas e arbustos – coisa rara nos dias atuais –, além de horta, pomar, jardim, bebedouro para animais e uma espécie de galpão caindo aos pedaços na parte mais elevada do terreno. A sensação era de se estar numa tosca e diminuta chácara encravada na metrópole barulhenta e poluída. Apesar do aspecto decadente, o lugar possuía certo charme bucólico – nostálgico, para ser mais preciso.

Relembrando esse período, posso afirmar, sem constrangimento, que a estadia em casa de Esmeralda me fez bem, me reabilitou para a vida. Era do que precisava naquela fase, de isolamento supervisionado. É fato científico e comprovado que as drogas debilitam a vontade e embotam o cérebro. Na realidade, escravizam-no, lamentavelmente. Assim, após o curto, mas radical tratamento antidrogas a que fui submetido no hospital, me vi confuso e deprimido. Para um drogado, a fase seguinte é sempre a

mais difícil, pois ele se acha suscetível às chamadas recaídas – frequentes e inevitáveis.

De minha parte, contudo, a vantagem era que não me envolvera com o explosivo *mix* uísque-cocaína por longo tempo, também fora devidamente medicado e estava agora no rústico *spa* de Esmeralda, longe de toda tentação, sob os cuidados de uma especialista.

Por outro lado, os hábitos da minha anfitriã, na verdade um tanto excêntricos e extravagantes, merecem comentário à parte. No entanto, por economia de tempo e também para nos atermos ao essencial do relato, serei breve, apesar de o *modus vivendi* dessa curiosa personagem valer uma narrativa em separado.

Em primeiro lugar, Esmeralda era uma mulher de rotinas, programada para cumprir e executar tarefas. Era o que sabia fazer de melhor: executar algo planejado por alguém; uma perfeita executora, que operava com precisão e funcionalidade, porém sem envolvimento emocional de qualquer natureza. Não fazia as coisas movida pela paixão ou pelo entusiasmo, e sim porque tinham de ser feitas ou porque assim fora estipulado. Como o jargão corrente diz: era fria, insensível e, ainda por cima, irredutível na maioria das vezes, principalmente no que dizia respeito a mudanças de regras e procedimentos.

Vale dizer ainda, num segundo momento, que Esmeralda era funcionária pública, enfermeira-chefe por antiguidade, de carreira. Mas certamente sua maior virtude estava no trabalho. De fato, a mulher era uma máquina para o trabalho. Trabalhava dia e noite, incansavelmente; dormia pouco e falava menos ainda.

*Comentário. Demorou algum tempo para que eu me acostumasse à fala monossilábica e econômica da quarentona. Não sou eloquente ou pessoa superfalante, e esse fato facilitou – e muito – nosso convívio nos meses seguintes.*

Falei que estava no *spa* de Esmeralda, no entanto é apenas maneira de dizer. Nunca na vida dei tão duro. Nada de moleza ou facilidades. Trabalhava as regulares oito horas diárias, no pomar, na horta, no jardim ou alimentando e tratando os animais, só conseguindo respirar um pouco no momento em que a enfermeira vestia a imaculada farda branca e se dirigia ao hospital para o

plantão. Antes, porém, ela vistoriava o trabalho do dia e fazia esse ou aquele reparo, anotando mentalmente o que ainda estava por fazer ou refazer (para meu azar, a mulher tinha uma memória fenomenal, o que dificultava, quase sempre, minhas infrutíferas tentativas de manipulação para enganá-la). Na sua ausência, havia uma lista de tarefas a serem executadas, dentro e fora de casa. Sempre havia algo a ser feito e eu acabava fazendo *hora extra* para dar conta do recado. O horário dos plantões da enfermeira mudava a cada quinze dias, mas a rotina a que me via submetido não: era sempre a mesma.

Dessa forma, o sistema de trabalho era de fato brutal, notadamente no que dizia respeito aos excessivos cuidados dispensados por Esmeralda aos bichos (era algo levado a extremo, uma espécie de fixação nos tais animais). Obviamente, ela se aproveitava da minha necessidade de cura e, sobretudo, dos meus serviços para realizar consertos e reparos suplementares, há muito adiados.

Mas o trato com os animais vinha em primeiro lugar, ocupando ordinariamente boa parte da manhã e os finais de tarde também: alimentar, dar de beber, escovar, secar, apartar, recolher; fora limpar toda a sujeira produzida pela bicharada nas vizinhanças da casa, no imenso quintal morro abaixo, até os limites das cercas de separação que isolavam o pomar e a horta do restante da propriedade. Jamais imaginei que simples criaturas de Deus pudessem cagar e mijar em tamanha quantidade, dia e noite. Acordava e ia dormir com o cheiro de excremento de animal nas narinas.

Além do mais, levou tempo para que, particularmente, cães e gatos me aceitassem no território. O convívio não foi de todo pacífico e os estranhamentos eram inevitáveis de ambas as partes. Cheguei a sofrer perseguições e ataques dos bichos, que procuravam me intimidar com olhares rressabiados, expressões ferozes, rosnadas de advertência, arranhões e mordidas. Aprendi, a duras penas, a não provocar reações adversas nessas criaturas, tão sensíveis a variações de (mau) humor. Em parte, pareciam ter adquirido algo da personalidade esquizoide e neurótica da dona. Não havia outra explicação.

Portanto, eu suava a camisa todo santo dia, pagando os pecados passados – e com certeza os futuros. Confesso que me esforçava, mas me via metido em encrencas com algumas das criaturas desse pequeno zoológico doméstico.

O velho galo garnisé decididamente não ia com a minha cara. Mantinha uma irritante distância de mim, juntamente com o seu harém de galinhas, mesmo quando eu o alimentava. Ciscava de um lado para o outro, cacarejante, empertigado, brigão e ranzinza, levantando e sacudindo desafiante a crista em minha direção.

Havia dois cachorros, que eu apelidei de *Rabu-Gento*, que me olhavam com ar de desprezo e nojo. Uma vez, cochilando no alpendre da casa, acordei com as pernas e pés molhados do mijo da desprezível dupla. Amaldiçoei-os mais de uma vez por isso.

Os gatos, por sua vez, eram esquivos, selvagens, intratáveis. Uma família inteira deles vivia entocada no velho galpão na parte alta do terreno. Eram completamente inacessíveis e insociáveis.

Já o papagaio Sarado tomou gosto em me chamar de bestão e não tinha jeito de mudar o disco: *olha o bestão, olha o bestão; lá vem ele, lá vem ele, é o bestão...* – repetia incansavelmente o cretino emplumado.

Apesar dos pesares, prevaleceu a política da boa vizinhança (seja lá o que fosse aquilo) e fui de certa forma aceito no grupo.

–

Por outro lado, nas minhas horas vagas, de silêncio e ócio, em que me via completamente só, longe do trabalho, dos bichos, da TV e, sobretudo, de Esmeralda, gostava de escrever, na agenda do ano, coisas que me vinham à cabeça, relacionadas às anotações feitas nas agendas de programa anteriores. Rememorava o encontro, as circunstâncias envolvidas, as feições e idade da mulher, anotando ao lado dos registros – data, hora, local, nome etc. – alguma particularidade ou detalhe que me chamara a atenção.

Certamente, quando mais tarde resolvi colocar no papel minhas *confissões*, esses momentos de *ócio literário* foram decisivos para a posterior narração dos fatos. Serviram de exercício, de dever de casa, por assim dizer.

*Uma nova vida... continuação*

E assim, passada a fase de adaptação, um a um, os dias transcorreram rotineiros, monótonos, as semanas tornaram-se meses, e me afastei, gradualmente e sem me aperceber, do mundo civilizado.

As saídas do sítio em que me encontrava restringiam-se ao comércio local próximo. Esmeralda dera a entender claramente, com ares de reprovação, que deveria me abster de deixar a casa ou receber quem quer que fosse. Tudo o que eu necessitava lá estava, ou me seria fornecido. Ela providenciava, quinzenalmente, as compras de supermercado. Caso precisasse de algo mais, um pedido pessoal ou coisa assim, deveria comunicar-lhe previamente.

Contudo, não suportando tamanho confinamento, às vezes me esquivava e me dirigia ao bar, dois quarteirões acima, próximo à feira de hortigranjeiros. O supermercado e a padaria ficavam mais afastados, e raramente eu me aventurava tão longe. Um medo inexplicável me obrigava a não me distanciar das imediações. O dono do estabelecimento, do bar-mercearia, era o *seu* Adib, homem alto e troncudo, cara de periquito, de origem libanesa, conhecido simplesmente como turco.

Desse modo, encostado no balcão, cigarro em punho, deixava-me ficar, fumando prazerosamente, os olhos voltados para o movimento da rua, geralmente no cair da tarde (Esmeralda não me proibira o vício do cigarro, pois ajudaria no tratamento – explicara ela –, principalmente nos momentos em que a abstinência da coca me desse nos nervos de maneira incontável. Diariamente consumia em média dois maços de tabaco, entre uma tarefa e outra, ou deitado preguiçosamente na rede do alpendre da velha casa).

Com o correr das semanas, criei hábito e passei a reservar uma horinha de lazer no bar do turco. O homem, agora acostumado à minha silenciosa e enigmática presença, surgida assim do nada, frequentemente me dirigia a palavra, me tratando excepcionalmente bem, apesar de o meu consumo no estabelecimento ser mínimo: cigarros, refrigerantes, balas de hortelã e, ocasionalmente, uma discreta cerveja, quando me sentia mais tenso e agitado.

Para evitar perguntas indesejáveis, e também para saciar a crescente curiosidade do meu interlocutor, inventei que era sobrinho de Esmeralda, que ficaria no bairro por uns tempos, até meu retorno à faculdade no semestre seguinte. Isso pareceu convencê-lo e ele me deixou em paz no meu canto.

Certa vez, já pronto para o *happy hour*, aconteceu que, em vez do Adib, veio me atender uma negra bonita e sorridente. Olhei-a discretamente. De fato, ela possuía certo encanto natural. Era expressiva, jeitosa de corpo, porém, como é próprio da raça negra, de idade indefinida. Mas, certamente, não era jovem quando vista de perto. Pedi o de costume e esperei.

Após servir, a mulher permaneceu ao lado, observando, como quem não quisesse nada, o movimento da rua. Depois, para puxar conversa, comentou que o marido adoecera, fora internado de uma hora para outra: mal súbito, princípio de infarto. O coração não ia bem. O médico recomendara repouso absoluto e estrita dieta – concluiu. Estimei as melhoras e ficou nisso.

Porém, entre um atendimento e outro, nas idas e vindas da mulher ao longo do balcão, nossos olhares teimavam em se encontrar, ainda que furtivamente, de viés, no espaço comum da curiosidade mútua. Por um instante, bebericando distraidamente a cerveja, considerei friamente a situação e concluí que estava encrencado demais para me meter com mulher casada. Deixei passar, era o melhor a fazer.

Entretanto, quando me preparava para sair, uma deliciosa e inesperada visão desfilou graciosa diante dos meus olhos e rapidamente se esgueirou pelos fundos do bar. Fiquei sem fôlego, atônito, por um momento. Depois, respirei fundo, tomei coragem e permaneci um pouco mais, na esperança de rever a deusa morena. Na realidade, como vim saber depois, a deusa chamava-se simplesmente Maria – uma mistura bem-sucedida de sangue árabe e negro. De relance ela me lembrou Jana, a garota do terreiro de candomblé: pele quase negra, cabelos longos, riso rasgado, encantador.

Imediatamente, uma excitação incomum tomou conta de mim. Senti o sangue ferver e tive uma ereção gigantesca ali mesmo. Mal pude disfarçar tamanho tesão. Pedi outra cerveja; estava

inquieta, ansioso. Logo mais a morena saiu apressada como entrou, levando uma mochila nas costas. Lançou breve aceno para a mulher no balcão e de quebra um olhar de curiosidade na direção onde me encontrava. Sorri abertamente, na tentativa de me fazer notar. Acho que consegui.

No dia seguinte, apareci no bar mais cedo que de costume. Do balcão, observei que a mãe se ocupava do caixa, enquanto, para sorte minha, Maria atendia uns poucos clientes nas mesas. Após servir, tendo notado minha presença, ela naturalmente se aproximou e puxou conversa, não demonstrando qualquer embaraço na abordagem. De fato a garota de vinte anos era desinibida, falante, cursava faculdade de comunicação e não tinha freio na língua. Falava rápido, toda gesticulosa, dona de si. Deixei-a à vontade, sem interrompê-la, estava excitado demais para prestar a atenção ao que dizia.

Fiquei ainda mais excitado com a perspectiva que me ocorreu de colar, ali mesmo, a boca nos lábios carnudos de Maria, num longo e suculento beijo de língua, até sufocá-la de prazer. Queria abraçá-la, envolvê-la por inteiro, despi-la devagarinho, sorver o frescor e o perfume daquele corpo moreno. Mas, infelizmente, já era tarde para tais voos da imaginação e logo tive de me retirar, levando comigo a sedutora imagem daqueles lábios em forma de coração.

### 31

#### *Uma nova vida... parte final*

Retornei disposto, eufórico, para casa.

Naquela tarde, executei as tarefas restantes com visível contentamento. No jantar dos bichos, fato incomum, afaguei discretamente *Rabu-Gento*. A dupla de cães me olhou de rabo de olho, intrigada, ressabiada, em especial na hora em que servi uma porção extra de ração (pareciam incrédulos – *o que estaria acontecendo?*). Os ingratos miraram o alimento, voltaram-se em minha direção, mexeram os focinhos no ar. Depois, rodearam o comedouro e, ainda assim cautelosos, farejaram mais de uma vez a comida antes de comê-la, provavelmente receosos de uma armadilha.

Esmeralda chegou depois. Também achou estranha a mudança no meu comportamento (eu retinha um brilho esquisito nos olhos) – mostrou-se desconfiada. Sem perda de tempo, dei a entender que me sentia *apenas* reanimado – nada mais. Ela balançou a enorme cabeça grisalha e se deu por satisfeita.

Naquela noite, exigi na cama um pouco mais do que de costume da minha benfeitora. Dormíamos em quartos separados e, uma vez na semana, geralmente às quartas-feiras, nos encontrávamos para o sexo, mais precisamente, para a massagem erótica no cômodo dos fundos, reservado só para este fim. Naquela noite, portanto, eu queria trepar – e trepar de verdade. Esmeralda suportou com bravura, ao mesmo tempo surpresa, o vigor do meu tesão, atizado que fora pelos encantos de Maria. Mostrei-me ousado e insaciável no sexo, não me contentando em ser apenas acariciado e manipulado pelas mãos da mestra.

*Comentário. Como já tive oportunidade de relatar, Esmeralda era uma especialista, uma perita metódica e disciplinada no assunto, uma genuína masturbatrix. Anteriormente, ganhara a vida como massagista profissional; só mais tarde se tornara enfermeira de carreira.*

Devo confessar, assim, que em toda minha vida nunca estive em tão boas (e milagrosas) mãos. Sem exageros, Esmeralda sabia acariciar e manipular um homem como raras mulheres ousam e sabem fazer. Não era apenas técnica, habilidade, mas uma profunda devoção em oferecer prazer através do contato íntimo, do tato, do toque. A maciez das mãos da matrona, envolvendo e manipulando, com ritmo e precisão, meu membro rígido, intumescido, abrigando-o depois no calor dos seus seios fartos, era na verdade puro delírio.

Ela se empenhava em arrancar com volúpia o néctar da vida – Oh, merecido prêmio! – até a última gota de prazer, não me restando alternativa senão me entregar sem resistências ao inebriante ritual da manipulação, aos movimentos sincronizados das mãos hábeis da experiente enfermeira.

Por fim, o mais leve sopro de resistência caía por terra e eu me acabava sem poder mais me conter, trêmulo, exausto, entre espasmos de prazer, nos avantajados seios de Esmeralda.



Bem, apesar disso, e com o passar dos dias, a imagem da bela Maria continuava a rondar, a todo instante, minha mente obstinada, não me permitindo descansar enquanto não a possuísse de fato – ou pelo menos tentasse. Foi o que fiz, a partir de então.

-

Sem que Esmeralda desconfiasse, continuei indo ao bar do turco, sempre no cair da tarde, para uma cervejinha de leve. Obviamente, a esta altura do campeonato, minha permanência ali, solitariamente no balcão, feito besta, não passava de um pretexto. Não podia negar o fato de me achar demasiado eufórico e ansioso na ocasião, devido à expectativa gerada e tudo mais. A possibilidade de ter Maria nos braços, uma tarde inteira, passadas todas aquelas semanas de trabalho duro, tarefas e rotinas, me deixava louco de tesão e desejo.

Algumas vezes a garota se atrasava ou, o que era pior, nem aparecia. Adelaide, a mãe, observava calmamente meu desassossego e aflição, enquanto, de minha parte, procurava disfarçar o nervosismo, fingindo me ocupar do movimento lá fora na rua. Como angariara certa intimidade, puxava conversa com a mulher, de mansinho, na tentativa de arrancar alguma informação ou fato novo. Precisava saber mais sobre Maria e, principalmente, me informar sobre o retorno do turco ao trabalho. Sabia que em breve ele estaria de volta e que o tempo se esgotava. Precisava agir rápido.

Ah, ia esquecendo um detalhe curioso.

Havia no bar um sujeito franzino, inexpressivo, que fazia as vezes de empregado, mas não convencia. Na realidade, o tal funcionário era um parente desocupado do turco, sempre disposto a não fazer nada. O sujeito era a mãe da preguiça e primo da malandragem. Negligente, mal-mandado, empurrava o serviço para depois, executando as tarefas de limpeza mal e porcamente. Fora isso, mais de uma vez presenciei o malandro roubando descaradamente o caixa do bar na ausência da mulher. Ela, num primeiro momento, não percebeu o que se passava, até o gatuno ser apanhado dias mais tarde desviando garrafas de uísque do depósito.

Posso estar enganado, mas o episódio anterior serviu de algum modo para o estreitamento das relações com Adelaide. Na sequência, senti que a pobre coitada queria desabafar; e o foi o que fez, uma tarde inteira, entre um e outro atendimento no bar. Coloquei desse modo meu talento de psicólogo para funcionar e ouvi pacientemente os queixumes da mulher casada. Sempre que podia ou me era permitido, comentava esse ou aquele detalhe, na tentativa de tranquilizá-la. Terminada a sessão, ela mostrou-se grata e serviu, por conta da casa, quibe frito com coalhada árabe. Enquanto me ocupava em comer, aconteceu uma cena curiosa, que de fato me desconcertou.

Num gesto inusitado, Adelaide deslizou suave e discretamente as pontas dos dedos na extensão do meu braço, alisando-o devagar, quase o afagando. Isso durou segundos e me pegou de surpresa. Retribuí, sorrindo meio sem jeito, ao mesmo tempo em que ela me passava um papel dobrado, um bilhete, apertando-o levemente entre os dedos da minha mão. Pude notar, no desenrolar da cena, um brilho de malícia e cumplicidade no seu olhar. Só um cego não veria.

Na verdade, a mulher insinuara-se há algum tempo e eu não atentara para o fato elementar da conquista. No caso, o jogo da sedução envolvia três e não duas personagens – esse era o ponto. Fora um tolo não percebendo o que se passava bem debaixo do meu nariz. Como só tinha olhos para a estonteante Maria, não pressentira os movimentos e as jogadas da outra.

Portanto, para encurtar a história, após a cena do bilhete, que continha uma breve, porém ardente e inquietante declaração de intenções amorosas, tornei-me o substituto do parente do turco no estabelecimento, fazendo o papel de trabalhador eventual e de amante de Adelaide. Eu a ajudava como podia, principalmente na abertura e no fechamento do bar durante a semana, claro, sempre que o horário do plantão de Esmeralda permitia minhas escapadas para os braços negros e macios da mulher do comerciante.

De fato, não há como negar, a mulher procurava uma aventura amorosa e conseguira o seu objetivo, era um mérito seu. Por outro lado, minha disposição para o sexo voltara em grande estilo e com vigor redobrado, é preciso também que se diga.

Assim, confesso ter desejado e possuído Adelaide inúmeras vezes, das mais variadas maneiras, nos meses seguintes. A mulher se mostrou impetuosa, febril, como se quisesse recuperar o tempo perdido ou experimentar o prazer proibido. Não importa. A combinação de maturidade e apetite sexual estava ali presente, em corpo e alma, e me pareceu perfeita na ocasião. Sua aplicação e entusiasmo na cama eram simplesmente invejáveis.

Nossos encontros acabavam em tórridas cenas de sexo tarde afora. Os orgasmos aconteciam prolongados, sucessivos, acompanhados de gritos roucos, gemidos de intenso prazer, puro desvario, o que provocava inevitavelmente um olhar de malícia no recepcionista do hotel no momento de nossa saída.

Durante a ausência do marido, realizávamos as sessões amorosas primeiramente ali mesmo, nos fundos do bar, num velho sofá-cama que o turco utilizava para o seu descanso vespertino. Após o regresso do adoentado comerciante, os encontros aconteciam no modesto hotel da região, várias quadras acima, longe de curiosos, tendo apenas o olhar malicioso do atendente como testemunha.

-

Computado o tempo, eu passara sete longos meses na casa de Esmeralda e algo me dizia que era hora de partir, sem perda de tempo, de voltar à ativa, de retornar ao meu meio e encarar outra vez a cidade – essa São Paulo oculta. Certamente podia ter dado o fora antes, pois me sentia recuperado e senhor de mim, mas o envolvimento com Adelaide acabou retardando a partida.

E esta se deu de forma planejada e sem sentimentalismos. Escolhido o dia, escrevi umas poucas linhas de agradecimento e coloquei num envelope, endereçado à enfermeira, no móvel da sala. Fiz o mesmo quanto a Adelaide, tomando cuidado para que a carta chegasse ao seu destino no momento em que o marido se ocupava do bar.

Com o cair da noite, após alimentar e recolher os animais pela última vez, fechei cuidadosamente a casa, joguei as chaves por baixo da porta e pulei o velho portão enferrujado.

Como não havia bagagem, saí como entrei em casa de Esmeralda – somente com a roupa do corpo. Ganhei a rua, segui pela longa avenida noite adentro e andei, andei, andei muito, silenciosamente na noite, até alcançar a estação de trem, a Estação da Luz.

## 32

### *A Les Girls e o retorno às origens*

Não sem dificuldade, retornei ao meio de onde saíra. Tinha clareza dos obstáculos à frente. Havia me preparado, semanas a fio, antes de deixar a casa de Esmeralda. O momento chegara, porém sabia que as coisas não aconteceriam num passe de mágica: um simples estalar de dedos e tudo voltaria como antes.

Durante meu afastamento, um mundo louco dava incontáveis voltas ao redor do próprio eixo. A cidade, que não para nunca, gigantesca e assombrosa Pauliceia, lança seus enormes e intrincados tentáculos em todas as direções, dia após dia, noite após noite, incansavelmente.

Por minha vez, eu deixara tudo para trás, ficando ausente todos aqueles meses. Agora precisava reconquistar meu espaço, minha posição e, sobretudo, a autoestima.

Dirigi-me, portanto, ao Edifício Copan, lugar onde supostamente ainda morava. Logo de saída, veio o primeiro golpe: bati com a cara na porta ou, melhor dizendo, bateram-me a porta na cara. O apartamento estava alugado para outro inquilino. Na realidade, o imóvel fora desocupado havia pouco mais de um mês – segundo *seu* Caldeira, o síndico – mediante todos os protocolos legais: intimação, audiência, ordem de despejo, evacuação do imóvel – relatara enfadonhamente o homem, porém com uma estranha (e perversa) riqueza de detalhes.

Em resumo, eu fora julgado à revelia pela nossa honorável Justiça e despejado por falta de pagamento do aluguel. Estava, portanto, irremediavelmente na rua, sem teto e sem direitos. Meus móveis e pertences foram amontoados no depósito do prédio, recolhidos num gesto de *generosidade* pelo síndico, que sem demora me apresentou a conta dos serviços prestados, inclusive pela guarda do meu automóvel por todos os meses na vaga da vizinha do lado, dona Ofélia. Agradei o empenho do síndico na

*defesa* dos meus interesses e me comprometi em saldar a dívida o mais breve possível.

Dessa forma, me sentindo sacaneado, deixei o edifício e fui para a rua. Não tendo aonde ir nem local decente para passar a noite, só me restava pernoitar num hotel-espelunca qualquer do centro.

Antes, porém, dirigi-me ao caixa-eletrônico do banco e saquei o saldo disponível. Embolsei as cem pratas restantes e segui resoluto para o Café Vermont, na sempre revisitada Praça da República. Pedi uma dose de uísque e emborquei a bebida no melhor estilo caubói. A segunda dose, com gelo, facilitou as coisas, me fez esboçar um inusitado gesto de superioridade.

Eu estava ali, exatamente onde queria estar, vivo e dono da própria vontade – livre de novo. Desdenhei silenciosamente os fracassados, os perdedores, os derrotistas e incapazes espalhados pelos quatro cantos do mundo. *Fodam-se eles. Foda-se também o mundo que os abriga* – pensei. Eu não me achava um desvalido, um pobre e miserável deserdado. Não era um zé-ninguém qualquer, ou apenas mais um fodido sem eira nem beira, perambulando por aí de bolsos vazios – ruminei comigo mesmo, cheio de amor-próprio. Na verdade, eu tinha fundos. Eu tinha fundos no Banco do Brasil! Isso era o que importava! *(Novamente podia contar com o fruto das aplicações financeiras deixadas por meu pai)*.

Sendo assim, no dia seguinte, como primeira providência, eu iria despreocupadamente ao banco para sacar a mesada acumulada dos últimos sete meses em que estivera fora do circuito. Pronto. O maior dos problemas fora resolvido – e de uma só tacada.

Levantei o copo e esbocei uma saudação ao velho, onde quer que estivesse. Certamente seu generoso espírito estava livre dos tormentos e das preocupações mundanas. Aqui, no degenerado e desumano sistema-nosso-de-cada-dia, sem algum dinheiro você é simplesmente nada, um merda, um pária.

Visivelmente excitado – por estes e outros pensamentos –, voltei-me para a noite que avançava e sorvi em pequenos goles a terceira dose. Nada como estar vivo – concluí – e poder desfrutar prazeres legitimamente humanos.

Nesse meio tempo, passada a meia-noite, a calçada transformara-se numa movimentada vitrine, psicodélica e surreal, bem à frente. Personagens andróginos e extravagantes agitavam-se mais que nunca, por todos os lados e em todas as direções. O público *gay*, claro, fazia a festa. A noite excepcionalmente quente de primavera apontava para o infinito, o imponderável. O vozerio alvoroçado de fora, da rua, misturava-se à música estridente vinda do salão superior do Café, tornando o ambiente uma babel noturna.

Deste modo, já devidamente energizado, após o quarto *drink*, resolvi que era hora de cair fora. Mas para onde?

Listei mentalmente antigos contatos e lugares da cidade, até que a imagem de Vanessa, uma deliciosa *stripper* loira da *Les Girls*, me veio à mente, assim do nada. Particularmente, gostava do lugar e dos números eróticos das garotas, sempre belas e versáteis, como a escultural Vanessa (será que ainda andava por lá?).

Sem perda de tempo, paguei a conta e me dirigi de táxi no sentido Jardins. Durante o percurso, acendi um cigarro (com a anuência do motorista) e passei a baforar a fumaça longamente, procurando conter a ansiedade, enquanto o carro rodava suave, macio. Novamente podia respirar São Paulo, me aventurar na noite, sentir as luzes e os sons da cidade. Era do que precisava naquele momento.

Logo em seguida, chegamos.

A *Les Girls* era uma badalada casa noturna localizada no bairro dos Jardins, famosa nos anos noventa pelas suas atrações exclusivas, seus números eróticos de dança, seus *stripshows* sofisticados, e também, claro, pelas suas belas mulheres.

Na época eu vivia os primeiros tempos na agência, e o mundo da prostituição e do sexo era novidade para mim. Descobri, anos mais tarde, que a princípio existem ao menos dois mundos distintos, separados pela tênue linha dos valores e convenções sociais. E é nesse *outro* mundo, erótico e pornográfico, que é o que nos interessa, que encontramos as *call-girls*, os *strippers*, os garotos e garotas de programa, as putas e travestis – em suma, os chamados profissionais do prazer e do sexo. Sim, são eles, e somente eles, os genuínos *protagonistas* da ação.

Certamente a prostituição é um negócio – ou *mais* um negócio –, por sinal, bastante lucrativo, milionário até, quando explorado empresarialmente. Milhares se lançam todos os anos à empreitada, no insólito universo da prostituição e da pornografia, como eu mesmo me lancei, ainda jovem. E não me arrependo, nem um pouco. É o que gosto e sempre gostei de fazer.

–

Mas basta. Voltemos à narrativa.

Falávamos da *Les Girls*, no momento em que me dirigia para lá. Recordei, enquanto entrava, os tempos em que Doug e eu costumávamos dar umas bandas na boate, geralmente de madrugada, para ver o movimento, tomar uns *drinks*, mexer com as garotas, matar o tempo, e assim por diante. Também degustávamos, compulsivamente, os famosos coquetéis tropicais feitos pelo *barman*, o Roy, um conterrâneo do Doug de Porto Alegre, um cara totalmente doido e imprevisível.

Acomodado no *scotch bar*, constatei que o maluco do Roy continuava na casa. Assim que me viu, não perdeu tempo e saltou com incrível agilidade o balcão, me envolvendo forte nos braços gigantescos. Devia ter perto de dois metros de altura – era um gigante, enorme e desajeitado, à primeira vista.

O gaúcho finalmente largou-me, saltou outra vez o balcão e, sem parar de falar um só instante, preparou um *drink* especial para mim. Brindamos e ele prosseguiu, com o seu sotaque acentuado do sul, os gestos largos, a cara de boa gente, bom moço, apesar de me parecer meio canastrão e cafajeste. Mesmo assim, fazia sucesso com as mulheres.

Certamente o tamanho incomum causava profunda impressão e tremendo impacto visual no público feminino – *nas baixinhas, em particular*, comentara. Muitas mulheres ofereciam-se a ele pela curiosidade de provar o que havia de diferente no tamanho anormal, excepcional... *E elas não se decepcionavam* – finalizara, com seu riso obscuro.

Sorri também para ele, ao mesmo tempo em que o sujeito gesticulava freneticamente os longos braços, e só aí me dei conta de que Roy já estava em outra e contava uma história cabeluda, sem pé nem cabeça, aos berros, e era mais ou menos assim, ou

quase, pois na ocasião Doug e ele moravam no apartamento da Rebouças e queriam apenas se divertir na noite de folga, mas acabaram, como de costume, terrivelmente bêbados e *cheirados*. Aconteceu de se verem encrocados com duas *piranhas* na Robert Kennedy, que certamente ele se lembrava da Represa Guarapiranga, onde o carro ficou atolado até o teto, mergulhado nas águas escuras e barrentas, após uma manobra radical que dera errado no último instante, contudo ninguém saiu ferido seriamente. Apesar de Doug ter merecidamente dado umas porradas numa das putas por tentar bater-lhe a carteira, mas isso foi em Interlagos, horas mais tarde...

Foi exatamente aí, nesta passagem, que imaginei, só de brincadeira, quantas mulheres teriam sido malucas o suficiente para acabarem na cama com um cara pirado feito o Roy. Ele continuou falando e falando, mas não conseguia ouvi-lo, por mais que me esforçasse. O barulho à volta não permitia. A *Les Girls* lotara naquela noite.

Portanto, a essa altura, quase duas da madrugada, Roy não teve mais tempo para outras histórias e se mandou para o outro lado, onde o gerente acenava insistentemente, para dar atendimento.

Virei-me, dirigindo o olhar para o palco e aí me dei conta da *performance* que se iniciara.

A morena alta e esguia, seminua no centro do tablado, fazia um número envolta em penas de avestruz. Ao sabor da música lenta, sussurrante, a *stripper* se contorcia em ésse, dobrando-se sinuosa, contraindo languidamente o próprio corpo, lançando-se, ora para frente ora para trás, em direção à plateia, jogando de tempos em tempos a negra cabeleira para cima, para baixo, para os lados, para no final projetar os seios escuros e intumescidos, volteando-os no ar sucessivas vezes. À medida que o número avançava, a *stripper* ia arrancando, lentamente, uma a uma, as plumas do corpo.

O público, por sua vez, acompanhava em verdadeiro frenesi o *strip-tease* e pedia em coro para que a dançarina retirasse a última pena de ave e se mostrasse nua, por inteiro. Fingindo relutar, ela rebolava o apetitoso traseiro, requebrando por longo tempo os quadris, empinando a generosa e arrebitada bunda na



qual se prendia a derradeira pluma. Diante disso os aplausos e assobios recrudesceram e ecoaram entusiásticos, ensurdecedores, no momento exato em que a *stripper* avançou completamente nua à frente do palco e exibiu a xoxota depilada, carnuda, friccionando a longa pluma no meio da racha escura e avermelhada, inúmeras vezes, para delírio geral.

Neste instante, sem que notasse, meu *drink* foi substituído por outro, pelas mãos ágeis do Roy. O frescor do coquetel abrandou provisoriamente as ondas de calor advindas da euforia e da excitação reinantes.

Aí então eu já estava alto, por demais eufórico, quando repentinamente alguém se aproximou e colou em mim. Virei-me de um salto e dei com a figura de Hector, o *stripper* da *Lounge*. Ele me bateu de leve no ombro, num gesto amistoso. Quase não o conheci, mas Hector prontamente me reconheceu. Fiquei contente em revê-lo. Fazia tempo. O sujeito estava mais magro e usava uma barbicha esquisita no queixo. Saudei-o com entusiasmo, enquanto ele se recostava no balcão ao meu lado.

Assim como o Roy, Hector desandou a falar nos meus ouvidos (parecia que naquela noite todos *precisavam* falar), mas não me importei – eu estava mesmo chapado e suportava qualquer coisa. E ele disse, a certa altura, que não se apresentava mais no *club*; saíra de lá. Resolvera dar um tempo na carreira; tinha outros planos em mente. Andava metido com uma coroa do Pacaembu – uma *socialite* endinheirada, consultora de moda, dona de grife e tudo mais. Ela lhe dava boa vida e dinheiro não era problema. As exigências e obrigações não assustavam, nada de extraordinário: preliminares na cama, um toque de sedução, certa dose de refinamento e sexo convencional três vezes na semana. A mulher tinha um medo terrível da solidão. Ele a acompanhava a lugares finos, festas, jantares, e também a eventos de moda. Chegara a desfilas para a sua grife nas passarelas.

Nada mau – pensei.

Hector era certamente um cara vivo, sem dúvida um amante experiente. Sabia tratar e manter uma mulher, na cama e fora dela. Imaginei-o na passarela, rodopiando os calcanhares,

exibindo o rosto maquiado e obsceno de *bad boy*, posando para os *flashes* das objetivas.

Meses atrás, eu o encontrara na *Lounge*, tomando tequila e dando uns tiros no reservado da boate, momentos antes do espetáculo (a cocaína era sempre da boa). Depois era a sua vez e ele subia ao palco para o número solo. Fazia bonito; saía-se bem.

Parecia que estava se saindo melhor agora. Afinal, não é todo dia que a sorte bate à porta, pronta para ser agarrada com unhas e dentes. Com razão, e por mérito próprio, ele se exibia no papel de amante da mulher de sociedade, rica e refinada balzaquiana. Não era para qualquer um.

Disse-lhe aos gritos que estava à procura de trabalho e que a *Lounge* me parecia uma opção razoável. Ele concordou. Prontificou-se em ligar para Genaro, o gerente da casa, ainda naquela semana. Paguei-lhe uma tequila e emborquei também uma dose.

Dessa vez eu passara dos limites. Quando dei por mim, no momento em que fiz menção de me levantar para ir ao banheiro, me vi completamente embriagado, bêbado. Por pouco não me esborachei no chão. Meu cérebro estava encharcado de álcool feito uma esponja. Mal conseguia ficar de pé; o teto girava, as luzes me ofuscavam terrivelmente, meus ouvidos zumbiam. Com algum esforço olhei-me no espelho do bar e verifiquei que meus olhos estavam injetados; minha aparência, irreconhecível, lastimável.

Paguei a conta, fui ao reservado e logo em seguida me dirigi cambaleante, trocando as pernas, para a saída.

A *Les Girls* ficou para trás – era o fim.

Tomei um táxi e acabei a noite num hotel *de quinta* do centro da cidade.

### 33

*A Lounge, a Delta e as casas de bingo: a nova mania paulistana*

Minha ida para a *Lounge* coincidiu com o reencontro com Sara.

Sara foi a garota que assumidamente me desdenhou e me recusou um dia. Apesar disso ou, mais apropriadamente, *em razão disso*, não a esqueci. A rejeição é um sintoma, uma disposição

contrária; em alguns casos, uma doença. Sentir-se rejeitado é o mesmo que se ver sem chão, é pisar no pior dos mundos.

Entretanto, no caso Sara, a recusa feminina podia significar várias coisas ao mesmo tempo. À época, eu queria crer que Sara de fato não me rejeitava pura e simplesmente, que havia um quê de charme ou provocação da sua parte. E era exatamente por isso que ela se esquivava, habilmente me evitava, mantendo-se distante, impassível, não permitindo que eu avançasse no jogo da sedução (o que acabava me instigando de maneira toda peculiar).

Eu não necessitava de muito esforço com as mulheres, no ato da paquera, da conquista, no entanto com Sara não funcionou como o desejado.

Assim, me dirigia à Vila Madalena, ao *Charlie's*, sempre que podia, para ver aquela deliciosa garçonete, na esperança de tê-la nos braços, quem sabe por uma noite apenas – o que de fato não aconteceu, sequer por uma hora.

—

Genaro, o gerente da *Lounge*, me conhecia vagamente da *B.B. Boys* e não me pediu explicações sobre minha saída do *nightclub*. Ele era um homem da noite, prático e direto, e simplesmente tive que improvisar um número de *strip* na hora, sob o olhar arguto do coroa de meia-idade, diante de uma plateia de jovens *go go boys*. Não me saí de todo mal. Estava um pouco enferrujado, na verdade, sem o traquejo e a desinibição de antes, mas consegui convencê-lo de que eu era um profissional e que daria conta do recado.

Assim, aos poucos, fui voltando à ativa.

Aluguei um apartamento de dois quartos na região da Santa Cecília, pagando três meses adiantado, e retirei meus pertences do depósito do Copan, saldando a dívida com o síndico do prédio. Ele me devolveu a chave do carro e, após uma revisão mecânica, me vi novamente motorizado. A coisa começava a melhorar.

Após esses e outros gastos, fiz as contas e calculei que não dava para viver somente com a mesada deixada pelo velho mais as apresentações de fim de semana na *Lounge*. Teria que

voltar a fazer programas ou trabalhar em mais uma boate GLS, coisa que estava fora de questão.

Tomada a decisão, com a agenda do lado, liguei para meia dúzia de prováveis contatos, mulheres que confiaram o telefone e a privacidade a mim e com quem eu poderia reatar relações íntimas. Obviamente, pensei em Lola, mas ainda não me sentia seguro nem tinha ânimo nem coragem de encarar diretamente o passado. Alan, o vizinho do Copan, era outra aposta, porém o sujeito se mudara do edifício meses atrás. Nada feito.

Assim, nas primeiras ligações, apesar de todo cuidado e esforço persuasivo, não obtive sucesso. Retrocedendo um pouco mais, foquei nos primeiros meses e a memória me forneceu os nomes e rostos. Na verdade, eu precisava de uma indicação em outra agência de acompanhantes. Ainda não tinha cacife para me aventurar em carreira solo.

Por outro lado, de nada adiantava arriscar contato ou abordagem direta com clientes em potencial. Seria recusado. Mulheres ricas não são meras aventureiras, desmioladas, que agem por impulso ou pelo puro desejo sexual. Mulheres ricas são diferentes. São meticulosas e seletivas, buscam sigilo e segurança, por isso recorrem a agências especializadas ou então acabam arranjando amante próprio, como no caso do Hector.

Continuei a folhear a agenda dos primeiros tempos e deparei com o telefone do Leon, da *Delta*.

A *Delta Service* era uma sofisticada agência de acompanhantes para executivos e mulheres ricas, com alto padrão de atendimento, requinte e coisa e tal. Nos seus quadros havia lindas garotas, modelos de capa de revista masculina, belos garotões sarados.

Leon era um deles. Eu o conhecera através de Doug, na *RedHouse*, acompanhado de Brigitte, uma gostosa e escultural modelo, que também trabalhava na *Delta*.

Portanto, Doug me apresentou aos dois e acabamos, os quatro, fazendo um *programa legal*, um bem bolado, naquela noite. E que programa!

Devo dizer, ao recordar aquela suruba, que a estonteante Brigitte, verdadeira ninfa esfomeada, nos demoliu, um a um, com o

furor de loba no cio, sem nos dar um minuto sequer de descanso. Incrível. Nunca havia visto tamanha tara. Ela nos *derrubou* sem muito esforço e ainda queria mais. Depois, como *cavalheiros* que éramos, e em retribuição a todo o seu empenho, foi a nossa vez de a fodermos ao mesmo tempo: três machos sedentos de sexo e luxúria possuindo de todas as maneiras aquela fêmea indomável, até alta madrugada, até nossas forças se esgotarem de vez. Memorável suruba – a *great bang gang*, como dizem os vizinhos do norte.

*Comentário. De fato, a mulher era um fenômeno, uma alucinada máquina de prazer e sexo, sem tirar nem pôr. É isso.*

Disquei para a *Delta*, após lembrar a cena luxuriante.

Completada a ligação, a recepcionista pediu um minuto. Eu estava com sorte, Leon ainda andava por lá. Porém, para minha surpresa, pouco depois outra voz feminina pediu que me identificasse. Fiquei mudo, o reconhecimento não foi instantâneo. Por um segundo a dúvida permeou minha alma. A voz insistiu, um tanto autoritária. Identifiquei-me, sem a convicção de que deveria ir adiante. Pensei em desligar; foi em vão. Disse simplesmente que me apresentaria em uma hora. E foi o que aconteceu em seguida.

O endereço me foi dado pela recepcionista, e quarenta minutos depois eu estava, nada mais nada menos, diante de Lola, atônito e sem voz. Novamente Lola – não podia ser, mas era. Desta vez ela não me sorriu como antes, não havia motivo para tal, porém o aperto de mão foi firme e generoso.

Passado o momento de espanto, veio a revelação.

Lola satisfez minha curiosidade dizendo que se desligara da agência, e também de Karl, isso durante os meses em que eu estivera ausente, e entrara de sócia na *Delta*. Acumulara bom dinheiro nos últimos oito anos. Agora chegara a sua vez. Era dona do próprio negócio, de fato e de direito.

Dei-lhe os parabéns, com sinceridade. Lola representava muito para mim. Ela era, e continuava sendo, minha mentora, independente do acontecido.

Logo, antes que eu me desculpasse por qualquer coisa, a mulher perguntou-me, olhando-me fixamente, sobre a minha real situação, o que pretendia de fato. Não menti, em momento algum.

Relatei brevemente os últimos meses, a estada em casa de Esmeralda, a penosa recuperação, o retorno recente, as expectativas *etcetera* e tal.

Ela entendeu de imediato do que se tratava, aonde eu queria chegar. Sabia que eu falava a verdade e que estava pronto outra vez. Perguntou-me, sem rodeios, se queria trabalhar na *Delta*, fazer parte da equipe. Fizera uma limpeza na casa e precisava de caras como eu, *ponta firme, que não deixam a peteca cair*. Respondi que sim, prontamente. Contudo, Lola me fez uma única exigência: total e incondicional fidelidade às regras do jogo. Não admitiria o menor deslize, de minha parte ou da parte de qualquer um. Não haveria privilégios de qualquer espécie e seria jogado na rua no primeiro vacilo.

Concordei, sem pestanejar.

Pouco depois, Lola fez pessoalmente as apresentações e me deixou a cargo de Chantel, seu braço direito, que me escalou naquela mesma tarde para um atendimento no Ibirapuera.

Também reencontrei Leon.

Nesse período, final dos anos noventa, houve a explosão do negócio dos bingos em São Paulo. Era uma febre, uma epidemia, que se alastrou rapidamente pelos quatro cantos da metrópole. Casas e casas de jogos, mais ou menos sofisticadas, com letreiros em néon, chamativos e exuberantes, eram abertas da noite para o dia, modificando a cara da cidade, até mesmo nos bairros da periferia.

Ir a bingos passou a ser uma coqueluche, uma mania paulistana.

Leon frequentava as casas de jogos, os tais bingos, desde o início: era viciado em jogo. Vivia a maior parte do tempo endividado, quebrado, pedindo grana a todo mundo. Praticamente todo o dinheiro ganho na *Delta* acabava, cedo ou tarde, nos caça-níqueis e nos bingos eletrônicos.

Lola tirava proveito da situação emprestando-lhe regularmente quantias razoáveis, cobrando em troca maior dedicação e empenho no negócio da parte dele. Ele, por sua vez, estava nas mãos dela, como também nas mãos dos agiotas, das financeiras e dos bancos, já há algum tempo. Não havia

escapatória. Dera cheques, assinara notas promissórias, *como garantia de dívida* – confundiu-me o infeliz.

Mas, nessa louca trajetória da sorte e do azar, nem tudo são espinhos.

Disse-me ele então que, certa vez, num dia inspiração e glória, ganhara o prêmio máximo acumulado há meses no bingo – um apartamento, novinho em folha, no bairro do Paraíso. Foi um sucesso. Nunca se dera tão bem na vida. A sorte estava lançada, grudara nele, tinha que aproveitar. E foi o que fez nas semanas seguintes.

Contudo, cerca de seis meses mais tarde, coisa do destino (ou ardis do jogo), viu-se novamente quebrado, endividado até o pescoço, inclusive recebendo ameaças dos agiotas. A alternativa foi vender, de uma hora para outra, o apartamento e também o carro, para saldar dívidas que ultrapassavam cem mil reais.

Novamente estava na merda – e não sabia como sair dela.

Como merda pouca é bobagem, Leon continuava, portanto, sua maratona pelos bingos, na esperança da sorte lhe sorrir de novo, ao menos para poder acertar sua vida, pagando as dívidas acumuladas, ficando em paz com os credores, que não eram poucos. E assim – pensava ele – se veria livre de tudo aquilo, indo morar em um interior calmo e sossegado, onde não existissem bingos; talvez até se casasse por lá, depois de algum tempo, com a filha do prefeito, ou do juiz, ou do promotor de justiça.

Curioso com as revelações extravagantes, com o tom desesperado de Leon, acompanhei o jogador a um bingo em Perdizes. Para mim era novidade, apesar de não me ver inclinado, num primeiro momento, à jogatina. Não na forma compulsiva como acontecia a Leon. Ele realmente se transfigurava frente às máquinas da sorte e do azar. Parecia possuído por uma força estranha, demoníaca talvez, que o compelia a ir adiante, incansavelmente, independente do resultado, do quanto ganhasse ou perdesse. O jogo era o que importava.

Também joguei umas partidas, mas a coisa não me entusiasmou muito.

Arrisquei primeiro no bingo cantado. A voz feminina, monótona e enfadonha, cantando os números, um a um, até

completar as intermináveis sequências dos cartões, me dava nos nervos.

Os caça-níqueis também não me inspiraram grande coisa. Me senti um imbecil introduzindo moedas e mais moedas na insaciável máquina, ao lado de dezenas de outros jogadores enfileirados no imenso salão, apertando sempre os mesmos botões coloridos, os olhos vidrados nas sequências das figuras que apareciam no vídeo, ouvindo repetidamente os sons irritantes emitidos pelo cérebro eletrônico no interior daquele estúpido mecanismo. E tudo isso na expectativa de recuperar o prejuízo das várias horas gastas no que os especialistas no assunto chamam de *entretenimento*.

Foi aí que o inesperado aconteceu.

Quando me preparava para sair, indo ao caixa para pagar a conta, deparei com um rosto do passado. Três anos depois, ou quase isso, lá estava ela, Sara, a garota do *Charlie's*, onde eu menos esperava avistá-la. O corte de cabelo não era o mesmo; a cor também não. Estava mudada; acho que para melhor, assim me pareceu.

Ela não me reconheceu – ou fez de conta. Ficou desconcertada com a insistência do olhar que a media silenciosamente. Permaneci um tempo diante da cabine de vidro, com o cartão de crédito na mão. Por fim, outro sujeito apareceu para a mesma finalidade e tive que me decidir. Ela realizou a operação de cabeça baixa, entregando-me em seguida o comprovante para assinatura. Embolsei a segunda via e disse-lhe um singelo muito obrigado. Ela retribuiu, agora mais à vontade, exibindo um meio-sorriso de cortesia.

Deixei o bingo um tanto alvoroçado, sem me dar conta de que me esquecera do Leon. Era o pretexto de que precisava. Fiz menção de voltar, mas desisti (não era necessário pressa). Sabia agora onde encontrar Sara.

Retornei para casa dirigindo tranquilamente o automóvel pelas ruas do centro. O número era o 652, apartamento 501, da Rua Dona Veridiana, no bairro Santa Cecília – meu novo domicílio.



Na nova fase que se iniciara após meu retorno definitivo, contava então com vinte e quatro anos, me dediquei de corpo e alma ao que me propusera fazer, realizando nos fins de semana o número erótico na *Lounge*, que me rendia uns trocados, atendendo regularmente clientes vip (só mulheres) na *Delta*, meu ganha-pão principal. Nos momentos de lazer, quando as idas coincidiam, acompanhava Leon ao Bingo de Perdizes para ver Sara.

Leon, como todo bom jogador compulsivo, era supersticioso e jamais frequentava o mesmo bingo duas semanas seguidas. Na sua ausência, me dirigia sozinho à casa de jogos.

De certa forma, com o passar das semanas, eu acabara me acostumando ao ambiente e às extravagantes personagens que, vez ou outra, cruzavam meu caminho ou que tivera ocasião de observar *in loco*.

Achava intrigante a alteração do comportamento das pessoas nas situações de tensão e estresse provocadas pelo clima da jogatina compulsiva. Presenciei ações e reações das mais diversas, inesperadas, momentos trágicos, grotescos, alguns de extrema exaltação e desespero, bem como situações que beiravam a ironia, inclusive circunstâncias curiosamente risíveis.

Lembro-me de um indivíduo magricela que por várias vezes arremessou violentamente a cabeça na hedionda máquina de caça-níqueis, na mais radical demonstração de desespero presenciada na casa. Inconsciente e ensanguentado, o sujeito foi socorrido e levado ao PS do HC em estado grave, certamente com lesões e fraturas no rosto. Sinistro.

Por sua vez, uma senhora de idade, gorda e muito pintada, beirando os setenta anos, após perder todas as economias, não se conteve e num acesso de fúria e de autoflagelação rasgou, aos berros e a socos, a parte de cima do vestido vermelho, deixando à mostra os enormes seios, flácidos e caídos. Felizmente os seguranças chegaram a tempo e impediram que a velhusca consumasse o insólito ato de se autoflagelar nua frente à plateia horrorizada. Grotesco.

Outro cidadão, premiado com polpuda soma, não resistiu à tentação de mergulhar na fonte ornamental do salão, de roupa e tudo, após ganhar exatos cinqüenta e três mil reais. Cômico.

Ainda outro sortudo, tendo embolsado o prêmio acumulado, pediu em casamento, de joelhos e com os olhos úmidos de emoção, uma tal garçonete Gilda, sob os aplausos da multidão de curiosos que se acercou do recém-formado casal de pombinhos. Risível.

—

Certa vez, tomando um *drink* no bar, o que acontecia com frequência devido ao meu desinteresse no jogo, um indivíduo baixo, gordo, suarento e fanfarrão, fedendo a álcool por todos os poros, colocou nos meus calcanhares.

Eu estava *arrumado* àquela noite, pensei, tendo um chato grudado em mim. Era o que me faltava, depois de um dia cheio. Para piorar a situação, o cara tinha um mau hálito insuportável e falava cuspidando à medida que gesticulava.

Por duas vezes mudei de lugar. Não adiantou. De algum jeito o sujeito me descobria e lá vinha ele de novo, copo na mão, caminhando trôpego e ziguezagueante, o enorme chapéu de caubói americano metido na cabeça, uma figura realmente grotesca. Na tentativa de que me deixasse em paz, aceitei tomar, com alguma reserva, o uísque que ele insistia em me pagar.

O cara era do tipo que não conseguia beber sozinho e necessitava de companhia para os seus arroubos de oratória, seus devaneios etílicos e também para satisfazer sua irritante mania de grandeza.

Encurtando a história, o sujeito era intragável, metido a besta, um porre.

Entretanto, a coisa mudou de figura, despertando-me outro tipo de interesse, no exato momento em que uma loura tingida e boazuda apareceu de salto alto, batom vermelho, vestido longo, escandalosamente decotado, rebolando uma bunda de dar inveja. Ela parou bem à nossa frente e se virou devagar, sinuosa, para um lado e depois para o outro, ajeitando o vestido colante no corpo. Ela era – acreditem – a *garota* daquele tipo idiota.

E foi exatamente assim, sem tirar nem pôr, que conheci Mel – dona desse corpo escultural, deliciosa vigarista de vinte anos que aplicava golpes em homens ricos de meia-idade nos bingos. À

época, o gorducho de mau hálito, que também cheirava a dinheiro fácil, era o cara da vez, a próxima vítima, por assim dizer.

Mel, como a vi naquela noite, disfarçada de loura burra, voluptuosa e fútil, fazia com louvor o papel de mulher sedutora, frívola e leviana: dedinho na boca, beicinho de boneca, cara de santa-puta. De tempos em tempos, revirava os olhos de felina, languidamente, como só ela sabia fazer, para depois se aninhar manhosa, feito uma gata, no peito do seu protetor e amante.

Via-se claramente que o sujeito babava por ela, que faria tudo, qualquer coisa por Mel; em suma, que estava irremediavelmente apaixonado.

O tal Alonso, ou Al, como gostava de ser chamado, era fazendeiro e casado, um tipo caipira que usava uma indisfarçável e ridícula peruca, além de rico. Possuía, como ele próprio alardeava, milhares de cabeças de gado, fazendas e propriedades no interior do Estado. Na prática, era um endinheirado presunçoso que se achava muito esperto. Vangloriava-se o tempo todo da própria astúcia tal qual só um perfeito imbecil é capaz de fazê-lo.

Ao seu lado, Mel o mimava feito um bebê de colo, afagando-o de mansinho, adulando-o, para mais tarde se servir dele como bem quisesse.

O fanfarrão, por sua vez, gargalhava impulsivo e vaidoso, jogando de forma escandalosa sem se importar com as altas somas perdidas nuns poucos lances ou jogadas. Mandava distribuir *drinks* aos curiosos agrupados ao seu redor, dando polpudas gorjetas aos garçons e atendentes, enquanto se embriagava de uísque importado, à moda caubói, diante de todos, numa clara demonstração de exibicionismo, ostentação e suprema mediocridade.

Como era de esperar, em seguida àquela noite, me tornei amante de Mel. Foi inevitável, não podia ser diferente. Uma estranha força nos uniu num ímpeto, de uma só tacada. Tornamo-nos parceiros, cúmplices, amantes do prazer e do sexo, após uns *drinks* no meu apartamento numa segunda-feira morta de feriado nacional.

Trancados a sete chaves, sem atender ou receber ninguém, passamos o dia inteiro na cama, transando feito loucos,

transpirando sexo por todos os poros, até enjoar de tanto foder. Mel era insaciável, tinha a química perfeita, uma autêntica demolidora.

Mais tarde, ela se deliciou ao saber o que eu fazia (acabei, num momento de fraqueza – ou de *franqueza* – revelando-lhe meu segredo profissional). Excitada, ela perguntava-me a todo instante sobre o meu trabalho, como era ser um garoto de programa, com quantas mulheres eu havia estado, as trepadas mais extraordinárias que eu dera, e assim por diante.

Findo o dia, acabamos selando um pacto, que de certa forma dura até hoje. Mel continua uma mulher estupenda, inesquecível, fenomenal, apesar de não nos vermos com a frequência de antes. A princípio, a aparência de loura burra e gostosa se destacava, emergente, voluptuosa, mas era um disfarce, uma das suas múltiplas facetas, como comprovei eu mesmo durante nosso breve convívio.

Hoje os tempos são outros, e seu paradeiro é incerto no momento desta escritura. Soube vagamente que fora para a Suíça, e também para a Alemanha, meses após deixar meu apartamento, em circunstâncias que esclarecerei a seguir, e que depois foi vista na Itália, Milão, se não me engano, em companhia de um técnico brasileiro de futebol no estrangeiro.

Mas essa é outra história, que também não vem ao caso agora.

—

Ah, ia me esquecendo de relatar outro fato importante.

Poucos dias após o primeiro contato com Mel, provavelmente devido a um descuido meu, acabei novamente perdendo Sara na noite paulistana.

Não nego que estava decidido, que tencionava abordá-la tão logo a reencontrasse, mas não mais feito um conquistador ou sedutor barato. Pensava em algo diferente, menos óbvio, sem os manjados lugares comuns da sedução de momento, sempre oportunista e predadora.

Assim, munido das melhores intenções, com uma estratégia na cabeça que eu acreditava infalível, me dirigi, numa agradável e morna noite de primavera, ao caixa do bingo, na certeza de que dessa vez não seria recusado.

Entretanto, a garota morena, toda sorridente e solícita diante de mim, em nada se parecia com a brancura ruiva e a expressão impassível de Sara. Paguei a conta e saí em silêncio. Não adiantava perguntar àquela sobre o paradeiro da outra (soube em seguida que Sara pedira as contas, de uma hora para outra, e não viria mais ao bingo).

Deixei estar outra vez, com uma ponta de decepção e amuo. Sara me escapara de novo, como sempre – *that's all*.

### 35

#### *O Bingo Itaim e outras histórias...*

Bem, como a vida segue seu curso inexorável, independente do nosso desejo e vontade, no fim de semana seguinte Mel me prestigiou indo à *Lounge* para ver meu número de *strip-tease*. Ela achou o *máximo, bárbaro, incrível* (palavras suas). Porém, na prática eu já estava de saco cheio de fazer aquilo, do assédio do público *gay*, das propostas e convites para orgias, *ménages*, perversões, fetiches, que na maioria das vezes nada tinham a ver comigo. Eu fazia aquilo por dinheiro, como o fiz no clube de mulheres da Aclimação, nas boates de *strip-shows* e *nightclubs* dos Jardins. No entanto, já não era mais a minha praia aquele negócio. Tinha outros planos para o futuro.

Mel, por seu lado, deliciou-se com minha *performance* no *club* e procurou me incentivar com o trabalho. Porém eu estava decidido. Como disse, tinha algo em mente. Pretendia renovar e personalizar o *negócio* a partir de outro enfoque, que estimulasse os sentidos e também a conta bancária. Para tanto, pensava em me utilizar dos indiscutíveis *talentos* de Mel na empreitada.

Realmente, naquela ocasião, eu tinha planos para ela, queria explorar suas potencialidades num negócio novo, mais ousado, afinal de contas éramos parceiros e cúmplices, além de amantes.

Uma noite, no Bingo Itaim, enquanto Alonso jogava suas intermináveis partidas rodeado de curiosos embasbacados, arrastei Mel para o reservado VIP e falei-lhe abertamente do meu projeto, sobretudo dos nossos interesses em comum, do que estaria em jogo se acaso estivéssemos de acordo, da possibilidade de faturarmos um bom *dindin* em pouco tempo.

Após me ouvir em silêncio, ela concordou, confiante por eu ser mais velho e experiente. Fez, contudo, uma única exigência: queria primeiro dar fim à história com o tal Alonso. Ele estava no ponto – dizia então –, e ela só precisava da ocasião apropriada para o golpe final. Contou-me em linhas gerais o que pretendia, qual seria a jogada para depenar aquele pato gordo. Após ouvir atentamente, dei o OK, sugerindo um plano de ação para o último ato.

De minha parte, no dia seguinte fui ao gabinete de Lola e pedi algo diferenciado na agência. Queria, de agora em diante, atender a casais, de preferência acima dos quarenta anos, dispostos a pagar o preço justo pelo atendimento diferenciado. Não importava se depravados, libertinos, degenerados, sodomitas, fetichistas. Para mim, a essa altura, dava no mesmo. Lola me ouviu, considerou os prós e contras, e no final deu-se por satisfeita, designando Chantel para o meu caso.

Lola era uma mulher sagaz, intuitiva e sabia que podia contar com minha dedicação e empenho no negócio. Obviamente eu nada disse a respeito da existência de Mel, naquele momento nem posteriormente. A experiência anterior com Pietra, que redundou na aparição súbita de Lola no apartamento do Copan, para a averiguação dos fatos, após meu sumiço temporário da agência, demonstrou claramente que não seria boa política revelar esse particular da minha vida privada. Portanto, a solução de me reportar a Chantel me pareceu satisfatória.

Chantel, braço direito da chefe, era de Campinas, mas vivia há muito em Sampa. Possuía larga experiência como gerente em *clubs mix*, casas noturnas e boates *go go girls* – era cria do ramo. Pelos meus cálculos, teria cerca de trinta e cinco anos: morena clara, magra, cabelos curtos e castanhos, olhos levemente esverdeados. Era lésbica, porém de modo algum masculinizada. Dizia não sentir qualquer desejo pelo sexo oposto. E realmente era o que transparecia no seu olhar quando o dirigia para qualquer homem. Não havia desejo nele.

Assim, Chantel não perdeu tempo e logo veio o primeiro atendimento.

Para minha sorte, a procura por parceiros para *swing* e *ménage* estava em alta naqueles anos noventa. À época, São Paulo contava com casas especializadas em troca de casais (aonde não iam apenas casais), que se espalhavam pela cidade, particularmente Moema e Vila Mariana. Em geral, os frequentadores e interessados vinham da classe média mais esclarecida, pouco convencional, gente normal, ou quase, regularmente casada, porém enfasiada com o relacionamento de anos a fio. Eram em sua maioria casais burgueses de meia-idade, liberais, descolados e moderninhos, ávidos para experimentar o exibicionismo, o voyeurismo e a sacanagem geral.

*Comentário. No tempo em que Doug e eu perambulávamos pela noite libertina de São Paulo, acabáramos algumas vezes indo ter em Moema, num sobrado enorme e sofisticado, na Spy, conhecida casa de swing da região. O ambiente luxuoso, com capacidade para mais de trezentas pessoas, servia a festas temáticas (e orgiásticas) que aconteciam no final de cada mês. Numa dessas, Doug travou contato com um casal de argentinos ricos, e não deu outra. Logo de saída, o casal ficou impressionado com o talento e a versatilidade do meu amigo, que, por seu turno, não perdeu tempo em exhibir seus dotes de atleta sexual. Assim, como era natural, eles o elegeram, nos meses seguintes, à categoria de amante VIP. Elementar. Esse bem bolado durou alguns meses e Doug conseguiu boa grana na época. Ele realmente foi pago por cada um dos programas e pelas viagens ao Guarujá nos finais de semana; por sinal, muito bem pago quando isso acontecia.*

—

Pois bem. O atendimento seria a um casal de Brasília que viera à cidade para um congresso. Haviam se hospedado no Hotel C. Park, em Guarulhos, e para lá me dirigi, penteado e engomado, metido num impecável terno de linho fino especialmente reservado para essas ocasiões. Encontrei-os, conforme instruções de Chantel, no restaurante do hotel por volta das nove da noite.

Assim, feitas as apresentações, quebrado o gelo, o estranhamento inicial, a conversa transcorreu sem grandes embaraços, diria até amena e cordial; afinal aquela dupla sabia no

que estava se metendo. Não eram marinheiros de primeira viagem; muito pelo contrário.

O casal era simpático, conservado, apesar de beirar os cinqüenta anos. Curiosamente, ambos tinham um senso de humor agudo e refinado.

Georgina, madura e espirituosa, sorria o tempo todo, para tudo e para todos. Um par de seios voluptuosos, enormes e densos, projetava-se do decote ousado da mulher, inflando-o toda vez que esta se exaltava um pouco mais.

No momento em que se levantou para ir ao toailete, pude observar o tamanho e as dimensões da coroa: alta, robusta, pernas e coxas grossas, ombros e costas largas, succulenta, exagerada nas formas. Não que me impressionasse ou me intimidasse com isso. O fato de ela possuir dimensões ou formas que ultrapassavam o natural não mudava em nada a situação.

Uma mulher grande é, antes de qualquer coisa, uma mulher como as outras. O resto é mito, lenda, superstição. A mulata não é mais quente e ferosa que a morena ou a loura. Uma bunda avantajada, bem feita e arrebitada, talvez produza mais volúpia e desejo naquele que a vê. Mas é só; não vai além disso.

Muitas mulheres acreditam que o homem de membro grande e grosso é mais potente e viril que os outros, que proporcionará a elas, na cama, prazer e gozo redobrados. Certamente algo grande, fora das medidas usuais, causa estranheza, fascínio, admiração – é mais excitante de ver, admirar, pegar, manipular –, como também, por outro lado, pode ser um empecilho, um entrave ou mesmo uma desvantagem para quem o possui.

No caso das mulheres, em se tratando da autoimagem feminina, vale observar que invariavelmente elas fazem de tudo para esconder aquilo que consideram, em si mesmas, um defeito, uma imperfeição, ao mesmo tempo em que procuram tirar proveito do que acreditam ser belo e desejável. Mas nem sempre o resultado sai como o previsto e desejado.

Por certo uma bunda grande pode atrair toda sorte de homens, inclusive os indesejáveis (a maioria das mulheres sabe disso). Seios fartos sugerem uma mulher poderosa, dominadora, e



produzem uma estranha sensação de desejo, de cobiça no inconsciente masculino (as que possuem seios pequenos se sentem com razão *despeitadas* e preteridas neste quesito). Lábios grossos, quando muito pintados e realçados, podem denotar lascívia, luxúria, devassidão (para uma puta ou garota de programa, esses atributos sem dúvida alguma representam uma vantagem).

Contudo, não é o caso aqui. Georgina é mulher respeitável, esposa de Santiago, médico e homem liberal, em todos os sentidos. A fantasia era ver, presenciar sua adorável mulher ser possuída por estranhos. Nada de bizarro; fato comum entre homens casados.

Bebericamos, eu e ele, em silêncio, uma dose de uísque e esperamos. A mulher retornou, mais maquilada que antes, exalando um perfume adocicado, não de todo ruim.

Meia hora mais tarde, passadas as preliminares no restaurante, nos dirigimos à suíte do hotel. O champanhe gelado foi servido sem demora. Brindamos em grande estilo, várias vezes, em taças longas de cristal. Nesse meio tempo, Georgina já estava alta e não continha os risos e gritinhos histéricos de excitação, após ingerir taças da bebida espumante. Santiago convidou-nos para a hidromassagem, mas se retirou logo em seguida.

Por minha vez, fiquei ao lado de Georgina, ajudando-a a se despir. Peça por peça, fui desnudando o corpo exuberante da cinquentona. Para minha surpresa, a mulher possuía as carnes relativamente rígidas para a idade. Uma ou outra cicatriz indicava a intervenção de um bisturi em áreas localizadas. De resto, as estrias e a celulite passaram quase despercebidas.

Assim, envolvi como pude aquele corpo volumoso nos braços, esfregando meu sexo rígido no dela. Acariciei por bom tempo sua gruta do prazer, introduzindo devagar os dedos, um após o outro, ao mesmo tempo em que apalpava e mamava os seios da matrona, provocando-lhe arrepios. Ela gemia e se remexia desvairada, forçando a penetração profunda dos meus dedos na vulva polpuda e depilada.

A essa altura, o líquido vaginal escorria abundante pelas coxas da mulher, misturando-se à espuma perfumada da banheira. Posicionei-a então de quatro, a atenção voltada para aquela enorme

bunda à minha frente. Depois, segurando firme seus quadris largos, penetrei-a de uma só estocada. Ela deu um urro e tentou recuar. Retive-a com força, sob meu domínio, imobilizando-a, e passei a me movimentar gostoso, num entra-e-sai alucinado. Ela gritava pedindo que metesse fundo, que a rasgasse com violência. Foi o que fiz, sem pensar duas vezes.

Neste instante, notei a presença de Santiago ao lado da banheira, sentado de pernas abertas, punhetando o membro enrijecido. Vendo isso, Georgina não se conteve e caiu de boca no cacete do marido, gemendo feito louca, ensandecida de tesão, enquanto eu acelerava os movimentos na vagina dilatada, succulenta da mulher, pressentindo que seu gozo não tardaria. E foi o que aconteceu. Georgina desabou trêmula na cama – exausta, sem fôlego, atordoada. Santiago também não resistiu muito tempo e se acabou aos berros nos seios da esposa; seguido por mim, logo mais.

Após um intervalo, recobradas as energias, partimos para o segundo *round*, agora no luxuoso quarto do hotel.

Modéstia à parte, realizei a fantasia do casal. Deixei-os literalmente gozados, extenuados, saciados. A mulher permaneceu estirada na cama, imóvel, pernas abertas, olhos arregalados. O marido, por sua vez, mal se aguentava de pé.

Não me surpreendi, portanto, no momento do acerto, do pagamento do programa, após o aperto de mão e as cortesias de praxe, com o convite para novo encontro, no mês seguinte, quando então retornariam a Sampa, dissera Santiago, para *outro congresso*.

## 36

### *O caso Mel*

Por questão de segurança, em razão de um acontecimento inesperado, fui obrigado a esconder Mel por uns tempos no meu apartamento, que à época era o da Rua Dona Veridiana.

Bem, o tal Alonso, aparentemente medíocre fanfarrão metido à besta, teve um ataque de ciúmes sem precedentes, ao flagrar Mel nos braços de um doleiro, também jogador compulsivo, frequentador assíduo dos bingos, como ele próprio o era. Na realidade, o cara já estava de olho no voluptuoso traseiro de Mel e,

desesperadamente seduzido pelos seus encantos, não resistiu à tentação de agarrá-la ali mesmo, no reservado VIP do bingo, aproveitando, claro, a ausência do outro, que se retirara para uma rodada no bar. Não deu outra.

Acredito, segundo o relato de Mel, que o casal de pombinhos tenha perdido a noção do tempo, pois foram surpreendidos *seminus* pelo amante embasbacado. Assim, Al, o *nosso* Alonso, enfurecido e desvairado, num ato de insanidade temporária, sacou a semiautomática e atirou várias vezes na direção do doleiro. Por sorte, o sujeito escapou pelo corredor mal iluminado, levando um tiro de raspão no ombro. Logo, mas não sem dificuldade, Alonso foi dominado e desarmado pelos seguranças da casa, em meio ao tumulto generalizado. A coisa virou caso de polícia e acabou na 35ª DP.

Mel me contou o episódio, rindo maliciosa, em parte satisfeita com o inesperado desfecho. A bem da verdade, dizia ela não suportar mais aquele sujeito gordo, asqueroso, cheirando a cavalo e uísque, fungando e babando no seu pescoço o tempo todo. Era o fim. Não havia volta – afirmou. Aquele fora o último ato.

Apesar dos pesares, valeram o esforço, as crises de repugnância e tudo mais. De fato, conseguira arrancar uma grana do otário, nos poucos meses em que estiveram juntos, além de ter renovado todo o seu guarda-roupa com acessórios e roupas de grife.

Com isso – o que fazer? Só uma coisa. Mel mudou-se temporariamente para o meu apartamento, até as coisas esfriarem; por sugestão minha, obviamente. Não havia escolha, naquelas circunstâncias. Busquei então parte do seu *guarda-roupa de grife*, objetos pessoais e outras tralhas suas no apartamento que ela dividia com a amiga na Frei Caneca.

Assim feito, alojei-a, num primeiro momento, no quarto de hóspedes, para a situação não ficar com cara de casamento. Ela entendeu e não reclamou, mesmo porque passamos a dormir juntos praticamente todas as noites, na cama de casal do *meu* quarto, nas semanas que se seguiram.

Bem, Al estava definitivamente descartado, mas ainda nos deu certo trabalho. Contrariando todas as previsões, o cara de fato

mostrou-se persistente, obstinado; diria até instável, perigoso.

Ele deliberadamente amaldiçoou – e ameaçou – Mel pela traição sofrida, jurando vingança diante de todos na delegacia.

Assim, por precaução, Mel deixou de frequentar os bingos luxuosos, de se aventurar na noite, até segunda ordem.

Uma tarde, contudo, após dirigir-se ao supermercado, Mel retornou alvoroçada, quase em pânico, afirmando que estava sendo seguida. Procurei acalmá-la e desci para averiguar.

Ah, ia me esquecendo. Semanas antes, havíamos colocado Rose, a amiga de Mel, a par da situação. No caso de alguém xeretar o apartamento, ela diria que Mel retornara para a casa dos pais no interior, sem deixar telefone ou endereço. Era isso.

Portanto, na noite daquele mesmo dia, ligamos para Rose, que confirmou nossas suspeitas: um mesmo sujeito estivera lá, várias vezes nas últimas semanas, à procura de Mel. Pela descrição, deduzimos ser outra pessoa, que não Al, de algum detetive ou do seu motorista particular.

Dois dias depois, Rose retornou a ligação e disse que o tal sujeito gordo (era o Alonso) estivera pessoalmente no apartamento, insistindo em saber o paradeiro da amiga. Como última tentativa para arrancar a informação, oferecera-lhe dinheiro vivo, um maço de notas, que ela prontamente recusara.

Com isso, foram em vão meus esforços para tranquilizar Mel. Percebi que ela não confiava, nem um pouco, em Rose – e tinha lá seus motivos. Sabia que esta acabaria dando com a língua nos dentes, a qualquer hora – pelo dinheiro, sobretudo (Rose cursava faculdade, era *freelancer* de jornal e, de quebra, fazia uns bicos como garota de programa).

Por azar, outro fato sinistro aconteceu, contribuindo para agravar o já debilitado estado de nervos de Mel daqueles tempos.

Uma noite, voltando de carro para casa, fomos abordados num semáforo – era um assalto. O motoqueiro emparelhou conosco juntamente com um carro todo negro, desses de bandido mesmo. Vislumbrei o cintilar do cano do revólver vindo em minha direção e não tive dúvida. Meu carro estava ainda em movimento e, fingindo obedecer à ordem de parar, joguei violentamente o automóvel, primeiro em direção à moto, depois, cantando os pneus, me virei

para o outro veículo, numa manobra arriscada, porém eficiente. Atravessei acelerado o sinal vermelho e logo mais pude ouvir dois disparos surdos que se seguiram. Pisei fundo e segui em disparada. A providência nos conduziu a um posto policial quadras adiante, na Henrique Schaumann, Pinheiros.

Penso que esse lamentável episódio foi a gota d'água.

Mel, a partir daí, entrou em paranoia e acreditava não estar mais segura no meu apartamento, nem naquela cidade, nem em lugar algum. Um temor, um medo súbito e irracional tomou conta daquela linda cabecinha, transtornando-a.

As crises se sucederam rapidamente, num piscar de olhos, assombrosas. Em pouco tempo ela estava fora de controle, ensimesmada, sofrendo de uma ansiedade sem limites.

Fechada em casa a sete chaves, ligada na TV 24 horas por dia, muitas vezes recusando-se a deixar a cama, Mel não comia direito nem se lavava ou se penteava regularmente.

Por vezes, uma euforia súbita a tomava de estalo, sem qualquer estímulo externo aparente. Num frenesi sem igual, ela se aprontava, se maquiava exuberante, diante do meu olhar embasbacado. Em seguida, não se contendo mais, Mel saía desvairada pela Pauliceia, noite adentro, percorrendo bares, boates e inferninhos da cidade, até altas horas da madrugada, com ou sem a minha companhia.

Passada a fase de excitação, logo a apatia voltava – assustadora –, e novamente Mel deixava-se ficar confinada no apartamento, feito um zumbi, por dias. Era um desastre, uma lástima.

Fiquei alarmado com toda aquela maluquice. Para piorar, ela recusava terminantemente qualquer ajuda ou intervenção da minha parte. Tentei de todas as maneiras convencê-la a procurar um médico (um psiquiatra, claro), até a ameacei com camisa de força, mas em vão.

—

Uma noite, como de costume, retornei tarde para casa. O silêncio, as luzes apagadas não me pareceram boa coisa. Fiquei apreensivo. Bastou, contudo, uma olhada básica no apartamento para ficar claro o que se passara. Nada de tragédia; ao contrário.

Computado *de cabeça* o prejuízo, dera nisso: eletroportáteis, pequenos objetos de valor e o dinheiro reservado para o aluguel do mês haviam sumido – além de Mel, obviamente. Depois, no móvel da sala, lá estava o bilhete dobrado (tivera consideração por mim, no último instante, antes da partida). Ao menos não se matara a infeliz, refleti enquanto lia o papel. Por um momento cheguei a pensar que o faria. Dei de ombros, conformado. Guardei o envelope na gaveta e fui tomar um merecido banho.

### 37

#### *Notícias da Flórida...*

Mel não só não se matou como acabou, de alguma forma, certando em cheio o alvo.

Meses após o ocorrido, soube por acaso, numa badalada festa na *Les Girls*, que ela viajara para a Suíça, Alemanha e também Itália, Milão. Nesta última, ao lado de um técnico brasileiro de futebol, em circunstâncias no mínimo *misteriosas* – dissera o desconhecido, comentando o caso.

De minha parte, recebi um único cartão-postal seu – mas da Flórida. Tornara-se, em seguida ao seu sumiço, amante daquele doleiro do bingo, um tipo ricaço e esbanjador, e embarcara com o sujeito para Orlando sem pensar duas vezes. Afinal, afirmava ela, estivera à beira de um colapso nervoso e precisava se recuperar.

Particularmente, não duvido disso. Mais um pouco e acredito que Mel enlouqueceria de vez. A fuga, a rapinagem no meu apartamento não me parecera armação, algo premeditado de sua parte. Não acredito nisso. Pelo contrário, era uma saída, talvez sua única. E ela acabou fazendo um favor a nós dois. Não importa.

—

Por falar em Flórida, na mesma época Sid finalmente entrou em contato. Passados dois anos da sua ida para os Estados Unidos, quando então largara tudo para tentar a sorte na América, ele agora dava as caras.

O telefonema foi breve e Sid me falou no MIAMI CUM GIRLS, lançado no circuito pornográfico. Ele aparecia em duas cenas do longa-metragem.

Imediatamente procurei pelo título nos cines pornôs do centro e encontrei-o em exibição no Cine República. Entrei com o

filme em andamento.

Logo de saída, a cena na tela mostrava um sofisticado salão de bilhar, onde Sid contracenava com três estonteantes atrizes juntamente com outro ator negro, sarado e bem-dotado. Não havia propriamente enredo e já rolava de tudo na tela grande. Felação, lesbianismo, penetração, DP, gozo facial. O desempenho de Sid não deixou a desejar. Ele estava em boa forma, mais musculoso, tatuado nas costas e braços, brinco na orelha, cabelo rebaixado, fazendo um tipo viril e seco, como era de se esperar.

A segunda aparição acontecia depois, na cena final, à beira da piscina, num estrondoso bacanal em que atores e atrizes se entregavam à total devassidão dos sentidos, por intermináveis minutos, numa maratona de sexo grupal ao ar livre. Verdadeiro valeduto da depravação sexual, sem regras ou limites. Era isso.

Deixei o cinema logo mais, após a reexibição da fita. Realmente Sid chegara lá, ao topo. Ele era agora um *porno-star* internacional – pensei, enquanto caminhava sem destino pela Avenida Ipiranga, na tarde cinzenta de outono.

Perambulei por algum tempo, para um lado, depois para o outro, pensativo. Por fim, entrei no Edifício Itália. Fui subindo, subindo, até alcançar o último andar. De lá, do alto, da sacada do Terraço Itália, permaneci em silêncio, apenas observando a cidade, procurando inutilmente entendê-la – e também a mim mesmo.

## 38

### *Tony Carioca, o retorno três anos depois*

Pois bem. Mel estava fora da jogada. Partira, como também Sid o fizera antes, e agora navegava noutros mares, aportando em novas e inexploradas praias. De qualquer forma, lamentei profundamente o fato.

Durante nossa curta relação, não aproveitara seus *talentos* uma única vez sequer no negócio com casais. Que desperdício! Tive assim que rever – e refazer – meus planos novamente. Mas não foi fácil.

Como primeira providência, deixei de fazer as apresentações, o número de *strip-tease* na *Lounge*. Não estava mais a fim de me exhibir como *go go boy*, duas vezes na semana, diante de uma plateia de depravados e fetichistas. Pretendia encerrar de vez a carreira de *stripper* – essa era a verdade. Genaro, o gerente da casa, tentou me dissuadir do propósito, mas mantive posição. Não cedi aos apelos para permanecer, ainda que por algumas semanas. Eu estava saturado de tudo aquilo.

E houve ainda outro fato inesperado, que *deveras* não estava no *script*, e que certamente me deixou ferrado, emputecido, pra lá de irritado.

Numa das idas à *Lounge*, antes de deixar o negócio, acabei, nada mais nada menos, esbarrando na figura de Tony na boate.

Aproximei-me com cautela do *scotch bar* para me certificar. Não havia dúvida, era Tony Carioca, o sujeito no balcão.

Eu sabia, tempos atrás, que o filho da puta deixara a cidade e retornara ao Rio de Janeiro.

Três anos antes, entretanto, o bastardo me pegara de surpresa, à traição, numa emboscada na Praça da República. Fui encontrado inconsciente, ensanguentado, quebrado e fodido na madrugada fria, garoenta de São Paulo. A polícia apareceu e o resgate me levou ao hospital público mais próximo.

Demorou ainda algum tempo para que me recuperasse dos hematomas, das lesões, da perna quebrada, do nariz partido, das costelas fraturadas – e isso devido tão-somente ao desgraçado do Tony. Desejei mil vezes matá-lo das mais variadas e cruéis maneiras, toda vez que sua figura abjeta e nojenta me vinha à mente.

Agora, lá estava ele, no balcão, tomando o seu *drink*, o miserável. Meu primeiro impulso foi arrebentar sua cara obscena a socos e pontapés; vê-lo sangrar feito um cão sarnento. Porém me contive; esperei.

Então um cara apareceu e aproximou-se do Carioca. Depois, após se falarem, vi Tony sair apressado, acompanhado do sujeito. Segui-os, a certa distância, em direção ao estacionamento.



Entrei em seguida no carro, pronto para dar partida. Não demorou muito.

Logo eles se dirigiram para a Zona Leste, pela *Radial*, em alta velocidade. Colei nos caras, mantive acelerado para não os perder de vista. A certa altura, contudo, a noite escura e nevoenta deu vantagem aos dois. Não os avistei mais.

Rodei desse modo pelo Tatuapé, Móoca, Brás, de novo pela Radial Leste, até Itaquera. Nada. Eu os perdera.

Retornei ao *club* outras vezes. Fui inutilmente a casas noturnas nos Jardins, em Pinheiros, também em Moema, na Consolação, em dias e horários variados, na tentativa de encontrar Tony, de descobrir seu paradeiro, não importava onde. Mas em vão. Ele desaparecera de vez.

—

Semanas mais tarde, tendo encerrado a infrutífera busca, cruzei com o Hector na entrada da *Lounge*. Durante o bate-papo, ele mencionou o fato que eu desconhecia até então.

Acontecera na *RedHouse*, na noite anterior, o crime. A casa fora fechada para investigações. A polícia suspeitava de acerto de contas ou queima de arquivo. O corpo, encontrado no toalete do *Club*, tinha a garganta cortada, o rosto retalhado. Tiveram dificuldades em identificar o sujeito, usando paletó e sapatos brancos – um tal Tony.

Hector apontou a foto no jornal do dia que trazia na mão.

Agarrei o jornal e corri os olhos. De fato, era ele na foto, Tony, apesar do rosto parcialmente desfigurado. Estava mesmo morto, trajando branco, olhos esbugalhados, cabeça pendida para trás, degolado numa enorme poça de sangue, relatava a reportagem policial.

Reli a notícia com mórbido e sádico contentamento. Agora não precisava mais me preocupar, o desgraçado se fora, para sempre – pensei, triunfante.

Depois, segui calmamente para o bar. Pedi um duplo de uísque com gelo, que desceu redondo, de primeira. Repeti a dose, com satisfação.

Resolvi, antes de qualquer coisa e por conta própria, dar um *break*, largar tudo, tirar umas férias longe de São Paulo.

Havia algum tempo que não saía da cidade e o momento me pareceu apropriado para mudar de ares e relaxar, mesmo que por uma ou duas semanas apenas. O Rio de Janeiro sempre me atraiu e era, naquelas circunstâncias, uma boa opção. Não tive dúvida, rumei para lá sem demora.

Antes, porém, comuniquei o fato a Lola, que a contragosto concordou. Entretanto ela me advertiu, olhando-me fixamente, para que não abusasse demais da sorte desta vez. Afinal, tínhamos um trato.

Eu, de minha parte, não pretendia fazer nenhuma extravagância: somente ver o tempo passar a beira-mar, lenta e preguiçosamente, sem incomodar ou ser incomodado. Apenas isso.

Desse modo, reservei, inicialmente por uma semana, uma suíte num confortável hotel no bairro de Botafogo, a poucas quadras da orla. E assim, logo mais, me vi de bermudão, chinelo de dedo e óculos de sol na praia do Leblon (minha predileta), tomando água de coco, banhos de sol e mar durante boa parte do dia; desfilando a esmo pelos calçadões, displicentemente, entre uma e outra tentativa de paquera naquele paraíso tropical.

À noite me dirigia aos *points* badalados da Zona Sul carioca, seguindo o roteiro sugerido pelo atendente do hotel (geralmente são esses tipos que sabem das coisas).

Tentei, por duas vezes, contato com Carol, a acompanhante da filial da agência de Karl, meu antigo chefe, no Rio. Trabalháramos juntos em *swings* e *ménages*, inclusive minha primeira incursão a serviço na cidade fora com ela, atendendo ao casal do haras, isso há quatro anos. De lá para cá, muita coisa mudou, como deve ser. De qualquer modo, Carol era uma espécie de guia para mim, quando me encontrava naquelas praias.

*Comentário. Curiosamente, ela jamais estivera em São Paulo e parecia não se importar com isso, apesar dos constantes convites para hospedá-la no meu apartamento assim que desejasse.*

Com um pouco de sorte, na terceira tentativa, ela atendeu. Marcamos o encontro na Barra da Tijuca, na noite daquele mesmo

dia. Assim, por volta das dez, após o jantar e de um breve descanso, rumei para o local. Carol tinha um *appointment* naquela noite – um executivo de Fortaleza, de passagem na cidade – e chegaria mais tarde.

Aproveitei, então, para tomar uma dose de leve e apreciar o movimento. O lugar era divertido, agradável; mesmo estando quente a noite; excepcionalmente quente, diria até. Engraçado, posso senti-la ainda hoje, em toda a sua pujança, ao recordar aquele sufocante início de verão de 1998. Lembro-me de suar de escorrer. As mãos ficavam o tempo todo úmidas, pegajosas. A testa, o rosto, tudo transpirava em abundância.

Recordo ainda a estranha sensação de desprendimento, de contagiante euforia que sem ter nem por que se apoderou de mim naquela noite (*o que contrastava flagrantemente com o meu real estado de espírito*).

Na realidade, eu não tinha motivo para tanto, para me sentir *livre*, ou seja lá o que fosse, sobretudo na fase em que me encontrava. As coisas não haviam saído como o planejado. De forma alguma acontecera como o previsto. O negócio com casais fora por água abaixo, Mel me abandonara, partira para o exterior e, finalmente, eu desertara da *Lounge*, colocando um ponto final em minha carreira de *stripper*.

Havia também as circunstâncias envolvendo a morte de Tony, que me provocaram certo mal-estar, pois, se num primeiro momento a morte daquele canalha me despertou mórbida satisfação, agora eu não tinha certeza se de fato o queria morto, tal qual acabou ocorrendo.

Antes de deixar São Paulo, eu estava ansioso, um tanto paranoico, prestes a embarcar numa *brainstorming* (a chamada tempestade cerebral), numa das piores, e agora, naquele bar, com um calor dos diabos, eu sorria para tudo e para todos. Estranho, muito estranho, não fazia qualquer sentido.

Como se não bastasse, após o segundo *drink*, passei a me sentir exaltado, desmedidamente impetuoso.

A garçonete, uma linda morena risonha, com pele cor de oliva e um par de pernas de provocar inveja, me deixou excitado a ponto de insistir com ela num encontro após o expediente. A garota

apenas sorriu vaidosa, provavelmente achando engraçadas minha ousadia e extravagância, enquanto eu rabiscava no papel o telefone do hotel e o número do apartamento. Eu estava de tal forma fora de mim que me esqueci de assinar o nome.

Neste exato momento, Carol apareceu.

*(o que me deixou sem dúvida alguma ainda mais excitado).*

Para falar a verdade, quase não a reconheci no primeiro instante. Ela tingira o cabelo, estava loira, a pele hiperbronzeada cor de cacau. Além disso, muito apropriadamente para o verão, ela vestia uma minissaia curtíssima que modelava sua arrebitada e generosa bunda e, de quebra, suas pernas e coxas grossas. O top colante, por sua vez, não ficava atrás, deixando à mostra os voluptuosos seios morenos e parte das costas desnudas. Para completar, as marcas do minúsculo biquíni, naquele delicioso corpo seminu, realçavam a cor da pele bronzeada, sedutora, de dar água na boca.

Logo de saída, tomado por um impulso irrefreável, agarrei-a ali mesmo e apliquei-lhe um longo e escandaloso beijo de língua. Ela me conteve, um tanto surpresa, sem entender nada. Depois, passado o furor inicial, brindamos com entusiasmo o reencontro.

Fazia mais de ano que eu não dava as caras no Rio, e Carol, toda despachada e falante, tratou de colocar as novidades em dia. E era mais ou menos assim, se bem me recordo.

Nos últimos tempos – dissera ela – tornara-se, meio por acaso, amante de um figurão do ramo de publicidade, dono de agência e tudo mais. Era um tipo totalmente devasso e libertino que a requisitara meses antes para inversão de papéis, *strap-on*. A coisa toda acabou rendendo mais que o esperado, para sorte sua, e agora ela tinha um peixe grande nas mãos, com as entranhas recheadas de dinheiro e um sexo sujo e depravado a ser satisfeito.

A tara do sujeito, para ser mais preciso, consistia inicialmente em travestir-se, entre quatro paredes, e ser enrabado, estuprado, por uma linda mulher, com requintes de submissão e crueldade, num ritual fetichista e luxuriante. Obviamente Carol encarnava a dominadora, a *dominatrix* em ação, implacável e cruel,

que dava ordens, comandos ao escravo obediente, submetendo-o aos caprichos, desejos e perversões mais bizarros.

M. era um sodomita convicto e insaciável, não havia dúvida disso – continuou Carol. Para satisfazê-lo, tinha que lançar mão de toda sorte de apetrechos eróticos – consolos, mordanças, chicotes de couro, algemas, grampos, correntes – para desse modo, e somente assim, levar o perverso ao mais alto grau de excitação dos sentidos, de forma espetacular e libertina. Degeneração pura, absoluta depravação – finalizara ela, os olhos vidrados de excitação, acrescentando ainda que, no pé em que as coisas estavam, acabara com o correr dos meses tomando gosto pelo *negócio*.

Olhei-a cheio de tesão, excitado com a narrativa estimulante. Mas, de súbito, assim do nada, fixando-me o olhar de volúpia que eu já havia visto outras vezes, surpreendentemente Carol me fez o convite, e disse, à queima-roupa, com todas as letras, que queria foder – agora, imediatamente! Sim, queria foder comigo, no seu apartamento, a noite toda e no dia seguinte também. Então, era isso! Nada de baladas em *clubs*, noitadas nos inferninhos de Copacabana ou programas Zona Sul afora. A palavra de ordem era trepar, sem meio-termo – concluíra, com o seu jeito putana. Eu, por minha vez, topei, sem pestanejar. Era exatamente do que precisava.

*Comentário. Intuitivamente, Carol lera meus pensamentos: eu queria foder – e foder de verdade, em grande estilo, tão-somente.*

Portanto, abandonei todas as pretensões e expectativas com relação à cidade, seus encantos e seduções, apanhei as malas no hotel e dediquei o fim de semana inteirinho ao sexo, transando feito louco com Carol, no seu apartamento, atracado que fiquei ao sexo fenomenal daquela potranca, devorando e sendo devorado, até enjoar de trepar, por dois dias e duas noites, naquele verão abrasador de 1998.

Na manhã de segunda-feira, já refeito e relaxado, antecipei meu regresso e embarquei no voo das 9h45 para São Paulo. De volta para casa.

Cerca de um mês após a curta temporada no Rio de Janeiro, Velô, a travesti da Praça da República, bateu à minha porta. Apareceu feito um fantasma do passado, sem qualquer aviso. Não tenho ideia – e continuo ainda hoje não tendo – de como ela descobriu meu endereço na Rua Dona Veridiana e me encontrou derrubado, irritado e, para falar a verdade, de saco cheio de tudo, numa tarde chuvosa de quarta-feira.

Dei permissão para que subisse e esperei do lado de fora do apartamento.

Velô então apareceu. Veio sozinha, sem a pequena Patty, a drogadita e amante (Patty Beleza – lembram-se?).

Surpreso e calado, mantive posição no umbral da porta, enquanto a outra procurava se explicar, ali mesmo, no corredor, lançando mão do linguajar sujo e maloqueiro das putas e vigaristas do centro da cidade.

O que vale dizer que, a seu modo, ela me pediu repetidas desculpas pelo incômodo, garantindo que não precisava me preocupar, que estava limpa, que acertara as contas com a Justiça, com a lei. Para livrar a cara, fizera um acordo e entregara uns nomes, no caso das drogas, lá em Santos. Fora obrigada, não lhe deram escolha, senão iam fritar seu traseiro de vez; sem vaselina, claro. Com isso, a pena caíra de oito para apenas quatro anos de detenção. Levava vantagem. Nada mal.

Desse modo disse ela ter-se aguentado no xilindró, no xadrez, fazendo as vezes de namorada do chefe do pavilhão, dormindo em sua cama, lavando e costurando as roupas dele, em troca de proteção e segurança. Acabara assim, por bom comportamento, deixando a prisão antes de completar o terceiro ano. Ficara no lucro.

Ela silenciou por um instante, para tomar fôlego e avaliar o efeito das suas palavras sobre mim.

De minha parte, olhei Velô e, somente aí, mirando aquele rosto maquiado, bastante deformado, foi que percebi o quanto a traveca decaíra, envelhecera. Com certeza, três anos na cadeia faziam diferença. Eu não a via há algum tempo, mas não imaginara que se passara tanto. Apesar do gigantismo e da robustez da

traveca, as marcas (e cicatrizes) do sofrimento e da vida de cão dos últimos tempos eram visíveis em sua face.

Fiz um gesto para que entrasse, mas ela recusou, meneando a enorme cabeça. Precisava de um favor – disse, por fim, olhando-me de viés.

*(Eu já sabia do que se tratava).*

Não tinha grana para pagar o quarto do hotel. O gerente da espelunca dera dois dias de prazo, caso contrário seriam jogadas na rua.

Novamente Velô silenciou; pensou por um segundo e depois resolveu contar a história toda.

Deixara Patty de cama, no quarto do hotel, fraca e febril, quase agonizante. A infeliz ingerira uma cocaína do demônio e ficara em coma por três dias no HC. Não morrera por sorte ou talvez porque vaso ruim não quebra de jeito algum. Mas não havia muita coisa a fazer. Pensara, então, com o coração partido, em entregar a drogadita aos pais, para que cuidassem dela, mas Patty jamais a perdoaria por isso.

Em resumo – finalizara ela –, estava num beco sem saída, no fundo do poço, na merda mesmo.

Após ouvi-la em silêncio, ponderei. Depois, pedi um minuto e entrei no apartamento. Retornei em seguida, com duzentas pratas na mão, e dei o dinheiro a Velô. Ela agradeceu inúmeras vezes, histérica e espalhafatosa, e saiu sem perda de tempo, apressada, requebrante, pelo corredor.

Observei a estranha figura esgueirando-se ligeira, até perdê-la de vista. Senti pena; afinal ela não passava de uma pobre coitada, de mais uma fodida e deserdada da sorte.

Nunca mais a vi depois disso.

## 41

*Tempo de batalha, suor e de fazer dinheiro...*

Naquele ano de 1998, devo confessar, dei duro de verdade, trabalhei como nunca, feito cão, dia e noite, incansavelmente.

Encarei, e dessa vez pra valer, de frente, o negócio na agência, sem hesitação. Levei a coisa a sério, sete dias por

semana, disponível em todos os horários, não me queixando da carga de trabalho ou dos atendimentos, quaisquer que fossem.

Obviamente, Lola ficou entusiasmada com o meu empenho: eu topava tudo, não recusando nada.

Além do mais, data dessa época o meu *estabelecimento* definitivo no negócio do sexo pago, na vida de *programas* propriamente dita: dia após dia, noite após noite, eu vivia *do e para* o sexo. Não havia volta: eu era agora, mais que nunca, um profissional do prazer, um amante de aluguel, em plena atividade.

Portanto, aquele foi um tempo de batalha, suor, e também de realizações.

Tomei coragem e, apesar da carga brutal de trabalho, voltei a estudar, prestes a completar vinte e cinco anos.

No segundo semestre, não pensei duas vezes e matriculei-me no curso de Comunicação, desses de curta duração, numa faculdade particular localizada na Zona Sul, nas proximidades da agência. Conseqüentemente, meus horários ficaram todos tomados e não sobrava mais tempo para os devaneios da mente (tão frequentes nos últimos meses, diga-se de passagem).

Assim, precisava me concentrar no que fazia.

Por outro lado, havia um motivo ou, para falar a verdade, várias razões para isso, para todo esse frenesi de atividade.

Definitivamente, naquele momento, desistira da *carreira solo*, ou seja: abri mão de trabalhar por conta própria. Não estava pronto – ainda. Antes de mais nada, planejava juntar o dinheiro necessário à empresa. Com esforço, trabalho e disciplina, economizaria cada níquel, cada centavo seria poupado dali por diante – e só então pensaria o que fazer da vida.

Não aborrecerei o leitor com exaustivas descrições acerca da rotina de trabalho a que me submeti, das pressões sofridas, das atividades extras, dos atendimentos de última hora etc.

*Certamente, houve casos e episódios dignos de nota, por esse ou aquele aspecto, ou detalhe curioso; mas isso fica para outra ocasião, se o leitor assim me permitir.*

Desse modo, finalizando, basta dizer que naquele ano de 1998, ao fazer a estatística, a contabilidade (coisa que costumo deixar sempre em dia), no cômputo geral, seguramente me deitei



com mais de trezentas e trinta mulheres – entre solteiras, casadas, viúvas, divorciadas, de todos os perfis e idades – a quatrocentas pratas (preço da agência) o programa de hora e meia. Assim aconteceu, para efeito de registro e referência. É isso.

## 42

### *Mulheres ricas são meticulosas, exigentes e seletivas*

1999 foi também um ano de trabalho. Dei prosseguimento ao projeto iniciado anteriormente, cuja meta era ganhar (e poupar) dinheiro, mas fui mais devagar, sem o ritmo alucinado de antes.

Até meados de 2000, levei muito a sério essa missão. Porém, como tudo tem um preço (e muitas vezes ele é alto), acabei descuidando de outros aspectos da vida. Na prática, eu vivia para o trabalho – e só *acidentalmente* cursava faculdade, que seria concluída, sem que me desse conta, ainda naquele ano.

Com isso, minha vida social (e ocupação principal) passou a ser o sexo; os programas diários com mulheres, às vezes casais, em hotéis, motéis, *flats*; os encontros agendados em reservados de boates, restaurantes, cafés, academias, *shoppings centers*, estacionamentos *VIPs*, lojas de conveniência etc.

Não era raro acontecer três a cinco atendimentos ao dia. Tinha assim que me desdobrar nas tarefas (do social ao sexo, do sexo ao social), e isso demandava esforço e aplicação redobrados.

Além do mais, mulheres ricas são meticulosas, exigentes, seletivas. Por isso mesmo, buscam sigilo, segurança (e também variedade), recorrendo a agências de modelos e acompanhantes. Existem, é claro, as aventureiras, desmioladas, que agem por impulso ou pelo puro *apelo sexual*, ou motivadas ainda pela traição, pelo desespero ou vingança – mas essa não é a praxe na sociedade endinheirada e pragmática.

Desse modo, ao longo de anos de experiência e observação, posso afirmar, sem hesitação, que a maior parte das mulheres com quem me relacionei *profissionalmente* entrava no jogo sabedora das regras: o objetivo era o prazer, a fantasia erótica e, sobretudo, muito sexo.

A fórmula básica era esta: sem envolvimento emocional de qualquer natureza, apenas financeiro. A regra continua valendo. Não podia nem devia ser mudada, sob pena de consequências indesejáveis, como foi o caso fatal, terrível, envolvendo Doug e Isadora, que ensejou trágico desfecho.

À época, vale recapitular, Isadora fulminou com dois tiros de pistola o objeto do seu desejo, num hotel nas imediações do Largo São Francisco. Na verdade, Doug morreu por se recusar a amar uma mulher cega de paixão, imersa em doentio ciúme. Na impossibilidade de possuí-lo, ela o destruíra de vez, e também a si mesma, tirando a própria vida. Insensatez pura, desatino cruel.

De minha parte, houve uma situação que de cara me deixou apreensivo, com a pulga atrás da orelha, se assim posso me expressar. E ela tinha um nome: Bárbara.

### 43

#### *Bárbara: uma proposta de exclusividade*

Ora, Bárbara seria uma entre tantas outras clientes, que sequer guardei o nome e as feições, se não fosse um detalhe que me chamou a atenção ainda no primeiro programa. De forma sugestiva (ela era bastante hábil com as palavras), dera a entender que tencionava, no curto prazo, selecionar um amante exclusivo, a partir de características enumeradas meticulosamente, com irrepreensível e curiosa convicção.

Num primeiro momento, não dei importância ao fato (acreditei tratar-se de blefe ou charme feminino); além do que já ouvira essa conversa de outras mulheres, principalmente no clamor do sexo, no auge do tesão. Não era, para mim, novidade.

Contudo, nos encontros seguintes, sempre no luxuoso apartamento duplex do Itaim Bibi, para me impressionar, ela inicialmente presenteou-me com uma joia, uma bela corrente de ouro; depois recebi um extra pelo atendimento. Por fim, Bárbara fez a proposta, agora sem deixar dúvida de suas reais intenções.

Fiquei sem ação num primeiro momento, pois fora pego de surpresa, apesar das deixas e insinuações anteriores. Não sabia o que dizer. Ela completou dizendo que teria uma semana para me decidir; caso contrário, partiria para outra. Portanto, não havia

dúvida de que Bárbara falava a verdade: a proposta era séria, tentadora – e estava valendo.

Logo mais, recobrada a presença de espírito, me mostrei lisonjeado, envaidecido com a oferta. Afinal eu estava a um passo de me tornar amante de Bárbara – rica, refinada balzaquiana. E o que era melhor: não fizera nenhum esforço para isso, além de preliminares, um toque de sedução e, obviamente, sexo da mais alta qualidade (sem falsa modéstia).

Bem, a situação era de fato promissora, vantajosa mesmo, quando vista do ângulo positivo.

Por outro lado, a lembrança do acontecido ao Doug (seu trágico fim) despertava em mim uma onda de pensamentos recorrentes, de dúvidas e incertezas. No íntimo, eu sabia dos riscos do negócio, das exigências e inevitáveis cobranças que viriam com o tempo, caso me tornasse amante da mulher. Ser exclusivo é estar amarrado, preso a alguém ou a alguma coisa – eu sabia disso.

Curiosamente, tempos atrás na *Les Girls*, eu encontrara Hector, o *ex-stripper* da *Lounge*, numa situação parecida. À época ele estava em ótima fase e quase não o reconheci no instante da abordagem. Mais magro, usando uma barbicha esquisita no queixo, parecia satisfeito consigo mesmo e ansioso por partilhar essa satisfação.

Ele então me relatou seu caso com Sílvia, uma dona do Pacaembu, empresária e consultora de moda, como manda o figurino. A mulher propiciava-lhe boa vida, e dinheiro não era problema. As exigências e obrigações não eram tantas, nada de extraordinário: sexo convencional três vezes na semana, além de idas e acompanhamentos a lugares finos – festas, jantares, *vernissages*, eventos de moda. Chegara até mesmo a desfilas para a sua *grife* nas passarelas.

Sem dúvida Hector era um sujeito esperto e também um amante experiente. Sabia tratar e manter uma mulher, na cama e também fora dela. Não era para qualquer um. Ao que parece, ele agarrara a oportunidade com unhas e dentes. E com razão. Não é toda hora que a sorte bate à porta.

Bem, na sequência dos dias, após o último encontro com Bárbara, esses e outros pensamentos e divagações perpassaram

minha mente. Ora a balança pendia para um lado, ora para o outro. Fiquei *na minha* e digeri a situação aos poucos, sem atropelos. Meu temperamento cauteloso, reservado, obrigava-me a pensar e repensar os fatos, antes de tomar qualquer decisão. Não gostava de precipitar as coisas. Esse traço da minha personalidade sempre me acompanhou e contribuiu, em grande medida, para o meu sucesso, para me tornar o que me tornei.

Sendo assim, procurei me informar a respeito de Bárbara.

Ela, por sua vez, habilmente fizera mistério, quando dos nossos encontros, mostrando-se evasiva e reticente na maioria das vezes. Eu não sabia nada sobre sua condição, ocupações etc. Sabia apenas que era empresária (?) e ex-mulher de político, um senador do Paraná. Até aí, tudo bem. Na prática, não significava muita coisa.

Na agência, por outro lado, também não havia nada. Isso porque as clientes recebiam senhas (protocolos de atendimento) e eram assim identificadas por números, sem cadastro ou registro. Desse modo o anonimato era preservado, completo.

*Comentário. É bom lembrar que anonimato e impessoalidade regem o negócio de acompanhantes high-class. E assim de fato era, nos padrões a que estava acostumado.*

Portanto, não conseguiria informação relevante ali. Com certeza, nem o telefone celular que Bárbara gentilmente me passara antes.

Tive ímpeto de ligar e marcar um encontro ainda naquela semana, mas abandonei a ideia no instante seguinte. Liguei sim para Hector e combinamos um *drink* na *Les Girls* sexta à noite. Fazia *uma cara* que eu não aparecia por lá.

Como já disse, em razão do ritmo frenético de trabalho, principalmente do último ano, não sobrava muito tempo para lazer e descontração. Ir a hotéis, motéis, *flats*, boates, restaurantes, cafés, era, para mim, pura rotina profissional – fazia parte do negócio. Quando muito, após um exaustivo dia de atendimentos, me dirigia ao Café São Paulo, nas imediações do Metrô Santa Cecília, para uma bebida de fim de noite, antes de retornar ao apartamento na Rua Dona Veridiana. Depois, mergulhava direto nos lençóis, totalmente exaurido, caindo em sono profundo. Na manhã seguinte,

acordava por volta das oito, fazia um ligeiro desjejum e já era hora do plantão na academia. Cerca de duas horas de ginástica e musculação, e os exercícios físicos me deixavam plenamente em forma para assim poder, uma vez mais, suportar a maratona sexual do dia.

Portanto, eu estava de fato cansado de toda aquela rotina de compromissos e atendimentos meses a fio. Ir à *Les Girls* me faria bem, pensei. Precisava quebrar o jejum, me divertir de verdade, pra valer.

Assim, sem pensar duas vezes, livre e desimpedido, me dirigi para lá naquela noite. A bem da verdade, eu queria *ficar* exatamente como o diabo gosta.

#### 44

##### *Uma sociedade inusitada*

Na *Les Girls* me senti novamente em casa. Cheguei cedo, apesar do encontro marcado à meia-noite. O movimento era ainda fraco. Acomodei-me no bar. Pedi uísque com gelo e, despreocupadamente, deixei o clima rolar.

Soube ali, através do sujeito que me serviu, que o Roy, o popular *barman* da casa (ele era uma atração à parte na *Les Girls*), deixara a boate e se estabelecera em terras nordestinas, no Rio Grande do Norte.

Roy era um cara legal e procurei me inteirar sobre o que se passara durante a minha ausência. O sujeito notou meu interesse e disposição para ouvir, e aí continuou falando.

Agora, ao que tudo indicava, Roy tornara-se proprietário de um clube a beira-mar, em Natal, e se metera no negócio de turismo sexual, sobretudo para estrangeiros. Acertara sociedade com um holandês radicado no país. O sujeito conhecia do ramo, possuía uma agência de turismo e tinha contatos na Europa e nos EUA.

*Coisa lucrativa, líquida e certa* – afirmara Ed (era esse o nome do *barman*).

Enquanto Ed falava, imaginei o Roy, aquele maluco de Porto Alegre, um gaúcho de dois metros de altura, enorme e

desajeitado, comandando um clube noturno no norte do país, recrutando garotas nordestinas para programas com gringos recheados de dólares, confeccionando seus *drinks* tropicais, seus incríveis *cocktails* coloridos, gesticulando freneticamente os longos braços no ar, dando ordens, comandos e assim por diante.

Fiquei tentado em voar para lá, para o Nordeste, de surpresa, só para revê-lo e dar uma espiada nas coisas. Ele prepararia um *drink* especial para mim, sem que precisasse pedi-lo, e o restante da noite passaria falando sobre a odisseia nordestina em que se metera.

Certamente o maluco do Roy devia estar mesmo se dando bem. *E merecidamente*, pensei.

Neste instante, a música vinda do palco chamou minha atenção e retornei da rápida viagem ao Nordeste.

Virei-me devagar, guiado pelo som. A *stripper* loura, seminua no centro do palco, dançava languidamente ao sabor da música sussurrante. Sinuosamente, ela remexia-se dos pés à cabeça, *sexy*, sedutora, para a entusiástica plateia de *voyeurs*. Sem dúvida a *Les Girls* continuava uma das melhores. Era isso aí.

Cerca de duas horas mais tarde, quando me preparava para outro uísque, o quarto de uma série, Hector apareceu. Vinha acompanhado de um sujeito de óculos, um tipo completamente míope e de expressão degenerada, desses que fazem sexo com melancia, que se masturbam em cima de tumbas nos cemitérios na calada da noite. Bastava simplesmente olhar a cara do aloprado para não restar qualquer dúvida disso.

Pedi nova rodada de bebidas, agora para três, enquanto Hector fazia as apresentações.

Desse modo, inicialmente sem muita convicção, conheci Nando, o bizarro e pervertido onanista, no inesperado daquela noite na *Les Girls*.

Por incrível que pareça, foi exatamente ali, horas depois, entre um *strip-show* e outro, num encontro regado a uísque e muita empolgação, que nasceu a [www.microsex.com.br](http://www.microsex.com.br).

Fundamos assim, virtualmente, a empresa que mudaria o rumo das nossas vidas nos próximos anos.

Contrariando meu julgamento inicial, Nando era, além de masturbador compulsivo, um viciado em pornografia virtual – sua especialidade e obsessão. Como pude comprovar, conhecia realmente tudo sobre o assunto. Navegava nos *sites* eróticos e pornográficos, principalmente americanos, e afirmava saber como projetá-los e desenvolvê-los, pois dominava a tecnologia dos *softwares*, a arquitetura dos programas. Estava assim determinado, apesar da aparência estranhíssima, de um *quase* idiota, a ganhar dinheiro com a *web*, a *rede*.

De minha parte, na época a internet era mistério para mim, uma completa incógnita, mas fiquei fascinado desde o primeiro instante com a ideia. Não sei se o efeito da bebida contribuiu para o meu desenfreado entusiasmo, porquanto, de resto, fechamos negócio naquela mesma noite, ou melhor, no final dela.

Nas semanas seguintes, nosso *especialista* apresentou a primeira versão do que seria nosso futuro *site* erótico. Era algo ainda incipiente, *visualmente pobre*, se comparado aos sofisticados sites pornôs americanos.

Por outro lado, não perdi tempo e comprei um microcomputador turbinado, de última geração, com tudo o que tinha direito, para navegar na *web* nas horas de folga (o que acabou, na prática, se tornando rotina para mim dali por diante). Hector, da mesma forma, seguiu o exemplo, e a coisa engrenou de vez.

Em pouco tempo havíamos alugado um conjunto comercial na região central da cidade (onde o aluguel saía mais em conta), montado a infraestrutura e definido o projeto em suas linhas gerais. O investimento em tecnologia era o que mais pesava e retardou um pouco nossas ambições imediatas. Mas foi melhor assim. A coisa amadureceu e acabou dando certo meses depois.

Enquanto isso, na agência, reduzi pela metade o ritmo de minha atividade. Lola queixou-se, reclamosa, aborrecida, mas aleguei *stress* e fadiga. Eu dera o melhor de mim nos últimos três anos e precisava tirar o pé do acelerador – argumentei por fim. Contrariada, ela acabou concordando com as minhas razões.

Eu economizara um dinheiro razoável, nada desprezível, durante aquele período, e estava decidido – para todos os efeitos.

Nada me deteria desta vez. As reuniões com os meus sócios aconteciam diariamente e muito em breve passaríamos a fazer parte do negócio do sexo virtual.

Ah, quanto a Bárbara e sua proposta de exclusividade, de me fazer seu amante fiel e exclusivo, disse-lhe simplesmente que não estava interessado.



# Interatividade

## 1

*Afinal, um homem de negócios do futuro*

Em meados de 2001, com a chegada do novo milênio e em razão do espírito empreendedor que se apossara de mim na época, eu me sentia verdadeiramente o próprio *homem de negócios do futuro*. E não era para menos. O clima de autoconfiança dominava as expectativas e tudo parecia promissor.

Sem que me desse conta do fato, nos últimos tempos eu me transformara em um voraz consumidor de tecnologia, vivendo de produtos e serviços fornecidos pela poderosa indústria da informação *high-tech* globalizada.

Telefones celulares de última geração, câmera digital japonesa, PCs turbinados, *notebooks* importados, além de outras tralhas tecnológicas, como *webcam*, *palmtop*, *pen drives* etc., eram agora itens indispensáveis, por assim dizer, à minha *sobrevivência* – faziam parte da rotina do dia a dia, em casa e no escritório da *MICROSEX*.

A internet era o negócio do momento. *Do futuro* – afirmavam os visionários. *E nós estávamos lá!* Isso era o que realmente importava.

No segundo semestre daquele ano, nosso *site* entrou em operação sem mais atrasos. Foi simplesmente o máximo poder navegar pelas *páginas*, acessar o conteúdo disponível. A coisa estava plenamente operacional, 24 horas *online*, sete dias na semana – e funcionava, de verdade! Oferecíamos um serviço de acompanhantes totalmente diferenciado dos demais, da concorrência. A estratégia deu certo.

Se no início as consultas ao *site* eram reduzidas e poucos negócios eram fechados. Com o tempo, porém, as coisas foram melhorando, graças ao talento e à obstinação do nosso *expert* em internet, em *pornografia virtual*.

Sem dúvida, sexo continua – e será sempre – um bom negócio. Lucrativo e rentável, quando explorado adequadamente. Contudo, agora os meios utilizados faziam, mais que nunca, a diferença.

Desse modo, enquanto Nando cuidava de toda a parafernália tecnológica, Hector e eu ficamos responsáveis diretamente pelos atendimentos externos e *appointments*. Os programas, meticulosamente agendados, garantiam satisfação total. Nada de amadorismos ou improvisos. Contratamos bons garotos e garotas de *programa* através de um rigoroso processo de seleção, que demandou certo tempo, mas funcionou, deu certo. Portanto, oferecíamos sexo e fantasia; prazer e erotismo – da melhor qualidade.

Para completar, o *site* disponibilizava, através da rede, galeria de fotos eróticas, vídeos pornôns, anúncios de internautas e salas de bate-papo – os *chats*.

E assim tocamos o barco. Sempre para frente, navegando...

## 2

### *O adeus a Lola*

Após o inesperado sucesso do negócio, e de meses de trabalho duro, havia ainda outro ponto pendente, que estava na ordem do dia e não podia ser mais adiado. Chegara o momento de desligar-me definitivamente da agência. Era algo necessário e ao mesmo tempo inevitável. Foram cinco anos de trabalho na casa, que me renderam experiência e aprimoramento, além de um bom dinheiro, mas não havia outro jeito. Eu já andava com as próprias pernas e devia seguir meu caminho. Eu sabia disso; Lola também.

Ela, por sua vez, não se surpreendeu com o fato, quando fui lhe falar numa tarde chuvosa de dezembro. Apenas desejou-me boa sorte no instante da despedida.

Em seguida, comprei o apartamento em Moema, onde atualmente resido de forma discreta e insuspeita. Para todos os efeitos, sou apenas um vendedor de automóveis e trabalho numa concessionária de veículos na zona sul da cidade. É isso.

## 3

### *Do início ao fim*

Pois bem. Apesar das inevitáveis falhas e lacunas dos registros e anotações feitas ao longo do tempo, o término da narrativa está próximo. Não há muito mais o que dizer. O propósito confessional deste relato foi cumprido, considerando a data estabelecida – data em que completo trinta anos.

No mais, essas *confissões* serviram, dentre outras coisas, e de algum modo, para compreensão e apaziguamento interior. Como disse no início, minha vida privada se confunde intimamente com a minha *profissão*: amante de mulheres, gigolô, *loverboy*,

*escort* etc. Não importa o nome. Nome se dá e se recebe. É só. Basta.

Mas, realmente, o que importa? O que sou, afinal? Um profissional do prazer? Um amante do sexo? A resposta é afirmativa. Sim, é o que sou. Sexo é a minha especialidade, é o meu negócio, é o que gosto de fazer. Por isso não me arrependo, de maneira alguma, de ter me tornado, ao longo desses anos de existência e aprendizado, o que me tornei. Um verdadeiro amante de mulheres. Um *homem erótico*. Do início ao fim.

**Fim**